

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM PERFORMANCES CULTURAIS

ROSANA DE FREITAS MESQUITA BITENCOURT

MEMÓRIA E PRÁTICAS TRADICIONAIS NA FOLIA DE REIS DE URUCERES-GO

GOIÂNIA – GOIÁS

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese

2. Nome completo do autor

Rosana de Freitas Mesquita Bitencourt

3. Título do trabalho

Memória e práticas tradicionais na folia de Reis de Uruceres-GO

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Sebastião Rios Corrêa Júnior, Professor do Magistério Superior**, em 06/07/2020, às 17:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **ROSANA DE FREITAS MESQUITA BITENCOURT, Usuário Externo**, em 07/07/2020, às 17:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1406520** e o código CRC **A4BE3C9B**.

ROSANA DE FREITAS MESQUITA BITENCOURT

MEMÓRIA E PRÁTICAS TRADICIONAIS NA FOLIA DE REIS DE URUCERES-GO

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais (FCS) da Universidade Federal de Goiás (UFG), como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, para obtenção do título de Mestre em Performances Culturais.

Linha de Pesquisa: Teorias e Práticas das Performances.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Rios Corrêa Júnior.

GOIÂNIA – GOIÁS

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Bitencourt, Rosana de Freitas Mesquita
Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO
[manuscrito] / Rosana de Freitas Mesquita Bitencourt. - 2020.
157 f.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Rios Corrêa Júnior .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em
Performances Culturais, Goiânia, 2020.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui mapas, fotografias, lista de figuras.

1. Folia de Reis. 2. Memória. 3. Performances Culturais. 4.
Práticas tradicionais. 5. Modos de ensinar e aprender. I. , Sebastião
Rios Corrêa Júnior, orient. II. Título.

CDU 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 10 da sessão de Defesa de Dissertação de Rosana de Freitas Mesquita Bitencourt, que confere o título de Mestra em Performances Culturais, na área de concentração em Performances Culturais.

Aos vinte e cinco dias do mês de junho de dois mil e vinte, a partir das quatorze horas, via webconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "Memória e práticas tradicionais na folia de Reis de Uruceres-GO". Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor Sebastião Rios Corrêa Júnior (UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Jadir de Moraes Pessoa (UFG), membro titular externo; Professora Doutora Vânia Dolores Estevam de Oliveira (UFG), membro titular interna, cujas participações ocorreram através de videoconferência. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Sebastião Rios Corrêa Júnior, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Sebastião Rios Corrêa Júnior, Professor do Magistério Superior**, em 25/06/2020, às 16:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vânia Dolores Estevam De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 25/06/2020, às 16:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **JADIR DE MORAIS PESSOA, Usuário Externo**, em 25/06/2020, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1401895** e o código CRC **82F93A66**.

Referência: Processo nº 23070.027673/2020-31

SEI nº 1401895

DEDICATÓRIA

Aos meus avós: Filomena (Dona Nena), Graciana e Vergínio,
que já não se encontram fisicamente entre nós, mas que,
com sabedoria, carinho e amor, me conduziram pelos
caminhos da fé católica e são responsáveis por
minhas memórias de terços, rezas, novenas,
Folias de Reis e benzeções.

A todos os foliões de Uruceres que também não se encontram
mais entre nós, mas que com fé, devoção e respeito aos
Santos Reis conseguiram transmitir a importância do
Festejo da Folia de Reis para as pessoas que
atualmente são responsáveis por manter
viva essa tradição no povoado.

A meus pais, que caminharam comigo nesta jornada
Encantadora, que é o giro da Folia de Reis, da saída
à recolhida, e me mostram a importância da fé,
da devoção e do reencontro com os amigos!

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, minha base e meu porto seguro! Agradeço aos meus pais, Manoel e Lúcia Beatriz, sinônimos de amor e cuidado, por tudo que eles representam para mim e por todo apoio e suporte que me dão nessa jornada que se chama vida (muitas vezes eles acreditam mais em mim que eu mesma). Pela alegria de viver, por gostar de festejar, de reencontrar os amigos e por mostrar a importância da família e da fé.

Agradeço aos meus irmãos, Simone e Fernando, pelo suporte, pela compreensão, pelo companheirismo e carinho. Agradeço ao meu marido e companheiro de jornada, Cristiano, por me apoiar, por acreditar em mim e por me dar amor. Agradeço às minhas filhas, Sofia e Júlia, primeiro por serem minhas filhas, minhas lindas, e por me ensinarem a amar e a entender a diferença. Sei que não foi fácil para nós esse período do mestrado, mas chegamos ao fim. Obrigada pelo apoio e pela compreensão de vocês.

Agradeço também à família que ganhei com o casamento, principalmente à minha sogra Amélia, por todo apoio, pela torcida e pelas orações. Agradeço à minha amiga desde os tempos de graduação, Christiane Gonçalves Costa, por sempre me acolher e por ter me apresentado o Programa de Mestrado em Performances Culturais.

Agradeço a todos os foliões, em especial ao Wemerson, coordenador do grupo, que mesmo sem me conhecer autorizou a pesquisa e me deu suporte durante todo esse período do mestrado, seja durante o giro, por telefone ou em outros tantos momentos. Agradeço a cada folião que tirou um tempinho para conversar comigo, falando de fé, devoção e contando histórias sobre a folia, e aos que me concederam as entrevistas, tão importantes para o meu trabalho: Ademar, Joaquim Santana, Benedito, Martins Pereira Neto, Alaor (Dedé), Fernando, Ornelino (Soró), João Jair, Taiane, Daniele, Ana Paula, Ângela e Juliana. Que vocês continuem firmes no ofício de manter a tradição da Folia de Reis em Uruceres.

Agradeço a todos os professores do mestrado por transmitirem tanto conhecimento e a todos os colegas que compartilharam suas ideias e sugestões a fim de contribuir com meu trabalho. Agradeço, em especial, à Profa. Dra. Vânia Dolores

Estevam de Oliveira, que foi fundamental para a redefinição do meu projeto, e por aceitar fazer parte da minha banca de qualificação, trazendo grandes contribuições para esse trabalho. Agradeço ao professor Jadir de Moraes Pessoa, por também ter aceitado fazer parte de minha banca de qualificação, e por todas as contribuições importantíssimas para meu trabalho, com seu olhar de folião e profundo conhecedor do tema.

Agradeço também ao meu orientador, Sebastião Rios, por toda paciência, pelas dicas e pelos questionamentos que me fizeram pensar e repensar toda a minha trajetória de construção dessa dissertação. Com sua visão de folião e pesquisador, me levou a questões nunca imaginadas por alguém que participava da folia como mera expectadora, como eu. Mostrou-me que esse universo é muito mais complexo do que eu podia imaginar e muito bonito também.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a Deus e aos Santos Reis, por me guiarem nessa jornada de conhecimento e por me darem forças para prosseguir, mesmo nos momentos mais difíceis.

RESUMO

O presente trabalho tem como foco analisar o processo de transmissão das tradições culturais da Folia de Reis de Uruceres – GO, como os foliões atuais aprenderam e como eles repassam o conhecimento sobre o ritual da Folia de Reis, tanto no que diz respeito à organização da festa quanto aos momentos rituais em si, o percurso, suas canções, seus símbolos e sua importância para o grupo. Trata-se, mais especificamente, de um estudo da memória: memória individual dos participantes dos festejos e memória coletiva do grupo de Folia. Nesta festa religiosa, que apresenta ritos do catolicismo popular, são compartilhados sentimentos, conhecimentos e normas coletivas do grupo, que são sedimentados, recuperados e reativados nos processos rituais, e suas performances estão presentes em cada edição da festa. Estes festejos populares trazem consigo significados que constroem a identidade dos grupos que os realizam. Existem vários grupos de Folias de Reis no Brasil, cada qual com suas particularidades, mas todos com o mesmo propósito, que é homenagear os Santos Reis através da fé e da devoção. Nessa homenagem aos Santos Reis, ano após ano, há uma reativação da memória coletiva e individual dos indivíduos pertencentes à comunidade onde a festa acontece. O lugar recebe a marca do grupo e vice-versa. A Folia do povoado de Uruceres, que é nosso tema de estudo, é única, porque recebe a marca do lugar e das pessoas que nele vivem. Mesmo fazendo a releitura de um rito tão antigo e seguindo uma tradição secular, seus membros recorrem à memória, respaldada pela tradição, para dar continuidade ao festejo. Nosso foco é compreender como a memória auxilia na manutenção da tradição cultural e na formação da identidade desse grupo e também como se dá o processo de aprendizagem do ritual e de suas normas. Outro ponto de interesse do estudo é entender como se estabelece o processo ritual da Folia de Reis do grupo da tradicional Folia de Uruceres e, por meio dele, compreender quais fatores contribuem para a resistência dessa tradição no povoado.

Palavras-chave: Folia de Reis. Memória individual. Memória coletiva. Festejos populares.

ABSTRACT

The present work focuses on analyzing the process of transmitting the cultural traditions of the Folia de Reis de Uruceres - GO, how the current revelers learned and how they pass on knowledge about the ritual of the Reis Revelry, both with regard to the organization of the party about the ritual moments themselves, the route, their songs, their symbols and their importance to the group. More specifically, it is a study of memory: individual memory of the participants in the festivities and collective memory of the Folia group. At this religious festival, which presents rites of popular Catholicism, feelings, knowledge and collective norms of the group are shared, which are sedimented, recovered and reactivated in the ritual processes, and their performances are present in each edition of the festival. These popular celebrations carry meanings that build the identity of the groups that carry them out. There are several groups of Foliás de Reis in Brazil, each one with its particularities, but all with the same purpose, to honor the Holy Kings through faith and devotion. In this homage to Santos Reis, year after year, there is a reactivation of the collective and individual memory of individuals belonging to the community where the party takes place. The place receives the brand of the group and vice versa. The Foliage of the village of Uruceres, which is our subject of study, is unique, because it receives the mark of the place and of the people who live there. Even when re-reading such an old rite and following a secular tradition, its members resort to memory, backed by tradition, to continue the celebration. Our focus is to understand how memory helps in the maintenance of cultural tradition and in the formation of the identity of this group and also how the ritual learning process and its norms take place. Another point of interest in the study is to understand how the ritual process of the Folia de Reis group of the traditional Folia de Uruceres group is established and, through it, to understand which factors contribute to the resistance of this tradition in the vil.

Keywords: Folia de Reis. Individual memory. Collective memory. Popular celebrations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fotos da missa na Fazenda Alegrete	p. 38
Figura 2 - Fotos das celebrações da palavra	p. 39
Figura 3 - Fotos da missa na Fazenda Sucuri	p. 39
Figura 4 - Mapa da Marcha para Oeste	p. 45
Figura 5 - Mapa do estado de Goiás	p. 46
Figura 6 - Localização do município de Uruana (Google Maps)	p. 46
Figura 7 - Mapa aéreo da cidade de Uruana (Google Maps)	p. 47
Figura 8 - Mapa aéreo do distrito de Uruíta	p. 48
Figura 9 - Mapa aéreo do distrito de Uruceres	p. 49
Figura 10 - Fotos do Sr. Alexandre e de seu filho Marcelo.....	p. 53
Figura 11 - Fotos dos foliões Benedito e Santana	p. 63
Figura 12 - Foto do Martins Neto (viola) e do Ademar (pandeiro)	p. 65
Figura 13 - Foto com Soró (sanfona), Wemerson e Martins Neto (viola)	p. 69
Figura 14 – Foto com Ademar, seu filho Maurício e seus netos	p. 71
Figura 15 - Cartaz de divulgação da Festa de Folia de Uruceres	p. 76
Figura 16 - Foto da bandeira	p. 82
Figura 17 - Fotos dos presépios	p. 83
Figura 18 - Fotos dos presépios	p. 84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 BREVE DESCRIÇÃO DA FOLIA DE REIS.....	25
1.1 APRESENTAÇÃO DA FOLIA DE REIS EM URUCERES.....	32
1.2 FOLIA DE REIS E O CATOLICISMO POPULAR NO BRASIL: TRADIÇÃO E RESISTÊNCIA.....	36
1.3 O MUNICÍPIO DE URUANA E O POVOADO DE URUCERES.....	43
1.3.1 O município de Uruana.....	43
1.4 OS GRUPOS DE FOLIA DE URUCERES.....	49
2 MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	57
2.1 BASES TEÓRICAS SOBRE MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	57
2.2 O PAPEL DA MEMÓRIA NA TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO.....	67
2.3 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E REVERÊNCIA AOS ANTEPASSADOS.....	73
2.4 OS SÍMBOLOS DA FOLIA E SUA IMPORTÂNCIA NOS RITUAIS.....	81
3 MODOS DE ENSINAR, APRENDER E PERFORMAR NA FOLIA DE REIS.....	89
3.1 OS RITUAIS DA ORGANIZAÇÃO DA FESTA DA FOLIA DE REIS.....	91
3.2 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO RITUAL DA FOLIA DE REIS.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS.....	110
APÊNDICE.....	114
ANEXOS.....	128

INTRODUÇÃO

A ideia desta dissertação nasceu da vivência da pesquisadora nesta região do estado e da vontade de entender como as tradições culturais da Folia de Reis são passadas de geração a geração, por meio da fé e da devoção de um povo pelos Santos Reis. Nasci em Goiânia, mas, em minhas férias escolares, sempre ia para Uruceres, onde meus avós moravam. Como a Folia de Reis de lá gira entre os dias 31 de dezembro a 6 de janeiro (dia de Santos Reis), participavam do festejo todos os anos, indo aos pousos da folia ou recebendo o grupo na casa dos meus avós durante o giro dentro do povoado.

Por meio dessa primeira observação e convivência, tinha uma visão superficial do processo do ritual da Folia. Como pesquisadora, contudo, desenvolvi o interesse em conhecer e analisar de forma mais ampla todo o processo sociocultural dessa festa que mobiliza um pequeno distrito do interior do estado de Goiás. Tinha interesse também em registrar esse processo, a fim de preservar a memória desse grupo e divulgar a festa, trazendo minha pequena contribuição ao esforço despendido pelos foliões para que não se perca no tempo.

A escolha do universo de pesquisa voltado para a Folia de Reis do distrito de Uruceres-GO, o qual ainda mantém muitas tradições rurais, está relacionada à falta de estudos ou mesmo de uma documentação organizada sobre as manifestações performativas e culturais nessa região. Assim, espero que esta dissertação seja um primeiro passo no preenchimento dessa lacuna.

Esses festejos populares trazem consigo significados que constroem a identidade dos grupos que os realizam. Os grupos de Folias de Reis, cada qual com suas particularidades, têm o mesmo propósito: homenagear os Santos Reis através da fé e da devoção. Nessa homenagem aos Santos Reis, ano após ano, há uma reativação da memória coletiva e individual dos indivíduos pertencentes à comunidade onde a festa acontece. O lugar recebe a marca do grupo e vice-versa. A Folia do povoado de Uruceres, que é nosso tema de estudo, é única, porque recebe a marca do lugar e das pessoas que nele vivem. Mesmo fazendo a releitura de um rito tão antigo e seguindo uma tradição secular, seus membros recorrem à memória, respaldada pela tradição, para dar continuidade ao festejo.

Em Uruceres já existiram dois grupos de Folia de Reis: o grupo da Folia dos Martins Pereira e o grupo da Folia dos Lopes. O foco do presente estudo sempre foi o grupo dos Martins Pereira, por ser o grupo mais antigo e mais tradicional que gira dentro do distrito e nas fazendas próximas. Além disso, logo no início da pesquisa, descobri que o grupo da Folia dos Lopes não existia mais. A última vez que o grupo girou foi em 2010, ano da morte de seu folião mais antigo, o embaixador José Alves da Silva, mais conhecido como Zé Alaor. Alguns integrantes do grupo dos Lopes passaram, então, a integrar o grupo dos Martins Pereira, e o grupo passou a se chamar “Tradicional grupo de Folia de Reis de Uruceres”.

Atualmente, a Folia de Reis de Uruceres é comandada e integrada por foliões hoje residentes em várias cidades do estado de Goiás e de Mato Grosso. São, entretanto, filhos, netos, bisnetos, sobrinhos e afilhados dos primeiros puxadores da folia, que residiam em Uruceres. Todo ano, no período da festa, eles voltam para o povoado para cumprir sua obrigação de folião. Esse processo tem relação direta com o êxodo rural, que fez com que muitas famílias saíssem das pequenas cidades e povoados e fossem para as cidades maiores em busca de trabalho e melhores condições de vida.

O grupo é composto por pessoas muitas vezes iletradas, principalmente no início de sua formação. Por isso não há registros escritos com detalhes sobre as raízes desta tradição que perdura até hoje em Uruceres. O rito é transmitido, principalmente, por meio da oralidade e segundo os foliões do grupo. Essa Folia tem mais de 80 anos, de acordo com as histórias contadas por seus antepassados.

Destarte, a manutenção do ritual depende da memória individual e coletiva do grupo. Apesar de não haver preocupação com o registro formal do rito por meio da escrita e outros suportes, observa-se a preocupação com a permanência da tradição, principalmente pelos foliões mais velhos.

O giro da Folia de Reis do grupo dos Martins Pereira continua acontecendo entre os dias 31 de dezembro e 6 de janeiro, dia de Santos Reis. Muitos foliões residem em cidades como Jaraguá, Heitorai, Rianópolis, Anápolis, Uruana, Goiânia, Brasília e até em Guarantã do Norte, no estado de Mato Grosso. No período da festa, os foliões regressam para Uruceres para participar dos festejos. O povoado, que é pequeno e tranquilo, nos dias da festa, fica bem movimentado, por ser um momento de devoção e de reencontro entre gerações. Amigos e parentes que saíram do povoado em busca

de melhores condições de vida, mas que nunca se esquecem de suas raízes, voltam para participar da tradicional festa da Folia de Reis.

Segundo Rios (2017), “os grupos de Folia de Reis preservam, há várias gerações, cantos, toadas e batidas com as cores e sabores específicos das localidades em que surgiram e das circunstâncias de sua difusão”. Por isso a importância de se estudar os grupos separadamente, pois, apesar de o rito ter um objetivo comum, que é a devoção aos Santos Reis e ao menino Jesus, os processos rituais foram se modificando e se adaptando conforme cada grupo e lugar.

Nosso objetivo geral foi compreender como a memória auxilia na manutenção da tradição cultural e na formação da identidade desse grupo. Outro ponto de interesse da pesquisa foi entender como se estabelece o processo ritual da Folia de Reis do grupo e, por meio deste, compreender quais fatores contribuem para a resistência dessa tradição no povoado.

Nossos objetivos específicos foram: analisar a relação entre memória individual e coletiva do grupo de foliões e como essa relação fortalece a noção de pertencimento ao grupo e ao espaço da festa – o povoado de Uruceres; relatar quais fatores contribuem para a resistência da tradição cultural da Folia de Reis no povoado de Uruceres e como ela é disseminada através das gerações; descrever o processo ritual da festa da Folia de Reis do grupo de Uruceres; discorrer sobre as referências de religiosidade, saberes e tradições vivenciadas pelos foliões durante o giro da Folia de Reis, e também como se dá o processo de aprendizagem do ritual e suas normas.

Os grupos que participam de manifestações da cultura popular, como os grupos de Folias de Reis, pertencem, em grande medida, ao que estudiosos chamam de sociedades de memória. Diferentemente das sociedades que criam espaços separados do fluxo da vida para a preservação da memória, essas sociedades vivenciam a memória de forma cotidiana e, muito especialmente, durante rituais em que as memórias do grupo são evocadas.

A fundamentação teórica da análise da Folia de Reis, a partir da memória individual e coletiva, embasa-se em autores como: Halbwachs (1990), Calvino (1990) e Cardoso (2015). Halbwachs (1990) expõe sobre a memória em relação ao espaço e ao tempo e é determinante para nos situar na aventura pessoal da memória, através da sucessão de eventos individuais. O autor mostra, ainda, como isso interfere em

nossa relação com os grupos dos quais fazemos parte, contribuindo para a criação da memória coletiva e da memória histórica. Calvino (1990) trata do conceito de memória e cidade e nos mostra que as cidades são espaços de memória. Cada rua, cada esquina e cada construção guardam memórias coletivas e individuais que ajudam a contar a história de um povo ou de um grupo através do tempo. Já Cardoso (2015, p.39) aborda conceitos de memória e construção da identidade por meio da experiência e afirma que “memória e experiência estão intimamente relacionadas, uma alimentando e constituindo a outra”. É por meio de nossas experiências, principalmente as que mais nos marcam, que construímos e alimentamos nossas memórias individuais e coletivas ao longo de nossa existência. É assim que gravamos o que é mais importante para nós, como datas e pessoas especiais, e também esquecemos de coisas que vivemos, mas não nos marcaram o suficiente para que ficassem gravadas em nossa memória.

Halbwachs (1990) também trata de memória coletiva e memória individual e explica que “nossas lembranças, mesmo de momentos vividos apenas por nós, muitas vezes nos são lembradas pelos outros, porque na realidade nunca estamos sós”. Somos seres sociais, vivemos em comunidade e dependemos dessas comunidades para vivermos. Ao longo de nossa existência, participamos de vários grupos.

O autor também faz distinção entre memória coletiva, quando esta envolve as memórias individuais de participantes de um grupo, e memória histórica. Segundo Halbwachs (1990, p. 55), “a primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla que a primeira”. A principal diferença entre elas é que a memória histórica representa o passado sob uma forma resumida e esquemática, enquanto a memória de nossa vida nos apresenta um quadro bem mais contínuo e mais denso.

Calvino (1990, p. 7) diz que a cidade não é feita só de suas edificações, “mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”. Entre as medidas de seu espaço, encontram-se as pessoas que delas fazem parte, com seus costumes, suas tradições e suas memórias. As relações estabelecidas com o espaço e com os outros, ao longo dos tempos, se modificam e modificam aquele espaço, pois, como seres humanos, estão em constante evolução. Para entendermos essa evolução humana, abordaremos em nosso estudo os conceitos de cultura, tradição, catolicismo popular e festas religiosas populares.

O estudo dos aspectos do catolicismo popular e das festas religiosas, como a Folia de Reis, respalda-se em autores, como: Rios (2006; 2015; 2017); Oliveira (1970); Müller (1979); Brandão (1985; 2004; 2010); César (1976) e Pessoa (2007; 2018).

Rios (2017, p. 189) estuda a Folia de Reis e ressalta sua importância como “uma das maiores celebrações da cultura e da religiosidade popular no Brasil”. A Folia de Reis é um festejo de origem portuguesa, ligado às comemorações do culto católico do Natal, trazido para o Brasil ainda nos primórdios da colonização e que ainda hoje se mantém vivo nas manifestações do catolicismo popular em várias regiões do país.

Os ritos da igreja católica passaram por várias transformações com a intenção de se aproximar mais dos fiéis e manter o controle sobre eles, mas ainda assim há um distanciamento devido à rigidez da igreja. Isso fortaleceu o catolicismo popular no Brasil e o culto aos santos, pois, por meio das festas religiosas, as pessoas têm uma proximidade maior com o divino e uma liberdade maior para expressar sua fé.

O catolicismo popular passou a existir no Brasil independentemente do apoio dos representantes oficiais da Igreja Católica e de sua mediação. A mediação da Igreja, ou do clero, ocupa, nesta forma do catolicismo, um papel secundário. O catolicismo popular, expressando um relacionamento direto e pessoal entre o homem e o sagrado, escapa ao controle da Igreja como instituição (OLIVEIRA, 1970, p. 74).

No Brasil Colônia, a partir dos leigos, principalmente dos pobres, foi-se constituindo um catolicismo diferente, menos ortodoxo, com uma linguagem própria, trazido pelos colonizadores portugueses, representados pelo baixo clero (padres e capelães) e por organizações religiosas de caráter mais popular, por isso ficavam mais próximos do povo.

Para Müller (1979, p. 230), “por religião popular entendemos a totalidade de convicção e práticas religiosas, formadas por grupos étnicos e sociais na confrontação das suas culturas típicas com o cristianismo, como cultura dos povos dominadores”. O Brasil é formado por vários povos e culturas, que foram se misturando ao longo dos anos, tornando-se um país multicultural, pois cada povo tenta preservar suas raízes. Isso ocorre em todas as áreas, principalmente na religiosa. O ser humano, em sua maioria, individual ou coletivamente, em várias sociedades, tem necessidade de acreditar no sobrenatural, em algo ou alguém superior, divino, e a religião faz essa ligação entre o humano e o divino através da fé. O encontro entre a terra e o céu só é

possível porque a fé abre esta possibilidade. Esta fé, que nada mais é que a certeza da intervenção do alto nas vivências cotidianas, por parte da pessoa, cria um elo, um vínculo entre o crente e o objeto de sua crença, e este vínculo é sempre renovado e fortalecido com os rituais religiosos.

Brandão (1985) estuda várias festas católicas populares, com seus santos padroeiros, entre elas, vários tipos de folias: Folias de Santos Reis, Folias do Divino Espírito Santo, Folias de São Sebastião e Folias de outros santos. Todas integram grupos de devotos cantores e instrumentistas que angariam bens (dinheiro ou “prendas”) para a festa do Santo.

Durante as festas do catolicismo popular, os devotos renovam sua fé, fortalecem sua identidade enquanto grupo e estabelecem rituais para se sentirem mais próximos dos santos aos quais são devotos. No caso da Folia de Reis, todo o ritual se estabelece por meio da música, executada pelo conjunto dos seus cantores e instrumentistas, que são chamados de foliões. A música entra para narrar as passagens bíblicas para um grupo de pessoas que muitas vezes não tinha acesso aos rituais dentro das igrejas católicas, porque não sabiam ler e não havia igrejas e padres em todas as cidades e vilas no Brasil. Por meio das músicas da Folia de Reis, os foliões ensinavam o Evangelho e ajudavam a popularizar e a disseminar a religião católica popular pelo território brasileiro. A música na Folia é instrumento de evangelização e também uma forma de homenagear os antepassados do grupo, que são lembrados e reverenciados durante os ritos da Folia de Reis.

Os rituais religiosos populares brasileiros foram incorporando saberes e fazeres de vários povos ao catolicismo imposto na colonização, criando festejos para manifestar sua fé. As Folias de Reis, assim como os demais festejos populares brasileiros, “são manifestações de compartilhamento de sentimentos, conhecimentos e normas coletivas de grupos” (GOULART, 2014, p. 5). Há uma complexidade existente nos objetos simbólicos utilizados para os rituais e os sentidos a eles atribuídos.

No caso da Folia de Reis, por meio dos símbolos como a bandeira com a imagem dos Santos Reis, o arco e o presépio, os foliões reconstroem a memória da peregrinação dos Reis Magos narrada na Bíblia Sagrada até encontrarem o menino Jesus. Os símbolos se personificam no momento do rito. Para os devotos mais

fervorosos, é como se os três Reis Magos estivessem adentrando em suas casas e as abençoando. O presépio reconstrói o momento do nascimento do menino Jesus, e o arco homenageia os Três Reis, que ganham o poder de “curar”. Em muitos casos, eles são reconhecidos pelos devotos separadamente, como três pessoas (Baltazar, Belchior e Gaspar), mas também são reconhecidos por outros devotos como um único personagem: “Santo Reis”¹.

A devoção aos Santos Reis estabelece uma identidade ao grupo. São todos devotos de Santos Reis, que se reúnem num determinado período do ano para cumprir seu dever, receber e agradecer as graças pedidas. O giro da Folia de Reis também comporta “uma extensa rede de reciprocidades”, de obrigações mútuas em que são trocados serviços religiosos, gentilezas, refeições, dinheiro, bênçãos, entretenimento. Esta rede de reciprocidade envolve trocas em, pelo menos, dois planos: “entre o grupo de Folia de Reis e os devotos visitados; e trocas entre estes (grupo de folia e devotos visitados) e as divindades” (RIOS, 2017).

Trata-se das “trocas simbólicas”, conceito trazido por Pierre Bourdieu (2003) para discorrer sobre o poder da fé no cumprimento do “voto” (da promessa feita) na Folia de Reis. A cada ano o caminho percorrido pelos foliões, “o giro” da Folia, como é conhecido, depende do cumprimento das promessas dos foliões e das demais pessoas do grupo, ou do agradecimento das graças recebidas por eles que, em troca, oferecem os “pousos” e donativos para a festa. E, ainda, dependendo da condição

¹Jadir Pessoa, em observação ao comentário da profa. Vânia sobre os Reis Magos, na defesa da dissertação de Rosana Mesquita Bitencourt, em 25.06.2020.

A professora Vânia mencionou uma questão que é interessante, muito presente no dia a dia de uma Folia de Reis. Nas nossas permanentes conversas com os devotos, os moradores que visitamos de casa em casa, essa questão sempre aparece. Para quem vê uma Folia de Reis do lado de fora, ela pode ser até bastante sutil. Nós, que estamos dentro da Folia de Reis, convivemos com ela com bastante naturalidade e nem tanta sutileza assim, que é: são três santos ou é um santo só? Na linguagem do povo, aparecem muito as expressões: “os três Reis”; “Eu tenho muita fé nos Três Reis”; “eu peguei com os Três Reis” etc. Mas aparece também, da mesma forma e com a mesma carga devocional, eu diria, a ideia de um santo só: “Eu peguei com Santo Reis”, “eu fiz um voto pra Santo Reis”, “meu Divino Santo Reis”. Portanto, isso aparece muito, mas pelo menos para nós, da Folia de Reis de Lages, é indiferente. Por exemplo, quando uma folia chega em uma casa na hora do almoço ou do jantar, e o morador quer solenizar um pouco a chegada, ele faz o arco. Mas, na casa, o costume é colocar um único arco homenageando o “Santo Reis”. Já para a festa de arremate, para a festa da chegada, que lá a gente chama de Festa de Reis, a nossa é no dia 05 de janeiro, são necessariamente colocados três arcos. Cada um simboliza um dos personagens. Já na devoção popular, isso é indistinto, e os Três Reis ou Santo Reis, embora saibamos até os nomes dos três, são conforme a convenção proposta por São Beda, no século VIII, na Inglaterra. Esses nomes não estão no texto do evangelho de Mateus, mas houve uma convenção posterior, e isso foi adotado pela igreja. Então, tratamos essa questão indistintamente: “eu fiz um voto com os Três Reis”, “eu fiz um voto com Santo Reis”. É a mesma coisa.

financeira deles, oferecem seus “serviços” durante o giro, como a preparação da comida, ajuda na arrumação das casas que receberão o pouso, ou, em homenagem a seus antepassados, se comprometem a acompanhar e a manter viva essa tradição enquanto vida tiverem.

Para Jadir Pessoa (2007), a Folia de Reis, tal qual nós conhecemos hoje, esse festejo com esse ritual devocional, com essa reza toda, com essa devoção toda, só existe no Brasil. A Folia de Reis é brasileira, claro, com elementos trazidos de Portugal. É assim que a Folia de Reis, um ritual do catolicismo popular brasileiro, secularmente recriado a cada Ciclo do Natal, fora da esfera da presença da Igreja, se apresenta como um dos modos populares de representação coletiva da fé e consegue resistir até hoje em várias regiões do país, como em Uruceres, no estado de Goiás.

Depois de analisarmos os aspectos do catolicismo popular no Brasil e das festas religiosas, partimos para a fundamentação da análise da Folia de Reis a partir das performances culturais nas quais se embasam os autores, como Langdon (1995), Schechner (2014), Finnegan (2008) e Abreu (2012). Sua relação com a educação, por meio da transmissão de conhecimento, se baseia em Bourdieu (1989), Brandão (2006) e Pessoa (2018).

Observa-se que a transmissão de conhecimento e das tradições fica a cargo da família e da comunidade que participam do rito. Não há muitos registros escritos dos processos para a realização da festa da Folia em Uruceres. É uma tradição religiosa que passa de pai para filho, de avô para neto, principalmente através da oralidade, da observação e da repetição do rito. Nas manifestações culturais, como a Folia de Reis, a parte doutrinária aparece junto com a performance. Predominam-se cantos, danças, gestos e símbolos carregados de memória, base para o comportamento performático do grupo. Aqui entram as práticas de ensinar e de aprender apresentadas por Pessoa (2018, p. 96), nos rituais como a Folia de Reis: “nem sempre o ensinar se verifica de forma explícita. Muito se deve nesses casos ao ver, ouvir, observar, tentar reproduzir”.

Para Pessoa (2018, p. 100), “as manifestações populares são vistas como gestos de ensinar e aprender”. Muito além das trocas de saber entre uma geração e outra, como o aprendizado de uma nota, sua execução musical ou do ritmo da batida de um tambor, o que um mestre ensina a um garoto iniciante é muito mais “um modo de ser no mundo, um modo de ser compartilhado e cooperativo” (p. 177). O

aprendizado é total. De acordo com Bourdieu (1989), o trabalho, a religiosidade, os valores, as festas, o gosto, a comida, a sociabilidade da família e da vizinhança, ao mesmo tempo em que formam um todo, interagem sem pesos diferenciados. E “esse aprendizado de um ofício supõe vínculo duradouro na relação que se estabelece entre ensinantes e aprendentes” (PESSOA, 2018, p. 140).

No entendimento de Brandão (2006, p. 102), “o lugar da educação é o cotidiano, é a cultura”. É nesse terreno fértil, na cultura, que faz sentido pensar a educação. A cultura cria a educação, que a reinventa na dinâmica da produção e das trocas de saberes constitutivos da relação entre pessoas.

O rito da Folia de Reis é um ato de educação, mas também pode ser analisado como um ato performático, transmitido por diversas gerações pela oralidade, informalmente, com pequenas variantes entre si, dependendo da região em que se encontra, e não apenas como um rito religioso. Schechner (2014) fala da diversidade dos eventos performativos. Há um campo vasto para estudo. Dentro deste vasto campo de estudo, escolhemos estudar a Folia de Reis por meio da performance , analisando seu processo ritual.

Os ritos fazem parte de um contexto performático. Cada cerimônia é composta por um conjunto de ações que envolvem diversos tipos de expressões artísticas, utilizando-se de artifícios, como fala, gestos, sons, danças. Estes artifícios geram sensações tanto nos que apenas observam quanto nos que participam ativamente dos rituais.

Conforme Schechner (2014, p. 156), o comportamento em performance e/ou o comportamento praticado – ou o “comportamento executado duas vezes”, “comportamento retomado” – é conhecido antecipadamente, ensaiado, aprendido previamente ou aprendido por “osmose” desde criança. É, ainda, revelado durante a performance pelos mestres, gurus, guias ou pelos mais velhos, ou gerado através de regras que determinam os resultados, como no teatro ou no esporte.

Dentro desse contexto performático, destaca-se a canção. Segundo Finnegan (2008, p. 24), “analisar uma canção enquanto performance” evita discussões sobre o que vem ou o que deveria vir primeiro, pois, nesta perspectiva, a existência da canção não se encontra no texto escrito, na obra musical ou na partitura. Neste momento encantado da performance, “todos os elementos se aglutinam numa experiência única

e talvez inefável, transcendendo a separação de seus componentes individuais” (p. 24). No momento da performance, o texto, a música e tudo o mais são facetas simultaneamente anteriores e superpostas do ato performatizado que não pode ser dividido.

Ainda conforme a autora, a palavra cantada está presente em um enorme “espectro de manifestações” e, junto com ela, as danças (FINNEGAN, 2008, p. 15). Dentre estas, está o catira, dança presente nos momentos de diversão que acontece após o cumprimento das obrigações da Folia de Reis nas visitas, nos almoços e pousos. Além da canção, também engloba movimentos corporais que complementam a performance. Na medida em que os grupos de catireiros começam a cantar, tocar e dançar, se transformam e se tornam atores performáticos, assumindo outra identidade. Há uma atuação “multissensorial” na qual coabitam-se o ritual, o visual, o gestual e o teatral no ato performático.

Joana Abreu (2012, p. 51) trata os festejos populares como formas de brincar e diz que sua transmissão “implica necessariamente na transmissão de suas regras”. Afirmar também que, na cultura popular, essa transmissão não se dá de maneira formal, mas na convivência comunitária do próprio fazer da brincadeira. Aprende-se a fazer ao observar aqueles que fazem e fazer junto com eles, em um processo característico das situações de transmissão oral dos saberes de uma cultura, o que já foi dito por Bourdieu (1989) e Brandão (2006). Essa situação de aprendizagem, que exige a interação direta entre os sujeitos envolvidos, coloca em posição de presença indispensável aqueles que já conhecem os detalhes da brincadeira. São esses membros da comunidade os responsáveis pela transmissão dos símbolos e signos contidos no folguedo.

Para a elaboração desta dissertação de mestrado, foi utilizada uma pesquisa qualitativa, com abordagem direta através de pesquisa de campo, com questionários semiestruturados. Os documentos apresentados ao Comitê de Ética da UFG, bem como o questionário aplicado e as entrevistas transcritas, estão anexados no trabalho.

Na relação com o grupo pesquisado, durante a frequência da festa pela pesquisadora, também foi levada em consideração a noção de descrição densa, proposta por Clifford Geertz (2014), uma vez que se pretende a reflexão a respeito das relações estabelecidas pelo grupo em questão, a noção de pertencimento e a teia

de significados que é (re)produzida pelo grupo. Esta perspectiva fez-se necessária em função da complexidade de sentidos que orientam as condutas e os processos desenvolvidos para a realização dos rituais da festa da Folia de Reis do grupo a ser pesquisado.

No primeiro capítulo desta dissertação, intitulado “Breve descrição da Folia de Reis”, foi realizada uma discussão mais abrangente sobre a Folia de Reis, o catolicismo popular no Brasil, suas tradições e formas de resistência. Numa contextualização histórica, apresento o município de Uruana e o povoado de Uruceres, que foram criados durante o movimento conhecido como “a Marcha para o Oeste”, visando à ocupação da região Centro-Oeste do Brasil pelo então presidente da República Getúlio Vargas. Depois apresento a Folia de Reis de Uruceres e os grupos existentes, dando ênfase ao grupo estudado e a suas particularidades. Esse grupo de foliões gira sempre à noite porque, de acordo com os foliões mais velhos e conforme as escrituras bíblicas, os Reis Magos viajaram à noite, guiados pela estrela, em busca de Jesus, o Salvador.

No segundo capítulo, intitulado “Memória e identidade”, há uma discussão sobre memória e identidade e a relação existente entre elas. Neste, mostro como nossas lembranças são influenciadas pelos grupos que nos cercam e pelas experiências que vivemos junto a esses grupos, e como nossa memória individual vai sendo construída através destes recortes das lembranças de momentos vividos e experienciados por nós, ao longo de nossa vida. Falo ainda sobre o papel da memória na transmissão de conhecimento, principalmente em relação à transmissão oral, como acontece nos grupos de festejos populares, como a Folia de Reis.

Por fim, o segundo capítulo apresenta uma discussão sobre a construção da identidade do grupo por meio da reverência aos antepassados, que são fonte de inspiração e a base de memória do grupo. Nesta parte é destacada ainda a importância dos símbolos nos rituais da Folia de Reis, ajudando a transmitir conhecimento e a perpetuar o festejo.

No terceiro e último capítulo, intitulado “Modos de ensinar, aprender e performar na Folia de Reis”, descrevo os rituais de organização da festa e discorro sobre a importância dos vários “atores” nesse processo e de sua rede de apoio, que é fundamental para que o festejo aconteça. Comento, também, a respeito da equipe de suporte, que é muito importante em todo o processo da festa, uma vez que o grupo

de foliões não é composto apenas pelos cantores e tocadores que executam o ritual. Também apresento algumas estratégias utilizadas pelo grupo de foliões de Uruceres para a preservação da tradição, porque todos os foliões com quem conversei se preocupam com a preservação da tradição da Folia de Reis e, especialmente, com a continuidade desse grupo.

Relato também o processo de aprendizagem, como este se estabelece, e a relação entre “ensinantes e aprendentes”. Tudo é aprendido e ensinado na prática, de uma maneira total, por meio da oralidade, da observação e da repetição. Na Folia de Reis, todo o ritual é ensinado. Apesar da importância das canções para o ritual da Folia de Reis, porque a folia é musical, tudo gira em torno da música, e o processo de aprendizagem não se limita apenas às músicas e aos instrumentos utilizados no festejo. Todo o ritual é ensinado de alguma forma e, até mais que o ritual, o próprio modo de vida do folião é ensinado.

1 BREVE DESCRIÇÃO DA FOLIA DE REIS

Folia de Reis, tal qual nós conhecemos hoje, esse festejo com esse ritual devocional, com essa reza toda, com essa devoção toda, só existe no Brasil. “A Folia de Reis é brasileira, claro, com elementos trazidos de Portugal”, conforme nos apresenta Pessoa, “a ideia de que a Folia foi trazida para o Brasil, isso não existe”. O que foi trazido de Portugal são os elementos, os ingredientes, que combinados com nossa tradição e que deram origem à Folia de Reis ao longo dos séculos de vigência do processo de colonização (PESSOA, 2007, p. 134). Desde a poética popular portuguesa dos séculos XV e XVI, de Gil Vicente, o verso tinha sete sílabas, que é a redondilha maior e é o que se canta na Folia de Reis.

De acordo com Pessoa, outra coisa que veio de Portugal são os cantares ou as janeiras, de casa em casa, falando dos Reis Magos. “Em Portugal é lembrado ainda hoje, sobretudo nas escolas, o costume secular de cantar os Reis ou pedir os Reis ou ainda cantar as reisadas” (PESSOA, 2007, p. 135). Ainda conforme o autor, o que nós temos aqui, e que hoje conhecemos como Folias de Reis, não veio de Portugal. Vieram, sim, os elementos que passaram a fazer parte do festejo e que, incorporados à nossa tradição, deram origem à Folia de Reis brasileira e a vários outros festejos espalhados pelo Brasil.

A Folia é um festejo ligado às comemorações do culto católico do Natal, com elementos trazidos para o Brasil, ainda nos primórdios da colonização por Portugal, e que ainda hoje se mantém vivo nas manifestações religiosas de algumas regiões do país. Representa a viagem dos magos em busca do “Rei dos Judeus”, conforme a passagem bíblica que aborda o nascimento de Jesus Cristo, registrado pelo evangelista Mateus.

Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do oriente a Jerusalém. 2.Perguntaram eles: Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo. 3.A esta notícia, o rei Herodes ficou perturbado e toda Jerusalém com ele. 4.Convocou os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo e indagou deles onde havia de nascer o Cristo. 5.Disseram-lhe: Em Belém, na Judéia, porque assim foi escrito pelo profeta: 6.E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as cidades de Judá, porque de ti sairá o chefe que governará Israel, meu povo (Miq 5,2). 7.Herodes,

então, chamou secretamente os magos e perguntou-lhes sobre a época exata em que o astro lhes tinha aparecido. 8.E, enviando-os a Belém, disse: Ide e informai-vos bem a respeito do menino. Quando o tiverdes encontrado, comunicai-me, para que eu também vá adorá-lo. 9.Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram. E eis que a estrela, que tinham visto no oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino e ali parou. 10.A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria. 11.Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra. 12.Avisados em sonhos de não tornarem a Herodes, voltaram para sua terra por outro caminho (Mt. 2, 1-12).

O Evangelho de Mateus relata magos vindos do oriente, trazendo presentes para o menino Deus e se ajoelhando perante Ele. Segundo a convenção proposta por São Beda – um monge doutor da igreja que viveu entre os séculos VII e VIII e foi canonizado –, são três os reis magos: Gaspar, Baltazar e Belchior, que ofereceram ao menino Jesus ouro, mirra e incenso. Os presentes oferecidos a Jesus representam o futuro de sua missão: o ouro representa o reinado, o incenso a sua divindade, e a mirra a sua humanidade. Há toda uma simbologia por trás desses presentes oferecidos pelos reis ao menino Jesus. Eles foram agraciados com bençãos e proteção divina, estabelecendo uma vocação para as trocas, trânsitos e negociações simbólicas, mantendo vivas estruturas profundas do catolicismo ao longo de várias gerações de católicos.

De acordo com Pessoa (2007), não se tinha certeza de quantos magos eram, mas muitas tradições orientais dizem que eram 12. Então, Beda propôs uma convenção: “eles eram três porque eram três presentes”. Propôs esses nomes, a cor deles e o que cada mago levou.

No livro *As viagens dos Reis Magos*, Pessoa (2007) transcreve uma passagem atribuída ao monge inglês São Beda, que foi retirada do livro *Persia and the Bible* (YAMAUCHI, 1990) e apresentada anteriormente por Silva (2005) que fala sobre os Magos. Descreve Melquior, como um homem velho com cabelos brancos e longa barba e diz que ofereceu ouro para o Senhor como um rei. Já o segundo Mago, de nome Gaspar era jovem, imberbe e de pele avermelhada e honrou-o como Deus com seu presente de incenso, oferenda digna da divindade. E o terceiro Mago, de pele negra e barba cerrada, chamado Baltazar, chegou com o seu presente de mirra para atestar sua humanidade.

Através de seus estudos, Madeleine Felix (2007) concluiu que:

O culto rendido aos Magos é muito antigo. Ele vem do Oriente ao Ocidente desde o fim do século II ou começo do século III. [...] Toda a Europa participa do reconhecimento desses personagens citados pelo Evangelho segundo São Mateus, por meio de inúmeras obras artísticas ou literárias, e toda uma série de tradições instaura-se pouco a pouco, incluindo ritos antiquíssimos às divindades pagãs (FELIX, 2007, p. 110).

Séculos depois, possivelmente esses magos se tornaram reis pela interpretação do Salmo 71 (10-12):

Os reis de Társis e das ilhas lhe trarão presentes; os reis da Arábia e Sabá oferecer-lhe-ão seus dons. Todos os reis hão de adorá-lo, hão de servi-lo todas as nações, porque ele livrará o infeliz que o invoca, e o miserável que não tem amparo (Sl 71, 10-12).

A passagem bíblica do evangelista Mateus, em que Jesus foi visitado por magos do Oriente, converteu-se na tradicional visita feita pelos “três Reis Magos”, os quais passaram a ser referenciados como santos a partir do século VIII². A Festa de Reis é a última grande festa do ciclo do Natal. De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (1999, p. 148), é a “Epifania do Senhor”. “Epifania é a manifestação de Jesus como ‘Messias de Israel’, ‘Filho de Deus’ e ‘Salvador do Mundo’”. Ela celebra a

²Jadir Pessoa, em observação ao comentário da profa. Vânia sobre os Reis Magos, na defesa da dissertação de Rosana F. Mesquita Bitencourt, em 25.06.2020.

A igreja católica nunca canonizou Baltazar, Belchior e Gaspar. Eles não são canonizados, ou seja, eles não são santos pelo mesmo caminho da consideração do fiel católico sobre um santo, que é o processo de canonização. São Beda, monge inglês do século VIII que fez a convenção que prevalece até hoje, é reconhecido como um doutor da igreja. Os doutores da igreja são aquelas figuras que prestaram à igreja católica uma contribuição determinante e ofereceram uma grande elaboração teórica. Existem mais de 8 mil santos canonizados pela igreja, mas doutores da igreja são só 36. Então, ser um doutor da igreja é enormemente mais difícil que ser um santo, e Beda é reconhecido como um doutor da igreja. A igreja católica assumiu a convenção proposta por Beda quanto ao número três, dando nomes aos Reis Magos, mas nunca canonizou Baltazar, Belchior e Gaspar pelo processo convencional da igreja. Há vários séculos esses magos do oriente tratados pelo evangelista Mateus passaram por um processo de canonização à parte. Não é o mesmo processo de canonização, de tornar-se santo por um processo que tem que ter a comprovação de dois milagres. Eu estou trabalhando em um texto e cheguei a alguns autores que mostram, sim, que há uma canonização por uma espécie de “senso popular” ao qual a igreja católica foi obrigada a ceder. Não que ela tivesse a intenção de canonizá-los, mas o alcance deles na piedade popular tem sido tão intenso e profundo que a instituição católica não tem outro caminho a não ser, por esse “senso popular”, reconhecer que eles são santos. A prova disso é que nós temos no Brasil hoje mais de uma centena de comunidades católicas dedicadas aos Reis Magos – capelas, salões, matrizes –, algumas delas oficializadas como paróquias. Se a igreja católica erigiu uma comunidade em Paróquia – um templo dedicado aos Santos Reis com a institucionalidade paroquial – é porque ela reconhece que eles são santos, embora eles não tenham passado por um processo semelhante aos dos outros santos. Então, não são canonizados, mas são santos, e a igreja católica reconhece e legitima perfeitamente essa devoção popular.

adoração de Jesus pelos “magos” vindos do Oriente, que representam as religiões pagãs circunvizinhas e que acolhem a Boa-Nova da salvação pela encarnação do Cristo. Assim, a Festa da Epifania é conhecida também como a festa dos reis magos, que representa a aceitação de toda a mensagem de Jesus nas diversas etnias e culturas e se confirma pela cor de pele e pelas características físicas de cada rei. Depois da festa do batismo de Jesus e da Festa de Reis, iniciou-se um novo tempo litúrgico, segundo o calendário católico.

A Folia de Reis, entretanto, tem sua liturgia própria, não se identificando completamente com os ritos oficiais da igreja católica a respeito do nascimento de Jesus. Ela apresenta um caráter festivo profano-religioso, típico do catolicismo popular – uma forma popular e relativamente autônoma de crença e de prática da religião católica no Brasil camponês/rural, cujo sistema quase único se baseia em tocas entre a sociedade e o sagrado –, também encontrável em outros festejos populares, como na Folia do Divino Espírito Santo, Folia de São Sebastião, Congada etc. Como parte do ciclo natalino, ela é geralmente realizada entre 24 de dezembro a 6 de janeiro, dia de Santos Reis, quando se realizam as comemorações com várias festividades.

Atualmente, porém, existem grupos de foliões que “soltam” Folias (de Reis, do Divino Espírito Santo, de São Sebastião, entre outras) fora deste período, ocorrendo praticamente o ano todo. O grupo de Folia de Reis por mim estudado gira entre os dias 31 de dezembro e 6 de janeiro. O termo “giro” se refere ao caminho percorrido pelo grupo de foliões entre a “saída” da folia, no primeiro dia, e a “recolhida”, no último dia. O caminho é circular, e há todo um cuidado na preparação da rota a ser percorrida durante os dias de caminhada, entre as casas que receberão os foliões, para que o grupo consiga girar sem cruzar pelo mesmo caminho. Isso porque, de acordo com a tradição seguida pelo grupo, se no percurso formar-se uma cruz com a bandeira, o folião mais velho do grupo pode morrer até a saída da folia no ano seguinte.

De acordo com estudos de Yara Moreira (1979)³ e Carlos Brandão (1985, p. 141)⁴, o termo “Folia” aparece em uma descrição do início do século XVII como “uma dança de homens vestidos à portuguesa, com guizos nos dedos, gaitas e pandeiros,

³ Consultar : MOREIRA, Yara. *De folias, de reis e de Folias de Reis*. Goiânia: IA/UFG, 1979.

⁴ Consultar : BRANDÃO, Carlos R. *Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Paulinas, 1985.

gritando e pulando à roda de um tambor”. Já num outro texto espanhol de 1793, “Folia é tanto uma dança profana de rapazes fantasiados, quanto qualquer dança que pareça quase uma loucura”. Ainda segundo Brandão (1985, p.139), “cantos e danças dentro do templo procedem do cristianismo primitivo. Herança judaica e herança pagã, serão provavelmente muito mais antigos do que em geral se imagina”. De acordo com o autor, há uma carta escrita por Clemente de Alexandria, morto em 216 d.C., que descreve cerimônias cristãs de iniciação, acompanhadas de cantigas e danças de roda. Assim como ele, outros autores relatam que, através dos séculos, os cristãos dançavam e cantavam dentro dos templos e fora deles, em cortejos que louvavam o “Criador”. A dança da Folia se expandiu por várias regiões da Europa, chegou a Portugal e, nos séculos XVI e XVII, se popularizou, chegando a outros continentes por meio das colônias portuguesas, como o Brasil.

Desde os primeiros anos da igreja católica, ainda no século I, eram realizados teatros e alegres encenações dentro das cerimônias propriamente litúrgicas. Brandão (1985) relata a criação do drama chamado “*Officium Pastorum*”, para celebrar o nascimento de Jesus Cristo, e, tempos depois, esses festejos se prolongaram, se iniciando no Natal até o dia 6 de janeiro. Novos atores foram incluídos, e o drama se transformou em um segundo drama litúrgico, o *Officium Stellae*, que retrata a visita dos magos a Jesus, a perseguição de Herodes aos inocentes e o sonho revelador dos magos. Depois de algum tempo, esses autos, com seus cantos, desaparecem dos rituais eruditos do Natal, no entanto, caíram no domínio do imaginário popular, se difundiram e se preservaram, tornando-se, mais tarde, provavelmente, a base dos “cantorios” das Folias de Reis brasileiras (BRANDÃO, 1985, p. 143).

Contudo, a Folia de Reis, como conhecemos hoje, é parte de um processo de colonização e aculturação promovida pelos povos que vieram para o Brasil. Conforme relata Pessoa (2007), esse festejo não chegou de uma vez, pronto e estruturado, mas de maneira processual e fragmentária, na medida em que, entre o velho e o novo mundo, circulavam várias pessoas de culturas e classes diferentes.

[...] a devoção aos Reis Magos está plenamente vinculada ao empreendimento colonizador e com ele espalhou-se pelo Brasil, ao longo dos séculos subsequentes. Mas as referências aos Reis Magos, vindas de Portugal, extrapolam o campo das práticas religiosas. Muito do que se aprendeu no Brasil sobre os Reis Magos é proveniente de

cantares e de danças populares consideradas profanas (PESSOA, 2007 p. 132).

Ainda citando Pessoa (2007), havia as janeiras e o cantar dos Reis, eventos ligados à devoção aos Reis Magos em toda a Europa. As janeiras costumavam ser caracterizadas como cantares mais profanos ou ligados à sociabilidade comunitária das aldeias, enquanto o cantar dos Reis e as reisadas eram eventos com um perfil mais religioso. Estas festas também foram trazidas para o Brasil no período da colonização e contribuíram para a formação dos grupos de folia e das festas religiosas oriundas do catolicismo popular, como conhecemos hoje.

Quando se fala em festas religiosas e catolicismo popular, há dois fatores primordiais: o espaço que geralmente é rural – onde se encontram as comunidades camponesas, pequenas vilas e povoados que, num tempo remoto, não tinham acesso aos rituais da igreja católica – e, atualmente, é a periferia das grandes cidades, e o tempo, que se refere ao período em que essas festas acontecem. No caso da Folia de Reis, geralmente os festejos acontecem entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro – entre a noite de Natal e a tarde da Epifania –, tendo grupos como o de Uruceres, que giram entre os dias 31 de dezembro e 6 de janeiro. É o tempo ritual, no qual a jornada dos três reis acontece anualmente.

Para Brandão (1981):

A Folia de Reis é um espaço camponês simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeitos de circulação de dádivas – bens e serviços – entre um grupo precatório e moradores de território por onde circula (BRANDÃO, 1981, p. 36).

Esses dois fatores, o espaço e o tempo, interferem nos processos, na dinâmica social e em suas manifestações, algumas vezes modificando, outras adaptando e mesmo incluindo ou excluindo ritos. Para isso são criados regras de conduta e documentos, como o calendário católico apostólico romano, que foi implantado para ser seguido e respeitado pelos católicos. Neste ponto, destacam-se os conceitos de Singer (1972) e Redfield (1956), apresentados por Robson Camargo (2013), que explicam sobre a grande tradição do catolicismo apresentado e difundido pela Igreja Católica Apostólica Romana. Esta tradição foi trazida para o Brasil pelos portugueses, que é escrita e tem seus registros formais estabelecidos pela elite da sociedade, mas

que contrasta com as pequenas tradições religiosas informais, transmitidas pela oralidade. Estas contam com pequenas variantes entre si, mas também procuram seguir uma tradição, mesmo tendo menos elementos de controle.

A Folia de Reis tem pontos de contato tanto com as grandes como com as pequenas tradições. Por um lado, caminha lado a lado com a igreja católica, é uma manifestação da fé católica, mas, por outro, segue os ritos formais por uma outra lógica, fazendo uma releitura da liturgia, mesmo sendo contextualizada num espaço e num tempo guiados pela igreja. Faz parte dos ritos do catolicismo popular que, com suas músicas, danças e performances, traz a alegria da festa para os ritos religiosos e as manifestações de fé.

De acordo com Camargo (2013),

Estas pequenas ou as grandes tradições, são “formas de pensamento construídas pela humanidade”, possibilitam distintas experiências pessoais, definem distintos modos de ser e de ver, usos e costumes, e são construídas carregando tensões, desejos, esquecimentos e fricções entre as pessoas, vilas ou civilizações que pretendem “comunicar a nós sua natureza, sua totalidade” em forma complexa e convincente (CAMARGO, 2013, p. 4).

Nesse sentido, na visão de Camargo (2013), há a Folia de Reis como grande tradição, enquanto analisada como festejo popular, de maneira geral, e as Folias de Reis de cada comunidade, de cada região do Brasil, que se apresentam de formas distintas, como a “Tradicional Folia de Reis de Uruceres”, que é o foco deste estudo. Brandão, em *Prece e Folia, Festa e Romaria* (2010, p. 57), diz que “os foliões são especialistas populares, responsáveis por fazer a releitura de uma tradição”. E, como isso acontece principalmente através da oralidade, encontram-se diferenças na forma de executar e apresentar esses ritos conforme a região onde a festa acontece. Estes rituais trazem consigo todo um aparato religioso que está embebido de significados que podem possibilitar a unidade na identidade dos grupos que a realizam.

Por meio das festas religiosas populares, as pessoas reforçam e disseminam sua cultura e mantêm tradições que, no momento, dialogam com outras culturas, e outras tradições se modificam. A cultura, analisada como um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, aprendidos de geração em geração

através da vida em sociedade, reflete o desenvolvimento humano, por isso é importante conhecer e analisar o processo de transmissão das tradições culturais.

1.1 APRESENTAÇÃO DA FOLIA DE REIS EM URUCERES

Vou falar um negócio pra você. A folia representa muita coisa pra mim. Primeiro a fé que eu tenho em Santos Reis. E lá você vê muitos amigos, muitas pessoas que você não via. É um tipo de matar a saudade, reviver o nascimento de Jesus e matar a saudade dos companheiros (Martins Pereira Neto, folião, neto de um dos fundadores do grupo de Folia de Uruceres, 05/01/19).

Folia pra mim, eu acho que é devoção, é a mesma coisa de uma igreja, uma devoção. Tem a devoção e a ... como é que fala... é a devoção e a tradição. A tradição e a devoção pra mim é a mesma coisa que uma religião. Eu considero como uma religião (Orcelino Ferreira de Aquino (Soró), sanfoneiro do grupo de folia de Uruceres, 03/01/19).

A Folia de Reis é um campo de produção simbólica que se estabelece num sistema de relações entre os foliões, os devotos, os festeiros, os moradores visitados e os santos. É um festejo do catolicismo popular repleto de símbolos, coesão social e moral, que carrega forte traço grupal, por isso apresenta algumas particularidades entre os diversos grupos de foliões.

A festa da Folia de Reis de Uruceres tem suas particularidades, que foram relatadas por Fernandes e Veloso, em seu Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em História, pela Universidade Estadual de Goiás, quando acompanharam o giro do grupo em 2005 e confirmados por mim nos giros de 2019 e 2020. Os rituais da Folia de Uruceres desenvolvem-se durante o giro do grupo entre os dias 31/12 e 6/01, todos os anos. O giro é o cortejo realizado pelos foliões de casa em casa, cantando as passagens da Bíblia que falam sobre a anunciação do anjo à Maria, o nascimento de Jesus, a viagem dos Magos e a adoração ao menino Jesus, a volta dos reis por outro caminho, a perseguição do rei Herodes aos inocentes, entre outras narrativas que são descritas nas colunas de versos e cantadas pelos foliões. Eles também cantam agradecendo aos donos da casa por receber os três reis, personificados pela bandeira. Agradecem também os donativos recebidos para a festa

e a farta comida que é oferecida ao grupo e às demais pessoas que acompanham o cortejo.

Esse grupo de foliões gira sempre à noite porque, de acordo com os foliões mais velhos, segundo as escrituras bíblicas, os Reis Magos viajaram à noite guiados pela estrela em busca de Jesus, o Salvador. Isso faz parte da tradição do grupo, com suas práticas de natureza ritual e simbólica, mas nada impede que as tradições sofram alterações e, naturalmente, elas sofrem. Antigamente, o giro da folia desse grupo acontecia a cavalo, e os foliões saíam em grupo, percorrendo as casas do povoado e as fazendas da região. Atualmente, o giro acontece de carro e foi um processo adaptado pela modernidade e também pela dificuldade de encontrar casas católicas que queiram receber o grupo de foliões. Vários foliões ressaltam essa dificuldade, alegando o aumento considerável de pessoas católicas do povoado e da região que mudaram para as religiões evangélicas.

Aqui buscamos descrever o processo ritual e apresentar os códigos e as condições em que a festa acontece, mostrando que esse processo passa por constantes transformações. E, também, que existem diferenças entre os rituais conforme o grupo que os executa, porque, na cultura popular, não existe certo e errado.

A saída da Folia acontece na noite do dia 31 dezembro, e a comida da noite é oferecida pelo folião escolhido para ajudar na organização da folia. Este folião tem a obrigação de realizar a festa da saída da Folia no dia 31 de dezembro, organizar os pousos e a trajetória do giro, além de ser “o dono” da folia naquele ano e levar a bandeira à casa dos devotos de Santos Reis. Antes mesmo da chegada do grupo de foliões, os donos da casa onde será realizada a cerimônia de levantamento da bandeira e saída da folia trabalham dias na organização da casa e na preparação da comida, junto com um grupo de parentes e amigos, que se organizam para ajudar na preparação da festa e na doação de alimentos e serviço. A folia também é uma rede de cooperação e compartilhamento de sentimentos e reforça a sociabilidade do grupo. Muitas pessoas se mobilizam para doar trabalho e comida para as casas onde acontecem os pousos, outras ajudam na organização e decoração das casas, na montagem dos presépios e arcos.

O momento do levantamento da bandeira marca o início da festa da Folia. Os foliões se reúnem na sala da casa que oferece o jantar da saída, em frente ao presépio, onde já está a bandeira dos Santos Reis. Diferente de outros grupos de Folia de Reis, neste grupo há a presença do presépio em todas as casas visitadas. Há uma pequena fala do embaixador da Folia e coordenador do grupo, momento em que ele agradece aos donos da casa, ao folião do ano e às demais pessoas que ajudaram na preparação da festa. O primeiro a segurar a bandeira é o alferes da Folia, que também é responsável por guardar as doações para a realização da festa da recolhida da Folia, no dia 6 de janeiro. O alferes anda sempre com uma capanga, onde ele coloca as doações em dinheiro.

Encerrada a cantoria de abertura da folia, serve-se a janta. Com a comida na mesa são feitos agradecimentos e orações, e então é servida a comida para os foliões e para as demais pessoas que estão na casa. Depois que todos comem à vontade, são servidos os doces. A próxima etapa é o agradecimento da mesa. Os foliões vão até o presépio, os donos da casa pegam a bandeira, e o grupo sai em fila, tocando e cantando até a mesa. Lá, enquanto é entoado o canto de agradecimento pela refeição, o grupo gira em torno da mesa e, no final da cantoria, retorna ao presépio. Neste momento, todas as pessoas que querem segurar a bandeira e fazer uma doação para a folia entram no cortejo. Para cada pessoa que quer segurar a bandeira é entoado um canto e, por fim, entoam-se os cantos de agradecimento aos donos da casa e o da despedida. Essa cantoria pode durar mais de duas horas, dependendo da quantidade de pessoas que quer segurar a bandeira.

Então, é informado para todas as pessoas como será o trajeto do giro. Forma-se uma carreata, com o carro que leva a bandeira indo sempre na frente. Passam por algumas casas já definidas previamente até chegarem na casa do pouso. Os foliões cantam no arco da entrada e depois na porta da casa dos moradores, para que eles abram as portas e, em seguida, cantem em frente ao presépio.

Depois de toda a cantoria é servido um lanche, com café, leite e quitandas feitas pelos donos da casa e pelas demais pessoas que ajudaram. Alguns foliões dormem onde a bandeira dorme, armam suas barracas e acompanham a bandeira sem retornar para casa durante os sete dias do giro. Mas, atualmente, a maioria das

peessoas volta para dormir em casa ou na casa de parentes e retornam no dia seguinte para a casa do pouso onde serão servidos o almoço e a janta.

A casa que oferece o pouso dá também as três refeições: o lanche da madrugada, o almoço e a janta do dia seguinte. Atualmente isso tem se tornado um fator relevante na definição dos donos das casas que se oferecem para receber a folia. Muitas pessoas têm vontade de dar um pouso, mas não têm condições financeiras para arcar com toda a despesa das três refeições. Em outros casos, quando é o cumprimento de um voto ou de uma promessa, por exemplo, algumas famílias se unem numa rede de colaboração e doação de alimentos e serviço.

Entre o almoço e a janta, sempre há muita conversa, modas de viola, catira e reencontros entre amigos que costumam se ver todos os anos no período da Folia. Esse foi um ponto sempre lembrado pelos foliões com os quais conversei, porque muitos foliões já não moram mais no povoado, mas retornam todo ano para cumprir sua obrigação com os Santos Reis. Folia, para a maioria, se resume em fé, devoção e reencontro com os amigos (sociabilização).

Esse grupo também costuma organizar rezas de terços, celebrações da palavra e missas. Esses eventos geralmente acontecem no período da manhã, antes do almoço e tem como convidados ministros da palavra e padres.

Hoje em dia, o grupo da folia de Uruceres tem encontrado dificuldades para montar grupos de catira porque alguns dançadores mais velhos já faleceram e faltam jovens que queiram aprender a dança. Por três anos a folia teve um grupo de catira feminino, formado pelas filhas, sobrinhas e netas de foliões. Infelizmente o grupo acabou pelo fato de as meninas não morarem na mesma cidade e terem dificuldade de se encontrar para ensaiar.

No último dia da festa tem bingo e leilão de manhã, antes do almoço. O bingo e o leilão são feitos com doações e organizados pelo Conselho da Folia. Todo dinheiro arrecado neste dia é destinado à compra de equipamentos e utensílios utilizados na festa e manutenção do material que faz parte do patrimônio do grupo. Há cadeiras, mesas, instrumentos, aparelhos de som, forros de mesa, fogões, panelas, colheres, uma caixa d' água de 250L, entre outros itens que ficam sob a responsabilidade da comissão organizadora e do Conselho.

Depois do almoço de recolhida, no dia 6 de janeiro, seguem-se os ritos de agradecimento da mesa, a cantoria com a bandeira e, por último, os ritos finais, com a fala do festeiro e folião do ano e o anúncio do folião e do festeiro do ano seguinte, que são contemplados com faixas. Por último, acontece a fala do embaixador e coordenador do grupo, que agradece a todos pela participação e colaboração na festa e já convida a todos para a Folia do próximo ano.

1.2 FOLIA DE REIS E O CATOLICISMO NO BRASIL: TRADIÇÃO E RESISTÊNCIA

Os jesuítas foram os principais responsáveis pela catequese dos índios no período da colonização do país, processo marcado por muitos conflitos e muitas mortes em nome de Deus. Com o tempo, os jesuítas perceberam que não conseguiriam impor todos os ritos católicos de Portugal ao povo daquela nova terra e tiveram que fazer algumas adaptações e aceitar temporariamente novas formas de cultuar a Deus. Ao mesmo tempo, a população praticava este catolicismo obrigatório sob forte temor, pois, caso não o fizesse, era denunciada à inquisição, que poderia enviar a pessoa acusada para enfrentar os tribunais do temido Santo Ofício.

Nessa direção, Sebastião Rios (2006) afirma que:

A folia, como a música e o drama, foi usada pelos jesuítas para a catequese. Os padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta usavam as folias e outras danças nas procissões e nos autos, muitos escritos na língua geral. Com a consolidação da colonização, os rituais usados na catequese do índio disseminaram-se entre colonos portugueses, negros escravos e mestiços de toda sorte e foram incorporados às festas dos padroeiros (RIOS, 2006, p. 67).

Houve um tempo, no Brasil Colônia, em que por toda parte “se cantava e dançava alegremente dentro dos templos, diante dos altares cristãos” (BRANDÃO, 1985, p. 138). Mas a igreja católica, especialmente a partir de meados do século XIX, estabeleceu regras de controle desses ritos coletivos, repletos de dança, canto e alegria, que passaram a ser considerados ilegítimos pela igreja. Expulsos dos templos, foram para as ruas e depois para as comunidades rurais, distantes do controle da igreja. Daí surgiu o estatuto relativamente autônomo das formas populares e comunitárias de vivência da religião católica no país, que incluíram as folias. Estabeleceu-se, então, o sistema do catolicismo popular, entendendo-se, por isso, o

trabalho religioso autônomo de agentes leigos – rezadores, capelães, chefes de grupos rituais –, que começou a reproduzir formas de religiosidade entre as classes populares, incorporadas ao modo de vida das diversas comunidades, que se distanciaram das cerimônias religiosas oficiais da igreja católica. Sobre isso, Rios (2015) diz que:

Nesse percurso de mais de cinco séculos, entretanto, alguns elementos implicaram mudanças significativas. Uma das mais relevantes foi a paulatina separação entre a cultura do povo e a cultura da elite, acentuada a partir do movimento romântico, que implicou, na longa duração, o afastamento da instituição eclesiástica de práticas rituais populares que ela mesma havia criado, mas que já não conseguia submeter ao controle de seus sacerdotes. Assim, esse afastamento da igreja das formas de devoção popular – notadamente das folias – acaba por criar um estatuto especial para a religiosidade popular (RIOS, 2015, p. 37).

O catolicismo popular, que passou a existir independentemente do apoio dos representantes oficiais da Igreja e de sua mediação, ganhou força e se estabeleceu por meio dos diversos festejos populares em devoção aos santos no Brasil. A mediação da Igreja, ou do clero, ocupa, nesta forma do catolicismo, um papel secundário. O catolicismo popular, expressando um relacionamento direto e pessoal entre o ser humano e o sagrado, escapa do controle da Igreja como instituição (OLIVEIRA, 1970, p. 74). O fiel se tornou íntimo do santo de sua devoção, “conversa” diretamente com ele e acha que não precisa ir à igreja e participar dos ritos católicos oficiais.

Isso pode ser observado na fala do Ademar, folião do grupo da Folia de Uruceres:

Sabe como é, Santos Reis é muito, assim... A gente fala Santos Reis porque todos os Santos têm o contato com Deus! Inclusive um dia um menino meu passou pra crente falando pra mim: pai, não tem esse negócio de santo não e tal. Aí eu falei: tem meu filho. No exército não tem o comandante que comanda todos os soldados? Os santos são os soldados de Deus. Se você pega com um santo, uma comparação, vamos fazer uma comparação com Santa Luzia, a protetora das vistas. Ela às vezes não tem aquele poder, mas intercede a Deus. Chega lá, não chega? (Ademar Alves da Silva, entrevista em janeiro de 2019).

No caso do grupo de Folia de Reis de Uruceres, ultimamente tem havido uma aproximação dos membros da igreja com os membros do grupo de Folia de Reis,

trazendo os rituais, como a missa e a celebração da palavra, para o festejo da Folia. O grupo costuma convidar padres e ministros da palavra para celebrarem missas em pousos da folia. Quando são convidados a celebrar uma missa durante o giro da Folia, os padres fazem questão de “benzer” os instrumentos dos foliões, solicitar que eles participem da procissão de entrada e a cantarem durante a missa. Mesmo sendo fora da igreja, a missa segue todo o ritual pré-difinido em qualquer missa, sob o comando do padre.

O fato de os padres e ministros da palavra serem apenas convidados ficou bem explícito no giro deste grupo de Uruceres. A Folia é do grupo de foliões, que comandam e organizam tudo. A participação de representantes oficiais da igreja católica se dá por meio de convite para celebrar uma missa, no caso dos padres, ou para realizar a celebração da palavra, quando é um ministro da palavra. Terminada a obrigação deles, logo vão embora, e o grupo continua no comando. No grupo da Folia de Uruceres não há interferência da igreja e de seus representantes no festejo. No giro de 2019, foram realizadas duas celebrações e celebradas duas missas.

Figura 1 – Fotos da missa na Fazenda Alegrete.



Missa na fazenda Alegrete, município de Jaraguá – 4º pouso, dia 04.01.19 – Padre Edmilson benzendo os foliões com a Bandeira de Santos Reis e distribuindo a comunhão. Foto Rosana F. M. Bitencourt

Figura 2 – Fotos das celebrações da palavra em Uruíta e no Cruzeiroão.



Celebração 1º pouso (José Augusto) – Fazenda Grajaú, Uruíta
Foto Rosana F. M. Bitencourt, dia 01.01.19



Celebração 3º pouso (José Augusto) – Povoado Cruzeiroão
Foto Rosana F. M. Bitencourt, dia 03.01.19

Figura 3 – Fotos da missa na fazenda Sucuri.



Missa na fazenda Sucuri, Uruceres – 5º pouso, dia 05.01.19, com Padre Israel, procissão de entrada dos foliões com a Bandeira de Santos Reis. Foto Rosana F. M. Bitencourt

Para Müller (1979, p. 230), "por religião popular entendemos a totalidade de convicção e práticas religiosas, formadas por grupos étnicos e sociais na confrontação das suas culturas típicas com o cristianismo, como cultura dos povos dominadores". Geralmente a religião é ensinada, primeiro, no meio familiar e passada de geração a

geração, através da oralidade e dos costumes da família. Enquanto crianças, aprendemos e seguimos a religião de nossos pais e avós. Só mais tarde, na adolescência ou idade adulta, temos capacidade de mudarmos de opção por meio do conhecimento de outras religiões.

O Brasil é formado por vários povos e culturas, que foram se misturando ao longo dos anos, tornando-se um país multicultural, pois cada povo tenta preservar suas raízes. Isso acontece em todas as áreas, principalmente na religiosa. O ser humano tem necessidade de acreditar no sobrenatural, em algo ou alguém superior, divino, e a religião faz essa ligação entre o humano e o divino pela fé.

Segundo Durkheim (1996),

[...] os homens foram obrigados a criar para si uma noção do que é a religião, bem antes que a ciência das religiões pudesse instituir suas comparações metodológicas. As necessidades da existência nos obrigam a todos, crentes e incrédulos, a representar de alguma maneira as coisas no meio das quais vivemos, sobre as quais a todo momento emitimos juízos e que precisamos levar em conta em nossa conduta (DURKHEIM, 1996, p. 4).

O encontro entre a terra e o céu só é possível porque a fé abre esta possibilidade. Esta fé, que nada mais é que a certeza da intervenção do alto nas vivências cotidianas, por parte da pessoa, cria um elo, um vínculo entre o crente e o objeto de sua crença. Este vínculo é sempre renovado e fortalecido com os rituais religiosos, e é nesses rituais que surgem as performances através da música, da dança e da representação do sagrado.

Waldney Costa (2017, p. 9), ao analisar os textos de Durkheim, ressalta a “ideia de que a sociedade se recria ao se projetar na religião e a de que a vida religiosa eleva o homem acima de si, lhe capacitando para os desafios existenciais.” Por meio dos estudos sociológicos da religião, passa-se a entender a cultura de um povo pelos elementos de suas ações sociais, rituais ou artísticas, por meio da forma que se estruturam, se constroem e se realizam. O autor ressalta também “o papel da religião na coesão social”.

Os ritos da igreja católica passaram por várias transformações com a intenção de se aproximar mais dos fiéis, mas ainda assim há um distanciamento devido à rigidez da igreja. Isso fortalece o catolicismo popular e o culto aos santos, pois, através

das festas religiosas, as pessoas têm uma proximidade maior com o divino e uma liberdade maior para expressar sua fé. Pessoa (2007, p. 131) diz que o catolicismo implantado no Brasil Colônia, diferente do catolicismo praticado na Europa, “trazia com toda sua força o culto aos santos”.

A história do catolicismo no Brasil se assemelha à história do catolicismo no mundo. Em alguns momentos, a igreja se aproxima dos fiéis e permite rituais com momentos de drama, canto e dança dentro dos templos e com a presença do clero. Em outros momentos, esses mesmos rituais usados pela igreja na catequese colonial passam a ser definidos como práticas profanas e são proibidos. É o movimento de afastamento apresentado por Rios (2006):

[...] proibidos nos templos, os rituais da religiosidade popular acabam estabelecendo-se nos locais menos sujeitos ao controle da Igreja: as periferias das cidades maiores, as pequenas cidades do interior, as corruelas e as capelas erigidas e mantidas pelas comunidades rurais. Isto fez com que, no caso das Folias de Reis, muitas ficassem circunscritas ao ambiente do campo, levando vários estudiosos a considerá-las um ritual do catolicismo rural (RIOS, 2006, p. 68).

Na Folia de Reis, a parte doutrinária aparece muitas vezes de forma performática. As passagens bíblicas são recitadas em forma de músicas pelos foliões, norteando um ritual secular. Na Folia de Reis de Uruceres, o grupo de foliões canta reportando-se ao Evangelho em vários momentos rituais durante todo o giro. Também rezam o terço regularmente desde 1996 – não que não se rezasse o terço antes desse tempo, mas foi nesse ano que a Cleonildes Gomes dos Reis Souza fez uma promessa de rezar o terço durante o giro por sete anos e depois, a pedido do seu tio, o Sr. Alexandre Pereira Lemes, passou a organizar a reza do terço regularmente.

Também incorporaram-se missas e celebrações da palavra durante o giro da folia, além do terço dos homens do povoado de Uruceres. Este é cantado e foi inserido no giro da folia no ano de 2015 por alguns foliões do povoado, que também fazem parte do grupo que reza o terço dos homens, há oito anos, na igreja de Uruceres, todas as segundas-feiras. Esse terço é cantado só por homens, com acompanhamento da sanfona e da viola. Os foliões se posicionam em forma de círculo: um folião segura a bandeira dos Santos Reis, e outro folião puxa o terço, fazendo as orações iniciais e recitando os mistérios. Os demais homens cantam as “Ave-Marias” de cada mistério, acompanhados pela sanfona e pela viola. No giro de

2019, eram cerca de 15 homens, todos vestidos com a camiseta do grupo do terço dos homens. Várias pessoas se juntaram em volta do grupo para acompanhar o terço. Este terço é um evento novo que foi incorporado ao festejo da Folia. No grupo do terço dos homens, há foliões e outros homens que não participam do grupo da Folia.

O terço dos homens foi crescendo na Folia e no povoado de Uruceres. Conforme Ademar Alves da Silva, um dos fundadores deste grupo que reza e também é folião, o terço dos homens agora faz parte da programação oficial da folia e aparece até nos cartazes de divulgação da festa, além também de ter movimentado o povoado de Uruceres e reaberto a igreja para celebrações. O grupo de homens rezadores do terço se reúne todas as segundas-feiras na igreja do povoado para rezar. São em torno de 40 homens que moram no povoado e nas fazendas da região. Uma vez por mês eles fazem o terço cantado, acompanhado de sanfona e viola. Segue parte da entrevista realizada em janeiro de 2019 com o Ademar sobre o terço durante o giro da folia:

Ademar: Mas o terço dos homens é muito bom. Aqui em Uruceres tem o terço dos Homens e o terço da Família. O terço da Família é dia 18 de cada mês... dá o dia que der, tem reza, tem reza na igreja.

Rosana: Tem missa lá na igreja ainda?

Ademar: Tem.

Mas vai padre para celebrar?

Ademar: Vem. Temos o ministro e o diácono. Temos 3 diáconos: o Divino Barba, o Zé Palito e o Edmilson, mais tem dois padres também de Uruana, eles vêm toda segunda quinta-feira do mês.

Rosana: Ficou muito tempo sem ter missa, sem ter celebração lá na igreja?

Ademar: É! Ficou! Mas a igreja, pelo menos de Uruceres, de uns tempos pra cá, ela melhorou. Eu não sei se foi o terço dos homens que deu um empurrão. Parece que deu, sabe?. Não participa todo dia não, mas nós temos uns 40 homens. Não tem no Vale São Patrício um maior que o nosso, pelo tamanzinho de Uruceres. E no dia que faz aniversário, nós fazemos uma festa lá na igreja. Toda segunda segunda-feira do mês é cantado o terço de viola e sanfona. Não é bonito? Os meninos lá da serra vai, o Benedito, o Marcos, o Demar, nós quatro que somos os cantadores. As mulheres vão também. É o terço da comunidade, vai todo mundo.

O terço se transformou numa festividade do povoado, momento de fé, devoção e festa. Assim como acontece no contexto da Folia de Reis, onde “não cabe uma rígida separação entre as esferas do sagrado e do profano, prevalecendo, antes, uma continuidade e permeabilidade entre essas dimensões” (RIOS, 2015, p. 39).

É assim que o catolicismo popular se estabelece nos povoados brasileiros, com seus rezadores, santos de devoção e festejos populares, mesclando ritos e rezas da

igreja católica, celebrados por seus representantes legais – padres, ministros e diáconos – e por ritos, rezas e festas comandados por pessoas da comunidade local. Estas pessoas, na sua simplicidade, carregam e transmitem muita fé e devoção a Deus e a seu exército de santos.

1.3 O MUNICÍPIO DE URUANA E O POVOADO DE URUCERES

Na sequência vamos situar onde fica o povoado de Uruceres para que possamos entender melhor como se formou a identidade desse grupo de foliões.

1.3.1 O município de Uruana

Em 1920, o Sr. José Alves Toledo, nascido em Patrocínio-MG, deixou sua terra rumo a Goiás, residindo primeiro no interior do município de Anápolis. Após quatro anos, resolveu aprofundar-se ainda mais pelo estado, adquirindo um pedaço de terra no município de Jaraguá. O Sr. José Alves Toledo preocupou-se não só com o conforto de sua família, mas também com a educação de seus filhos. Desta maneira, solicitou ao governo do estado a criação de uma unidade escolar. Disseram-lhe que o estado somente poderia manter escolas nos povoados, nas vilas e cidades. Então, ele pensou: Por que não fazer daquele local uma cidade? Desse pensamento surgiu a fundação do povoado “Capela de São Sebastião”, que foi o primeiro nome da cidade de Uruana (BATISTA, 1991). O primeiro passo foi escolher o local, próximo ao rio Uru, onde, logo após, ergueram-se um cruzeiro e uma capela. Ao redor surgiram os ranchos e, posteriormente, as casas de alvenaria foram erguidas.

A cidade de Uruana foi fundada em 1938 por intermédio do Sr. José Alves Toledo, grande proprietário da região, que doou lotes para a Paróquia de São Sebastião no local onde um ano antes foi levantado um cruzeiro. Neste período havia uma campanha do então Presidente da República, Getúlio Vargas, incentivando a marcha para o Oeste. Outro fato importante foi a construção da nova capital goiana, em meados de 1930. Havia uma grande propaganda para que as pessoas deixassem o litoral e viessem ver as belezas do Centro-Oeste. Com isso, vieram várias famílias: Parreira, Pereira, Vieira e outras de Minas Gerais, São Paulo, Bahia etc. Construíram

seus ranchos em volta da Capela de São Sebastião, construída pelos Srs. João Branquinho e José Novato e, assim, ajudaram a povoar Uruana (BATISTA, 1991).

A primeira providência de seu fundador foi escrever cartas a parentes e amigos de Minas Gerais, Bahia e até mesmo de Goiás, convidando-os a virem para a nova cidade que se estabelecia, com terras férteis e matas frondosas. A princípio o povoado não se desenvolveu muito e, em 1940, só havia cerca de 30 casas. Entretanto, com a construção de estrada federal para a colônia agrícola de Ceres, que passa por Jaraguá, toda a região tomou um impulso considerável, tornando-se pioneira, pois estava à frente desse movimento em direção ao Oeste, “A marcha para Oeste⁵”, como o movimento ficou conhecido. O seu desenvolvimento foi tão rápido que ultrapassou a própria cidade de Jaraguá, sede do município, na época. Em 1946, já possuía cerca de 680 casas, com uma população aproximada de 3.000 habitantes, dos quais uma parte exercia suas atividades na vila, e outra parte era constituída de agregados que trabalhavam nas fazendas, em pequenos serviços diários (BATISTA, 1991).

Uruana ficou conhecida, regional e nacionalmente, como a “Capital da Melancia”. Em virtude de sua economia ser baseada na agropecuária, sobretudo no cultivo de melancia, é realizada anualmente, sempre no mês de setembro, uma festa popular pela ocasião do fim da colheita da fruta. A região também foi produtora de melão e abacaxi. Atualmente produz cana-de-açúcar para uma usina de álcool nas proximidades de Goianésia.

⁵A ocupação do Centro-Oeste visava também a ser uma etapa preliminar à ocupação da Amazônia. Em Goiás foi instalada a primeira colônia agrícola, em 1941, na cidade de Ceres, a Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG). Em Dourados – MT, foi instalada a segunda. Os objetivos da Marcha para o Oeste eram basicamente: política demográfica de incentivo à migração; criação de colônias agrícolas; construção de estradas; Reforma Agrária e incentivo à produção agropecuária de sustentação. Transcorrida por cerca de 40 anos, a Marcha Para o Oeste fundou cerca de 43 vilas e cidades, construiu 19 campos de pouso, contatou mais de 5 mil índios e percorreu 1,5 mil quilômetros de picadas abertas e rios.

Figura 4 – Mapa Marcha para Oeste.



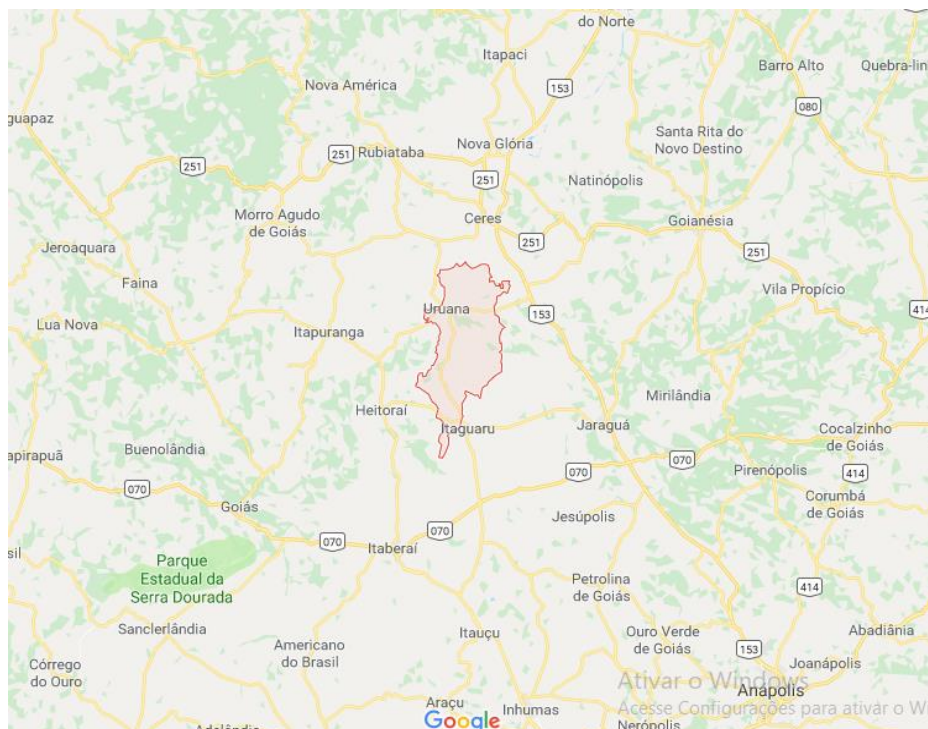
Fonte: <http://www.mfd.mus.br/pt/a-marcha-para-o-oeste/>

Figura 5 – Mapa Administrativo e político do estado de Goiás.



Fonte: <http://klimanaturali.blogspot.com/2018/09/mapa-administrativo-e-politico-de-goias.html>.

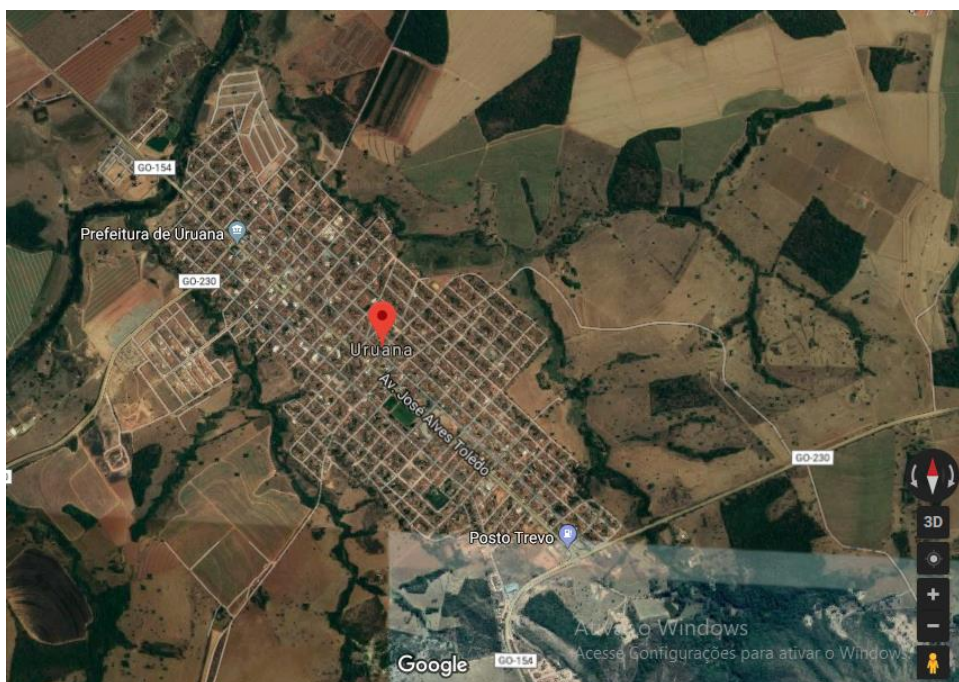
Figura 6 – Localização do município de Uruana.



Fonte: Google Maps.

Por sugestão do Engenheiro Dr. Felicíssimo de Espírito Santo Neto, foi feita a junção do nome do rio que banha a cidade, denominado Rio Uru, e o nome da segunda esposa do fundador, Sra. Ana Toledo, ficando decidido o nome da cidade: Uruana. A cidade está localizada às margens do Rio Uru, numa zona mais ou menos plana, a noroeste da cidade de Jaraguá (BATISTA, 1991).

Figura 7 – Mapa aéreo da cidade de Uruana.



Fonte: Google maps.

Em 20 de julho de 1940, legalizou-se a situação da doação feita à Paróquia de São Sebastião pelo Sr. José Alves Toledo, de 10 alqueires de terra pertencentes a sua fazenda Boa Vista do Fundão. Através da Lei Estadual nº 8305, de 31 de dezembro de 1943, Uruana foi elevada à categoria de distrito, e o Sr. Antônio de Castro, prefeito de Jaraguá, nomeou para exercer o cargo de subprefeito de Uruana o Sr. Nicanor Ferreira. Depois foi criado o município pela Lei nº 132, de 14 de setembro de 1948⁶.

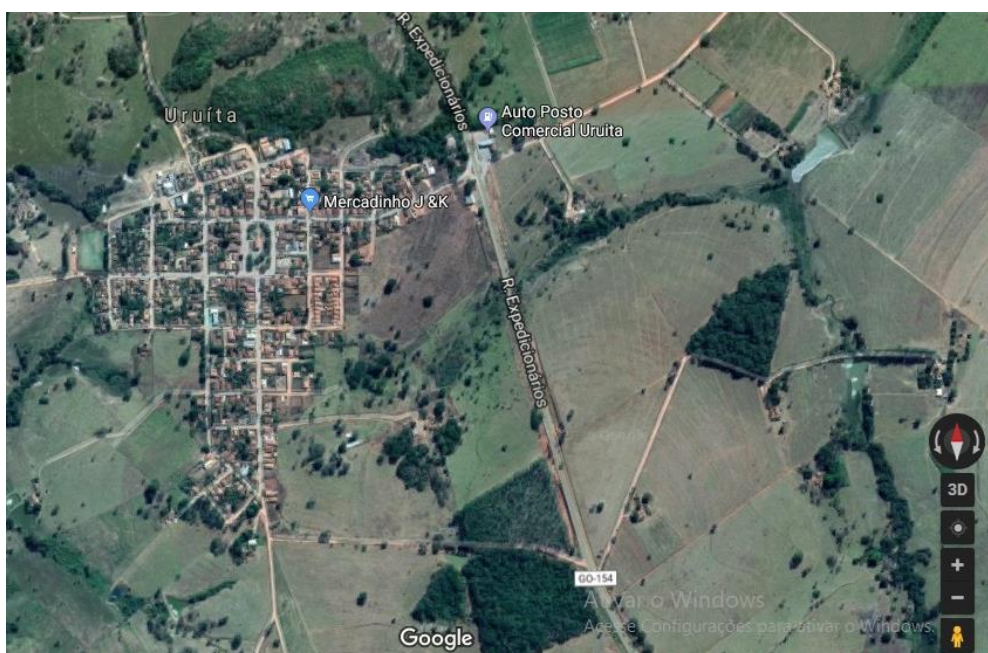
O município é formado pela zona rural e pela zona urbana. Em divisão territorial datada de 1º/12/1983, o município é constituído por três distritos: Uruana, Uruíta e Uruceres. O distrito de Uruíta surgiu com a doação do terreno, pelos senhores José

⁶Disponível em: <http://www.uruna.go.gov.br>. Acesso em: 14 jun. 2018.

Ribeiro Magalhães e João Inácio Moraes, ao Poder Público para a construção do povoado, hoje distrito.

O distrito de Uruíta foi criado pela Lei nº 134, de 29 de novembro de 1963, e instalado em 1º de janeiro de 1964, obedecendo a administração direta do executivo municipal (BATISTA, 1991).

Figura 8 – Mapa aéreo do distrito de Uruíta



Fonte: Google Maps.

O POVOADO DE URUCERES

O povoado de Uruceres foi fundado em 7 de setembro de 1950, com missa celebrada pelo padre Cleto, de Jaraguá. A doação do terreno foi feita pelo Sr. Deolindo Machado Parreira (mais conhecido como Diolino Parreira), cujas terras pertenciam à Fazenda Sucuri. No início, o povoado foi formado por 120 lotes, e atualmente não passa de 150 lotes. A capela foi construída em 1951, junto com a praça. O Grupo Escolar Manoel Santos Júnior foi construído em 1955, numa área de 10.000 m². A origem o nome do povoado se deu por meio da junção dos nomes das cidades de Uruana e de Ceres = Uruceres (BATISTA, 1991).

Figura 9 – Mapa aéreo do distrito de Uruceres.



Fonte: Google Maps.

Pela Lei municipal nº 179, de 17/10/1966, foi criado o distrito de Uruceres e anexado ao município de Uruana. Uruceres está localizado na GO 230, que liga Uruana à rodovia BR 153 (Belém-Brasília), ficando a 11 km da rodovia. O comércio de Uruceres consta de armazéns, cerâmica, serraria e, atualmente, um laticínio. Não existem dados da população de Uruceres nos censos do IBGE. Como é um distrito, sua população é contabilizada juntamente com o município de Uruana, do qual faz parte, o distrito de Uruíta e os povoados da Lagoa e do Cruzeiro. De acordo com o último censo realizado pelo IBGE, em 2010, o município de Uruana tem uma população de 13.826 habitantes ⁷.

1.4 OS GRUPOS DE FOLIA DE URUCERES

Em Uruceres já existiram dois grupos de Folia de Reis: o grupo da Folia dos Martins Pereira e o grupo da Folia dos Lopes. Hoje em dia só existe o grupo dos Martins Pereira, que prefere ser chamado de “Tradicional Folia de Uruceres”. Segundo alguns foliões mais velhos, esse grupo de folia tem mais ou menos 80 anos. Há muita controvérsia sobre o início desta folia, pois seus fundadores já faleceram, e os foliões

⁷ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 28 jul. 2018.

mais antigos dizem que existiam outros grupos que também giravam na região de Uruceres, Uruana e Monte Castelo. Esses grupos ainda existem, e novos grupos de folia foram criados. Um dos grupos mais novos é o grupo de folia de Uruíta, outro povoado que faz parte do município de Uruana. Esse grupo tem seis anos e gira entre os dias 15 e 20 de janeiro.

O grupo de Folia dos Lopes acabou depois da morte do seu embaixador e folião mais antigo, o Sr. José Alves da Silva (Zé Alaor), em 1º/06/2010. A última vez que o grupo girou foi entre 31 de dezembro de 2009 e 6 de janeiro de 2010. Conversei com alguns foliões que eram do grupo dos Lopes, e eles passaram a integrar o grupo dos Martins Pereira, mesmo antes do primeiro grupo acabar. Não há muita clareza a respeito do motivo de o grupo ter acabado. Segundo Raphael Samuel (1989, p. 239), “a memória tem sua própria seletividade e seus silêncios”. Talvez por isso nem os próprios foliões saibam ou queiram explicar a extinção do grupo. O fato é que não é fácil organizar uma folia. São vários detalhes, muitas pessoas envolvidas, além de tempo e dinheiro. Junto com os foliões, responsáveis pela perpetuação do rito, há uma grande quantidade de pessoas que trabalham nos “bastidores do festejo”. É preciso ter muito comprometimento por parte do grupo organizador para que as coisas aconteçam. Há todo um planejamento de longo, médio e curto prazos. Na entrega da folia, no dia 6 de janeiro, já se começa a preparação para a festa do ano seguinte, inclusive anunciando o folião e o festeiro do próximo ano. No grupo de folia de Uruceres há uma lista de festeiros e foliões para os próximos cinco anos.

Ainda sobre os dois grupos de folia de Uruceres, destacarei as principais diferenças entre eles. O grupo de folia dos Lopes tinha palhaço, girava apenas durante o dia, era um grupo mais festeiro e costumava ter muita dança de catira e forró. Já o grupo dos Martins Pereira só gira à noite, não tem palhaço, nem forró. Segundo alguns de seus integrantes, o grupo se preocupa mais em preservar os ritos religiosos do festejo. Há várias rezas de terço e, atualmente, celebrações e missas. A dança de forró não é proibida, mas o giro que eu acompanhei só aconteceu em um pouso durante o dia, e a responsabilidade da organização foi dos donos da casa, e não do grupo de foliões.

O grupo de Folia dos Martins Pereira traz consigo uma peculiaridade, já que a maior parte dos foliões que são responsáveis pelo seu giro não reside na região, e

sim em outras cidades. São filhos, netos, bisnetos, sobrinhos e afilhados dos primeiros puxadores da folia que residiam em Uruceres, e que agora estão dispersos por várias cidades dos estados de Goiás e de Mato Grosso, mas que todo ano, no período da folia, voltam para a cidade para cumprir sua obrigação de folião. Muitos foliões residem em cidades como Jaraguá, Heitorai, Rianópolis, Anápolis, Uruana, Goiânia, Brasília e até na cidade de Guarantã do Norte, no estado de Mato Grosso. No entanto, isso não impede que eles possam, todos os anos, dar continuidade a essa tradição que vem resistindo há tanto tempo. No período da festa da folia, todos regressam para Uruceres a fim de participar dos festejos. O povoado, que é pequeno e tranquilo, nos dias da festa, fica bem movimentado. De acordo com informação dos foliões, no almoço da recolhida (encerramento da festa), que acontece sempre no dia 6 de janeiro, Dia dos Santos Reis, aglomeram-se mais de 1 mil pessoas. É um momento de devoção e de reencontro entre gerações, amigos e parentes que saíram do povoado em busca de melhores condições de vida, mas que nunca se esquecem de suas raízes, voltando para participar da tradicional festa da Folia de Reis.

Como esse rito é transmitido principalmente por meio da oralidade, entre os membros da família e da comunidade mais próxima, e o grupo é composto por pessoas muitas vezes iletradas, não há registros escritos com detalhes sobre as raízes desta tradição que perdura até hoje em Uruceres. Dependemos, portanto, da memória individual e coletiva do grupo.

É como explica Raphael Samuel (1989),

Há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar; eventos do passado que só eles podem explicar-nos, vistas sumidas que só eles podem lembrar. Documentos não podem responder [...] (SAMUEL, 1989, p. 230).

No caso deste estudo, não encontramos nenhum documento da folia e provavelmente nem exista, pois nunca houve preocupação com o registro formal do rito e do giro, por meio da escrita, pelos integrantes do grupo. Em 2005, duas alunas do curso de graduação em História da Universidade Estadual de Goiás (UEG), da unidade da cidade de Itapuranga-GO, Maria Aparecida Silva Fernandes e Raquel Cristina Veloso, fizeram seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a Folia de Reis do grupo dos Martins Pereira. É o único documento existente ao qual tive acesso.

Atualmente há preocupação com a permanência da tradição – princípio básico da salvaguarda –, principalmente por alguns foliões mais jovens, como Wemerson Vieira Lemes, um dos embaixadores do grupo e neto do Sr. Alexandre Pereira Lemes, um dos foliões mais antigos que também era embaixador da folia e que faleceu em 2016, com 89 anos. Quando o Sr. Alexandre faleceu, levou consigo grande parte da história desse grupo de Folia de Reis.

De acordo com o IPHAN, segue o conceito de bens culturais de natureza imaterial,

os chamados bens culturais de natureza imaterial, cujo caráter é processual e dinâmico – tais como ritos e celebrações, formas de expressão musical, verbal e cênica, conhecimentos e técnicas, folguedos, etc., - sua manifestação à percepção de nossos sentidos é inseparável da ação humana, e sua continuidade depende da existência, e da atuação reiterada, no tempo e no espaço, de sujeitos desejosos e capazes de produzir e/ou reproduzir esses bens (IPHAN 2010, p. 17).

Conforme o conceito acima, a Folia de Reis é um bem cultural de natureza imaterial e precisa ser preservada. Por isso, preciso explicar o que é salvaguarda e quais são seus princípios. Os macroprocessos que compõem a salvaguarda são: identificação, registro, apoio e fomento, com o intuito de preservar o bem cultural de natureza imaterial.

O objetivo das ações de salvaguarda é “propiciar, pelos meios adequados à natureza do bem, sua continuidade, com base na produção de conhecimento, documentação, reconhecimento, valorização, apoio e fomento” (IPHAN 2010, p. 23).

Ainda para o IPHAN, a preservação dos bens imateriais tem como foco:

a busca de instrumentos e medidas de salvaguarda que viabilizem as condições de sua produção e reprodução, tais como: a documentação do bem, com vistas a preservar sua memória; a transmissão de conhecimentos e competências; o acesso às matérias primas e demais insumos necessários à sua produção; o apoio e fomento à produção e ao consumo; a sua valorização e difusão junto à sociedade; e, principalmente, esforços no sentido de que os detentores desses bens assumam a posição de protagonistas na preservação de seu patrimônio cultural (IPHAN, 2010, p. 18).

A Folia de Reis é uma referência cultural porque ela é uma representação que configura uma identidade da região para seus habitantes e que remete aos “fazeres” e “saberes”, às “crenças” e aos “hábitos” do grupo que a realiza.

O que pude observar no grupo de Folia de Reis de Uruceres é a preocupação constante com a preservação desse festejo e com a transmissão desse conhecimento para os mais jovens, para que eles continuem com a missão de realizar o ritual conforme as instruções do grupo e o modo de vida estabelecido pelo grupo.

Figura 10 – Foto do Sr. Alexandre Lemes com seu filho Marcelo.



Foto do acervo da família Lemes, cedida pelo Wemerson Lemes

Desde 2016, depois da morte de seu avô, Wemerson Vieira Lemes é coordenador do grupo de Folia. Junto com outras pessoas da região, criou o Conselho da Folia de Reis de Uruceres, que trabalha na organização da festa, cuidando do patrimônio material do grupo e se preocupando com a manutenção da tradição da folia deixada por seu avô. Ele conhece todos os rituais da folia, canta, toca viola e é catireiro, acompanha o grupo desde criança e carrega consigo a responsabilidade de manter a tradição deixada por seu avô. Nos momentos rituais, ele exerce a função de embaixador. Durante o resto do ano, junto com o Conselho, cuida da organização da festa, monta o trajeto do giro, define as casas que darão pouso e ajuda na escolha do festeiro e folião do próximo ano.

Também reserva um tempo para ensaiar com os foliões as músicas da folia e o catira. Preocupa-se com a execução dos ritos e com todas as práticas tradicionais aprendidas com o grupo e, principalmente, com seu avô. Para ele é importante que os foliões estejam afinados e prontos para cumprir com suas obrigações durante o festejo. Sempre que chega a uma casa, o grupo se reúne e se posiciona de acordo com o modelo definido por seus antepassados, retomando um comportamento de respeito e devoção na execução do cantório.

De acordo com Hobsbawn (1997),

O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive as inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição (HOBSEBARN, 1997, p. 10).

A Folia de Reis, que para muitos é uma peregrinação de fé e tradição, para outros também é uma forma de diversão, na qual o que lhes interessa é a comida, a bebida e a dança. Esta inovação – ainda que pela intensificação de uma característica historicamente presente – não é exatamente bem vista pelos foliões mais zelosos da tradição. A festa da Folia de Reis da região vem ganhando novos adeptos que participam dos rituais profanos da festa, diferente dos foliões de antigamente e uns poucos que participam para pagar uma promessa, agradecer uma graça ou pela tradição da família católica. De acordo com alguns foliões, participam da festa pessoas de outras religiões, ou mesmo sem religião, que vão para os pousos por causa da comida farta e da dança do catira. Essas pessoas são chamadas de “foliões de ataio” pelos foliões mais devotos, pois deixam de lado o que para os mais tradicionais seria o principal motivo da festa: a adoração dos três Reis Magos e sua peregrinação ao encontro do menino Jesus (FERNANDES; VELOSO, 2005, p. 35).

Esse é um fato que precisa ser melhor observado e analisado, mas é clara a presença maior de pessoas nos momentos de refeição e de dança, e presenciei isso durante o giro que acompanhei. Outro fato que incomoda os foliões mais preocupados com a preservação da tradição de festa é a bebida. Durante todo o giro, “correm” algumas garrafas de pinga entre os participantes do festejo de maneira discreta. Mas, atualmente, muitas pessoas vão para a festa e levam caixas com cerveja, o que não é bem visto pelos foliões. Esse é um conflito de interesses presente em todos os grupos, que recai sobre a dualidade do festejo profano/religioso.

Segue a fala do folião Alaor Machado Parreira, mais conhecido por Dedé Parreira, sobre esse tema:

Naquele tempo também não tinha cerveja, era só uma pinguinha. Hoje não, a cerveja acaba com o ritmo da folia, é um tal de latinha... até que acaba com aquela, demora muito as coisas. Eu sou contra esse negócio de latinha de cerveja na folia. Mas o que a gente pode fazer? O povo aumentou e a gente tem que pegar o ritmo! (Alaor Machado Parreira, em 5/01/2020).

Independentemente da forma de participação, as pessoas que participam da tradicional Folia de Uruceres, cada qual a seu modo, ajudam a manter viva uma das tantas tradições do catolicismo popular e da cultura popular brasileira.

Segundo Rios (2015, p.17), “os grupos de Folia de Reis preservam, há várias gerações, cantos, toadas e batidas com as cores e sabores específicos das localidades em que surgiram e das circunstâncias de sua difusão”. Por isso a importância de se estudar a Folia dos Martins Pereira de Uruceres separadamente, pois, apesar do rito ter um objetivo comum, que é a devoção aos Santos Reis e ao menino Jesus, os processos rituais foram se modificando e se adaptando conforme cada grupo e lugar.

Há algumas dificuldades para se estudar o grupo de folia dos Martins Pereira, principalmente com relação às informações sobre a formação do grupo e quando ele saiu pela primeira vez. O que se sabe é que dois foliões fizeram um voto, uma promessa de girar com a Folia por três anos, de acordo com o que o Sr. Joaquim Santana, de 80 anos, embaixador mais velho do grupo, relatou:

Aí o Alexandre, avô do Wemerson, que morava aqui, era embaixador bom demais. Aí chamou nós, foi lá em casa do papai e falou: “Martins vamos ajudar eu a tirar uma folia de três anos”. Aí o papai falou: “vou Alexandre, eu vou!” O papai era alferes lá na folia de Monte Castelo e passou pra cá. Aí nós viemos e nunca mais saímos dessa folia, nós não! (Joaquim Santana, entrevista em 5/01/19).

Depois, outras pessoas da família e da região de Uruceres continuaram acompanhando o giro, e o grupo foi crescendo e se organizando, mas tudo muito informalmente. Esses dois foliões, os senhores Martins Pereira e Alexandre Lemes, já participavam de outras folias, mas resolveram criar o seu próprio grupo.

Entre os autores que estudam sobre a Folia de Reis, há a fala de Sebastião Rios:

Folias de Reis são cortejos religiosos populares que giram – com maior frequência, mas não exclusivamente – no período do Natal até o dia de Reis (6 de janeiro), revivendo a viagem dos Reis do Oriente a Belém, para adorar o Menino Jesus. De casa em casa, elas cantam o nascimento do Menino e pedem donativos, em dinheiro ou espécie, para fazer uma festa de encerramento em homenagem a Santos Reis. [...] a Folia de Reis constitui uma das maiores celebrações da cultura e da religiosidade popular no Brasil; digna e merecedora do reconhecimento como bem cultural do país e das respectivas ações de salvaguarda da parte do Estado (RIOS, 2017, p. 189).

A Folia de Reis é uma tradição que se apoia em passagens bíblicas e rituais desenvolvidos pelos vários grupos que dela se apoderam. E, como essa tradição é disseminada principalmente por meio da oralidade, por membros dos grupos de Folias de Reis, e muitos não têm registros do seu início, nem escrito, nem em forma de fotografias, as informações se perdem com a morte de seus precursores, que geralmente ficam encarregados de transmitir esse conhecimento. Os foliões de Uruceres não sabem ao certo em que ano essa folia começou a girar, porque os fundadores do grupo já falaceram há um tempo, mas, enquanto grupo, se organizam para que a tradição da festa no povoado não acabe. Alguns foliões se baseiam na data da Folia de Monte Castelo que, em um cartaz encontrado por mim em um dos pousos, dizia que a folia de lá tem 88 anos de tradição. Então, segundo alguns foliões entrevistados, a folia de Uruceres tem mais de 80 anos.

2 MEMÓRIA E IDENTIDADE

Eu comecei a cantar menino. Fazia terceira voz, eu e esse aqui também (o irmão Benedito, 78 anos, atualmente alferes). Eu entrei na folia com 8 anos, nunca falhei um ano, todo ano eu venho pra folia. Nós começamos na folia de Monte Castelo. Aí nós passamos pra essa daqui e nunca mais deixamos. (Joaquim Santana, 80 anos, embaixador mais velho do grupo, 05/01/19).

O objetivo deste capítulo é compreender como se estabelece a relação da memória com a manutenção da tradição do festejo da Folia de Reis do povoado de Uruceres na formação da identidade desse grupo. Para isso, preciso, inicialmente, apresentar o conceito de memória utilizado em minha dissertação.

2.1 BASES TEÓRICAS SOBRE MEMÓRIA E IDENTIDADE

Raphael Samuel (1997) diz que:

[...] a memória, de acordo com os gregos antigos, era pré-condição do pensamento humano. [...] Pelo mesmo padrão, a mnemônica, a ciência da recordação supostamente descoberta pelo poeta Simônides de Ceos, era a base do processo de aprendizagem. Aristóteles deu-lhe um lugar não menos privilegiado nas disciplinas do pensamento. Ele distinguiu entre a memória consciente, chamando a primeira – a memória que vem espontaneamente para a superfície – mneme; e a segunda, o ato deliberado de rememorar, anamnesis (SAMUEL, 1997, p. 41).

Analisando a memória como pré-condição do pensamento humano, tal como foi apresentado pelo autor, observo que ela é uma das formas de construir conhecimento e, juntamente com a mnemônica, está na base do processo de aprendizagem e, por isso, se torna dinâmica. Sempre que se recorre à memória, seja individual ou coletiva, trazemos recortes do passado, e não o passado em si. Quanto mais tempo o fato rememorado passa, mais se distancia de sua imagem real.

Com relação a isso, Izquierdo (2006) afirma:

[...] a melhor forma de manter viva cada memória em particular é recordando-a. Como isso nem sempre é possível, e certamente não desejável, devemos nos aprimorar na prática da arte de esquecer [...] (IZQUERDO, 2006, p. 294?).

Ainda conforme Raphael Samuel (1997), “a memória, longe de ser um receptáculo passivo ou um sistema de armazenagem, um banco de imagens do passado, é, isto sim, uma força ativa, que molda” e é moldada pelo ser humano, detentor dessa memória. Este, por sua vez, é influenciado por questões sociais, pessoais e culturais. Além disso, a memória é “historicamente condicionada” pela sociedade, sendo progressivamente alterada de geração a geração, formando os quadros sociais da memória segundo os contextos e as estruturas sociais do momento em que se recorda (SAMUEL, 1997, p. 44).

Para reforçar esse pensamento, apresento o conceito de lembrança definido por Halbwachs (1990):

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 1990, p. 71).

Esses conceitos nos auxiliam no estudo dos festejos populares, como a Folia de Reis. Estes, por se perpetuarem principalmente por meio da oralidade, dependem da memória e das lembranças dos “mais velhos”. Na reconstituição do seu passado, os foliões disponibilizam ferramentas para a continuidade dos rituais no presente.

A autora Sandra Pesavento (1995, p. 279) diz que “a combinação memória/lembrança com a sensação/vivência re-apresenta algo distante no tempo e no espaço e que se coloca no lugar ocorrido”. Isso foi observado durante as entrevistas com os foliões. Quando eles começavam a falar do início do grupo de folia dos Martins Pereira, parecia que eles voltavam e passavam a reviver aquele tempo que, em muitos momentos, para eles, parece ser melhor que o atual. Essa é uma característica da memória dos velhos apresentada por Ecléia Bosi e Halbwachs.

O autor Rafael Cardoso (2015, p. 39), que aborda conceitos de memória e construção da identidade por meio da experiência, discorda do dito popular de que “recordar é viver” e afirma o inverso: “viver é, em grande parte, um processo de recordar”. Afirma que “memória e experiência estão intimamente relacionadas, uma alimentando e constituindo a outra”. Isso é claramente identificado no grupo de foliões. Para reviver o ritual da folia anualmente, os foliões utilizam sua memória, tanto individual quanto coletiva, e a experiência retomada para a construção de todo o processo ritual do festejo.

É por meio de nossas experiências, principalmente as que mais nos marcam, que construímos e alimentamos nossas memórias individuais e coletivas ao longo de nossa existência. É assim que gravamos o que é mais importante para nós, como datas e pessoas especiais, e também esquecemos de coisas que vivemos, mas não nos marcaram o suficiente para que ficassem gravadas em nossa memória. Sobre isso, Izquierdo (2006) fala da importância da “memória emocional”, que nos faz recordar sempre porque foi gravada de maneira indelével em nosso cérebro. Ele se refere a episódios que ativam nosso sistema emocional, e isso nos ajuda a guardar algumas lembranças e a esquecer outras, sobretudo as traumáticas.

É assim que as manifestações culturais e os festejos religiosos conseguem resistir às mudanças sociais e permanecer ativos, porque são imbuídos de forte traço grupal, de coesão social, são respaldados pela experiência vivida e pelas emoções de cada indivíduo, se alimentam das memórias individuais e coletivas e reproduzem manifestações seculares.

Pessoa (2018), analisando a cultura popular e as suas manifestações culturais, salienta que:

[...] os universos simbólicos têm um passado, fonte de memória para todos os sujeitos e grupos. Sem a memória não existe socialização. Assim se torna mais fácil a compreensão da cultura popular. Ela é essencialmente feita de lembranças que se atualizam em um presente, a partir das necessidades de um grupo (PESSOA, 2018, p. 62).

Nesse contexto, o autor Maurice Halbwachs (1990, p. 26) que, em seus estudos sobre memória, aborda o surgimento de uma nova visão para a sociologia, busca saber por que, “no meio da trama coletiva da existência”, surge e se impõe a individuação. Destarte, ele trata de memória coletiva e memória individual e fala que nossas lembranças, mesmo de momentos vividos apenas por nós, muitas vezes nos são lembradas pelos outros, porque na realidade nunca estamos sozinhos. Somos seres sociais, vivemos em comunidade, dependemos dessas comunidades para vivermos e, ao longo de nossa existência, participamos de vários grupos. Nossa primeira comunidade é a família, depois podemos participar da comunidade de vizinhos, da comunidade da escola que, ao longo da nossa vida, pode variar muito, dependendo por quantas escolas passaremos do maternal até o ensino médio ou se prosseguimos até a universidade. Provavelmente participaremos das comunidades de

trabalho, das comunidades religiosas, das comunidades que se juntam por assuntos de interesse comum ou para defender uma causa.

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Nossas lembranças são influenciadas pelos grupos que nos cercam e pelas experiências que vivemos junto a esses grupos. Nossa memória individual vai sendo construída por meio destes recortes das lembranças de momentos vividos e experienciados por nós ao longo de nossa vida, momentos bons, momentos ruins, momentos felizes e momentos tristes, cada um a seu tempo e com sua própria intensidade.

Essas lembranças que nos parecem puramente pessoais, e tais como nós sozinhos as reconhecemos e somos capazes de reencontrá-las, distinguem-se das outras pela maior complexidade das condições necessárias para que sejam lembradas; mas isto é apenas uma diferença de grau (HALBWACHS, 1990, p. 48).

Segundo o autor, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51). Esse lugar que nós ocupamos diz respeito aos papéis sociais que representamos ao longo de nossa vida, que mudam conforme nossa idade, os papéis sociais que representamos: de filho/filha, neto/neta, sobrinho/sobrinha, pai, mãe, avó/avô, ou segundo nosso desenvolvimento social, como o papel de estudante, profissional liberal, assalariado, professor/professora, entre outros. Todavia, um ponto importante a ser ressaltado é que sempre representamos ao mesmo tempo vários papéis sociais. Uma pessoa pode ser ao mesmo tempo filho/filha, pai/mãe, marido/esposa, chefe de uma empresa, estudante, afiliado político a um partido etc. Todos esses papéis colaboram para a construção de nossa memória individual e coletiva junto aos grupos dos quais fazemos parte, que por sua vez contribuem para a construção de nossa identidade.

O autor também faz distinção entre memória coletiva. Quando esta envolve as memórias individuais de participantes de um grupo e memória histórica, ele distingue

as duas memórias, chamando-as “interior ou interna” e “exterior”, ou “memória pessoal” e “memória social”. Ou, ainda: memória “autobiográfica” e “memória histórica”. Segundo Halbwachs (1990, p. 55), “a primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla que a primeira”. A principal diferença entre elas é que a memória histórica representa o passado sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresenta um quadro bem mais contínuo e mais denso.

Não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória. [...] É por isso que essas noções históricas e gerais não representariam aqui, senão um papel muito secundário: elas supõem a existência preliminar e autônoma da memória pessoal. As lembranças coletivas viriam aplicar-se sobre as lembranças individuais, e nos dariam assim sobre elas uma tomada mais cômoda e mais segura; mas será preciso então que as lembranças individuais estejam lá primeiramente, senão nossa memória funciona sem causa (HALBWACHS, 1990, p. 62).

Outras questões abordadas pelo autor versam sobre a consciência individual e consciência coletiva e também sobre a distinção entre duração e espaço, quando ele analisa a memória em relação ao espaço e a memória em relação ao tempo. O autor ainda relata que “nos entrecruzamentos dos tempos sociais onde se situa a lembrança, respondem os entrecruzamentos do espaço”. Nossas lembranças estão sempre ligadas a espaços, quer se trate de espaços cristalizados pela história, como os monumentos históricos, quer se trate de espaços que são moldados pelos grupos que nele vivem (HALBWACHS, 1990, p. 15). O autor ressalta a importância e a força do espaço na construção da memória individual e coletiva.

Isso é claramente identificado no grupo de foliões de Uruceres, tanto que agora eles querem ser reconhecidos não como grupo de folia dos Martins Pereira, e sim como grupo da “Tradicional Folia de Uruceres”. Ligando o nome do grupo de foliões ao nome do povoado, se reforçam a memória e a identidade do grupo, que foram construídas no povoado. É isso que faz com que vários integrantes de grupo que não moram mais no povoado voltem todo ano para realizar o festejo. Muitos foliões até participam de outras festas de folia, mas se sentem parte integrante deste grupo, e não dos outros.

O autor diz ainda que a vida em sociedade implica que “todos os homens se ajustem aos tempos e às durações” (HALBWACHS, 1990, p. 90), e conheçam bem as convenções das quais são o objeto. É por isso que existe uma representação coletiva do tempo, através do tempo matemático. Para nos situarmos, precisamos das horas, dos dias, meses, anos, séculos, mas não há um tempo universal e único. A sociedade se decompõe em uma multiplicidade de grupos, nos quais cada um tem sua duração própria. Nossa memória nos leva a tempos remotos, a viajar no tempo, em nossas lembranças, individuais e coletivas, nos transporta a lugares que de alguma forma nos marcaram e fazem parte de nosso imaginário.

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é a realidade que dura. [...] Diremos que não há, com efeito, grupo, nem gênero de atividade coletiva, que não tenha qualquer relação com o lugar, isto é, com uma parte do espaço, porém isto está longe de ser suficiente para explicar que, representando-nos a imagem do lugar, sejamos conduzidos a pensar em tal atuação do grupo que a ela esteve associada (HALBWACHS, 1990, p. 143).

O espaço é uma condição indispensável, mas não é suficiente. As pessoas, os eventos e outros acontecimentos cotidianos também são fundamentais para ativar nossa memória.

Calvino (1990, p. 7) diz que “a cidade não é feita só de suas edificações, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”. Entre as medidas de seu espaço, há pessoas que dela fazem parte, com seus costumes, suas tradições e suas memórias. Por meio das relações estabelecidas com o espaço e com os outros, através dos tempos, estas se modificam e modificam aquele espaço, pois, como seres humanos, estamos em constante evolução.

O que observamos durante todos os dias de giro da folia é que passado e presente estão em constante conexão. As lembranças estão vivas no grupo: lembranças dos antepassados, lembranças dos velhos costumes, das regras que mantêm o festejo existindo. São essas recordações, das experiências vividas pelos integrantes do grupo, que direcionam os rituais atuais.

O que dá fundamento às práticas tradicionais da cultura é essa “memória longa”, ou seja, uma especial capacidade de se apropriar dos universos simbólicos herdados de longe, recriando-lhes ou imprimindo-lhes modos próprios de se expressar, invariavelmente

assentados nas necessidades e capacidades locais de respostas coletivas e essas mesmas necessidades (PESSOA, 2018, p. 79-80).

Quando perguntava para os foliões quais as principais diferenças da folia de antigamente e de hoje, todos, sem exceção, falavam sobre o respeito às regras e a educação do povo que acompanha o festejo. Halbwachs (1990) fala que o tempo antigo pode subsistir ao lado do tempo novo. É natural que o comportamento do grupo atual provoque lembranças do tempo antigo nos membros mais velhos do grupo e também que haja comparação entre os grupos, afinal, eles ainda fazem parte destes grupos. Segue a fala do Sr. Benedito sobre essas diferenças:

A educação era mais diferente. Hoje o povo não tem educação. O povo não espera. De primeiro eram os fuliões primeiro. Tem uma coisa, eu e o Santana éramos cantadores retidos, depois passou pro Gerardo, o Santana saiu, o Gerardo entrou. Nós não íamos na mesa não, ficávamos sentados lá do lado e na hora de comer um ia lá, arrumava um pratinho e levava pra nós. O respeito era outro! (Benedito Pereira Souza, 78 anos, alferes, irmão do Santana, 05/01/19).

Figura 11 – Fotos dos senhores Benedito e Santana.



Senhor Benedito, alferes da folia, sentado durante cantoria para os donos da casa. Foto Rosana F. M. Bitencourt



Senhor Santana, embaixador, tocado viola e cantando em agradecimento à mesa. Foto Rosana F. M. Bitencourt

Apesar da fala do Sr. Benedito, durante todo o giro observei o cuidado e o respeito que o grupo de foliões tinha com ele e com seu irmão, o Santana, que atualmente são os foliões mais velhos ainda ativos no grupo. Eles eram um dos primeiros a serem servidos. Havia sempre alguém do grupo cuidando deles, buscando uma cadeira para que eles se sentassem nos momentos rituais, fazendo o prato para eles no momento das refeições, ajudando-os no percurso até o carro na saída da folia para o giro. Também entendo a fala dele quando observo o restante do povo que

acompanha o festejo “só pra comer” ou se divertir, como dizem alguns foliões. Realmente não há respeito mais como antigamente, e muitas pessoas não conhecem as regras do grupo, não sabem identificar momentos importantes dos rituais e não sabem como se comportar nesses momentos. Nem sempre as pessoas esperavam que todos os foliões do grupo se servissem primeiro, como é o costume. Chegavam nas casas do giro na frente dos foliões, não esperavam o cortejo e os rituais da chegada e faziam muito barulho nos momentos rituais, que é outra coisa que incomoda muito os foliões mais velhos.

Segue a fala de Martins Pereira Neto, neto do Martins Pereira, um dos fundadores desse grupo de foliões sobre o que está diferente na folia atualmente:

Eu acho que é um pouco a educação, o povo. Não conformo com o tipo do povo, esse ano tá até mais ou menos, tá bom, mas o povo tá meio... Antigamente, quando eu comecei a girar, você chegava numa casa dessa aqui, não escutava barulho de nada. Se nós chegássemos aqui, nós parávamos lá naquela porteira lá, descia a pé, de vagarzinho, afinadinho, só a música. A dona da casa acordava com a música da folia. Hoje se bestá, o cara entra dentro da casa antes dela levantar. Isso não sei se é a criação de hoje, sei lá o quê? Eu acho diferente isso aí, eu sinto mal por isso aí. Porque meu avô foi gerente de folia e se o cara fizesse bagunça ele mandava embora. Ele punha ordem, não tinha lugar de bagunça, depois que chegasse, tudo bem, podia brincar e tal. Não tinha bagunça no giro! Pra chegar em casa tinha que ter silêncio para o cara acordar com a música. A fé do povo era acordar com a música.

Hoje tem pouso que você chega lá e tem som ligado – sonzão doido aí – ninguém merece isso aí! Não sei porque a criação mudou muito, e você não pode chamar a atenção de ninguém. Se eu pudesse eu mudaria muita coisa no giro, mesmo se contrariasse alguma pessoa. Podia contrariar, mas eu ia fazer do meu jeito, do jeito que era. No pouso tá bem, tá legal, tem janta, tem cantoria, a mesma coisa, bom demais. Mas, sobre o giro, se fosse por mim, eu mudaria muita coisa no giro (Martins Pereira Neto, embaixador, 54 anos, 05/01/19).

Figura 12 – Foto do Martins Pereira Neto (viola) e Ademar Alves da Silva (pandeiro).



Foto Rosana F. M. Bitencourt

Nesta foto, os foliões estão cantando para as pessoas que querem segurar a bandeira em frente ao altar. É um momento ritual importante, que acontece depois do agradecimento da mesa, logo após as refeições. Quem quer receber uma bênção especial entra na fila do cortejo, pega a bandeira e geralmente faz uma oferta para o grupo (pode ser dinheiro ou alimento), e os foliões cantam pedindo bênçãos para a pessoa e agradecendo sua doação.

Nesse processo são criados os laços de pertencimento que cada indivíduo do grupo estabelece uns com os outros e com o espaço onde o grupo está inserido. Instituem-se aí os processos de identificação e as formas de representação do grupo.

Um exemplo da força desses laços de pertencimento que são criados por esses grupos é a história da família de Martins Pereira Neto, filho do Julião Pereira de Sousa, neto do Martins Pereira que, junto com o Sr. Alexandre Pereira Lemes, criou esse grupo de folia há mais ou menos 80 anos. Tanto o Sr. Alexandre quanto o Sr. Martins participavam de outros grupos de folia na região de Monte Castelo, então o Sr. Alexandre fez um voto de tirar uma folia por três anos e chamou o Sr. Martins Pereira. Essa é a história que os foliões contam sempre. Todos moravam na região do povoado de Uruceres, mas, em 1992, a família de Martins Pereira Neto se mudou para Guarantã do Norte, no estado do Mato Grosso, distante quase 2.000 km de Uruceres. Mesmo assim, todos os anos a família de Martins Pereira Neto vem para o povoado no período da festa da folia, durante dois dias de viagem de carro. Eles até deixaram uma casa no povoado, que fica fechada o ano todo e só é ocupada na época da festa. Perguntei ao Martins Pereira Neto se ele vem todo ano e por quê. Então ele me respondeu que vem todo ano, que nunca falhou nenhum ano e não tem intenção de falhar porque é sua obrigação. É um sentimento de obrigação com os Santos Reis

e com o grupo que foi criado pelo seu avô. É um sentimento de pertencimento ao grupo de foliões, de identificação com o grupo do qual faz parte e com o povoado onde nasceu.

Para falar sobre os processos de identificação, primeiro busquei o conceito de identidade apresentado por Stuart Hall (2006). É preciso entender também o conceito de identidade e identidade cultural, base para os processos de identificação de grupos, como os grupos de Folia de Reis.

Na perspectiva de Stuart Hall (2006), o conceito de identidade é demasiadamente complexo, pouco desenvolvido e muito pouco compreendido pela ciência social contemporânea. Para o sujeito da pós-modernidade (século XX), a concepção de identidade é plural, e não existe uma única identidade, mas várias. O sujeito assume “identidades diferentes em momentos diferentes”. A identidade torna-se uma “celebração móvel”, é formada e transformada continuamente, conforme as relações que o sujeito estabelece com os sistemas sociais que o rodeiam. Ela é definida “historicamente”, e não “biologicamente”, como se pensava anteriormente (HALL, 2006, p. 13).

Essa concepção de identidade tem relação com a ideia dos papéis sociais que cada indivíduo representa. Daí cheguei ao conceito de identidade cultural da modernidade, baseada no sentimento de pertencimento a uma cultura nacional, que me ajudará na análise dos processos de identificação e nas formas de representação do grupo da folia de Reis de Uruceres.

Os rituais apresentados nesses festejos trazem consigo todo um aparato religioso embebido de significados que podem possibilitar a construção da identidade dos grupos que os realizam. E, como isso acontece principalmente por meio da oralidade, existem diferenças na forma de executar e apresentar esses ritos, de acordo com a região onde a festa acontece e conforme o grupo que o executa. Os vários grupos de Folias de Reis espalhados pelo estado de Goiás carregam consigo suas particularidades, mas todos têm o mesmo propósito, que é homenagear os Santos Reis por meio da fé, da devoção e das performances.

2.2 O PAPEL DA MEMÓRIA NA TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO

As Folias de Reis são manifestações de compartilhamento de sentimentos, conhecimentos e normas coletivas. Observa-se que a transmissão de conhecimento e das tradições fica a cargo da família e da comunidade que participa do rito. Não há muitos registros escritos dos processos para a realização da festa. É uma tradição religiosa que passa de pai para filho por meio da oralidade, da observação e da repetição do rito, que está gravado na memória dos foliões. Os foliões mais velhos vão relatando os processos rituais para os mais novos e os guiando enquanto o rito acontece. Para isso, recorrem à memória individual e coletiva do grupo. Suas lembranças e recordações alimentam e estruturam o rito a cada ano.

Pessoa (2018, p. 226) diz que “o saber produzido e trocado nas folias de Reis junta conhecimentos de diferentes domínios – o simbólico, o doutrinário, o vocabulário próprio de cada grupo”. É um saber construído sobre experiências concretas e sobre as memórias do grupo, individuais e coletivas.

Portanto, toda memória não é “uma mera cristalização do passado”. Porque, conforme disse Halbwachs (1990, p. 28), “para algumas lembranças reais, junta-se assim uma massa compacta de lembranças fictícias”. São as memórias simuladas com seus acréscimos e omissões. As tradições seguem esse caminho, por isso sofrem mudanças sempre que são revividas ou reinterpretadas. As narrativas de memórias coletivas e das tradições de um determinado grupo social vão estar carregadas de discursos e significados criados, reinterpretados e inventados pelos sujeitos, sem deixar de considerar os jogos de poder que alimentam as disputas e os conflitos das relações sociais dentro desse grupo. Assim, cria-se a identidade do grupo que, na atualidade, sofre constantes modificações.

Esses conflitos interferem na construção da identidade do grupo de foliões, mas não na realização dos rituais. Mesmo não estando totalmente de acordo, todos os foliões cumprem suas obrigações, assumem seus postos nos momentos rituais e também se preocupam com a manutenção da tradição da festa. Neste ponto, ressaltam a importância de se transmitir o conhecimento para os mais jovens e entra aí o processo de aprendizagem dos ritos e as formas de transmissão de

conhecimento. Esse processo contribui para o processo de salvaguarda do festejo, mesmo que seja de maneira informal e inconsciente.

O processo de aprendizagem das canções da folia pelos atuais embaixadores se dá, principalmente, por meio da oralidade. A maioria deles aprendeu a cantar ouvindo os mais velhos e foram gravando, em sua memória, desde criança, os versos e os ritmos de cada canção. Há pouca coisa escrita e poucos relatos sobre isso. Por meio de conversas e entrevistas, descobri que o grupo tem cadernos de versos, mas não consegui o caderno com nenhum folião. Sobre o processo de aprendizagem das canções da folia, segue o relato de Martins Pereira Neto.

Rosana: qual a sua função na Folia?

Martins: eu na folia é o seguinte, eu tanto faz eu tirar a música ou responder a música, é a mesma função minha. O que o Wemerson faz eu faço também. Eu sou embaixador, o que for preciso eu faço.

Rosana: você toca instrumentos também?

Martins: toco viola. Se tiver que cantar de cá ou de lá eu canto. Igual ao Wemerson. Ele aprendeu com o avô dele, eu aprendi com o avô dele também, mas ele é mais novo, pessoa mais nova é mais fácil de aprender as coisas...

Rosana: e você dança catira também?

Martins: danço, e umas modas de viola canto também. Meu tio Alexandre foi uma pessoa que me ensinou, que me cativou muito. O tio Marcelo também, mas o tio Alexandre que deu mais apoio pra mim pra eu aprender as coisas na música. Me ensinou, sempre cantei com ele. Cantava com ele, eu não tinha medo de chegar em qualquer lugar pra cantar, não tinha medo, não tinha. Cantei até em Brasília com ele.

Rosana: e como ele te ensinava?

Martins: no caso, ele escreveu pra mim. Fui conversando, lendo e entendendo, e fui aprendendo mais cantando. É que no verso da folia é o seguinte: às vezes tem que fazer verso da sua cabeça, não é o que você sabe ler não. Conforme muda você tem que cantar da sua cabeça, tem que mudar. Às vezes se tá pedindo esmola ou se chega num altar e tem alguma coisa diferente, você tem que fazer diferente, num arco no caso... (Martins Pereira Neto, embaixador, 05/01/19).

Geralmente, no grupo de foliões, quem canta também toca algum instrumento, às vezes mais de um. Os pais, avós, tios e amigos que cantam e tocam algum dos instrumentos na folia vão ensinando as crianças a tocar também, de acordo com o interesse de cada um. Entrevistei também Marcos dos Reis Pereira, folião de 28 anos, que toca viola. Perguntei como ele aprendeu a cantar e tocar na folia, e ele me disse que desde o ventre da mãe acompanha a folia, e que, com 16 anos, teve interesse em aprender a tocar viola. Começou a aprender com um folião que morava no povoado do Cruzeiro e com seu pai, que também toca viola e canta no grupo da folia.

Inclusive seu nome completo é Marcos dos Reis Pereira, porque ele nasceu dia 10 de janeiro, perto do dia dos Santos Reis. O “Reis” não é sobrenome da família, e sim uma homenagem aos Santos Reis, por causa da devoção de seus pais.

Segue outro relato de mais um folião do grupo, o Soró (Orcelino Ferreira de Aquino, de 54 anos), que começou a acompanhar a folia desde os 8 anos:

Rosana: Qual sua função na Folia?

Soró: minha função é sanfoneiro da folia. Se precisar ajudar, assim, a cantar, se não tiver outro eu canto também, ajudo a cantar. Bato zabumba, caixa, pandeiro.

Rosana: toca de todos os instrumentos?

Soró: só instrumento de corda que não, violão, viola não toco não. Sanfona, pandeiro, caixa, triângulo, tudo eu faço um pouco.

Soró: eu não tocava sanfona, batia um pandeiro, caixa. E depois, quando a folia dos Lopes acabou – mas bem antes dela acabar eu passei pra essa daqui – eu aprendi tocar sanfona. Assim, a gente tem que ter esforço e tem que ter dom praquilo também. Toda vida eu gostava de folia. O sonho era aprender a tocar sanfona, aí o João da Arieta, que faleceu, era sanfoneiro dessa folia dos Martins. Ele que me deu umas explicações, danava comigo, foi me ensinando e eu fui aprendendo, aprendendo e tô até hoje, graças a Deus!

Figura 13 – Foto com Soró (sanfona), Wemerson (viola) e Martins Neto (viola).



Foto Rosana F. M. Bitencourt

Ainda falando sobre transmissão de conhecimento, segue o trecho de mais uma entrevista, em 4/01/19, agora com o folião Ademar Alves da Silva – mais conhecido como Dimar –, de 64 anos, que mora em Uruceres, onde ele explica como aprendeu a cantar, tocar e dançar catira. Também explica como ensina, tem um filho que também toca pandeiro e caixa e dança catira. Já está ensinando catira para seus netinhos, que vão sempre a caráter para a folia, usam calça jeans, camisa xadrez e botina.

Rosana: você conheceu essa Folia dos Martins antes da Folia dos Lopes?

Ademar: antes, antes da folia dos Lopes. Eu sou da família dos Lopes, sabe? Mas eu conheci essa folia aqui (a folia dos Martins) antes. Eu tinha em torno, assim, de uns 10 anos de idade quando eu conheci essa folia dos Martins. Aí depois eu mudei para Uruceres, eu morava na roça, aí eu mudei pra Uruceres, aí veio essa outra folia, a dos Lopes. A gente era tudo parente! Os embaixadores, inclusive o mais antigo que no meu tempo era o Bastião Henrique, casado com uma tia minha, ele era embaixador. Ele gostava demais de mim e me chamou... eu ainda menino, assim, tava pré-adolescente. Aí veio seu Inacim, o nome completo dele é Inácio Ferreira do Prado, eu nunca esqueci o nome dele. Um dia ele vendo eu acompanhando a folia e tal, aí eles chamaram pra dançar um catira. Eu sempre participava lá pra trás, fala a rabada, na rabada lá. Um dia, uma hora ele chamou eu: Dimar, vem cá ajudar eu a tirar palma aqui. Me deu uma friagem, tremi nas bases, mas eu fui, eu gosto demais. Ele era muito, mas muito humilde, sabe? Assim, não tinha tristeza, muito alegre, amigo e entendia muito de folia, bom embaixador. Aí foi indo, aí meu padrinho Bastião Henrique morreu, aí fui com seu Inácio – Inacim. Depois veio o Zé Alaor, meu primo, nós dois somos primo-irmão. Então eu cantava com eles também, nós cantávamos juntos na música da folia...

Rosana: qual instrumento você toca?

Ademar: pandeiro e zabumba, a caixa. Eu sou apaixonado por sanfona, mas nunca aprendi a tocar, mas acho bonito demais.

Figura 14 – Foto com Ademar, seu filho Maurício e seus netos.



Foto Cristiano R. Bitencourt

Num outro trecho da entrevista, ele explica como ensina Kassielly a tocar pandeiro. Kassielly Barbosa de Souza é a única mulher que faz parte desse grupo de tocadores da folia de Uruceres. Na verdade, ela é uma adolescente de 15 anos, mora em Goiânia e acompanha a folia junto com o pai e suas irmãs desde pequena. Ela é muito tímida e não quis gravar entrevista. Conversei um pouco com ela e com o pai dela, o Sr. Siderlan Antônio de Souza, e ele me contou que ela sempre gostou de ver o pessoal da folia tocar e cantar, e que há quatro anos, quando ela tinha 11 anos, pediu um pandeiro para o pai. Todo ano eles vêm de Goiânia para acompanhar a folia, trazem barraca, colchões, roupa de cama, dormem onde a bandeira dorme e acompanham a folia do início ao fim. Ela começou a aprender a tocar pandeiro com o Salomão, folião que faleceu em 2018, e agora ela acompanha o Ademar. Segue o trecho da entrevista:

Rosana: eu estava observando a Kassielly, ela começou a aprender com o Salomão, mas você ensina um pouco pra ela também, eu fico observando ela lá pertinho de você...

Ademar: ensino, só de olhar pra ela assim... mais tranquilo. Ontem mesmo ela estava empolgada lá, não sei se você viu... batendo meio alto... tal, tal, eu só fazia assim... (um movimento com as mãos) ela é muito educadinha baixava o tom! O dia que nós saímos com a folia, não sei se você percebeu, lá no Fiim, ela chegou e olhou pra mim, eu batendo o pandeiro e ela perguntou se podia buscar o pandeiro e ela foi... Ela gosta demais tadinha! Inclusive até você pode ver que ela está com uma faixinha no braço (punho) porque ela está com muita dor no braço de tocar pandeiro, o bracinho dela dói, porque ela é muito novinha! Eu acho que tem uns quatro anos que ela está na folia tocando pandeiro. Mas ela é firme, hoje ela não veio aqui porque é longe demais, eu fico até com dó dela porque girar a noite não é fácil. É difícil, mas folia é bom demais...

Assim como a Kassielly está aprendendo, ela ensina outros jovens. Logo depois do almoço, no povoado do Cruzeiro, ela foi para a praça da igreja e passou a tarde lá, ensinando sua irmã e outros adolescentes. Os ensinamentos começam como uma brincadeira, mas se alguém desperta realmente interesse, os foliões estão sempre prontos para ensinar. Pelo que pude observar, o processo de ensino e aprendizagem é muito natural; qualquer pessoa que despertar interesse e tiver um pouco de habilidade e persistência pode aprender, e os foliões mais velhos sempre se mostram dispostos a ensinar.

Contudo, o processo de aprendizagem não se limita apenas às músicas e aos instrumentos utilizados no festejo. Há um processo mais profundo, que é o modo de ser no mundo, a identidade do folião, como ele enxerga o mundo através do grupo. Todo o ritual é ensinado por esse prisma. Observei, por várias vezes, Fernando Parreira Pinto transmitindo ensinamentos ao seu filho João Pedro Sartim Parreira, de 10 anos, escolhido folião de 2019, minutos antes de os ritos acontecerem, como, por exemplo, como segurar a bandeira em frente ao presépio e como girar com a bandeira em volta da mesa. Não há nada escrito, mas eles buscam na memória os passos que devem ser seguidos no cumprimento do rito.

Isso também foi observado na conversa com as meninas do grupo de catira feminino – Taiane Alves Pereira, Danielle Aparecida Parreira, Ana Paula Machado Parreira, Ângela Pereira Matos e Juliana Parreira. Elas sempre acompanharam a folia desde pequenas, pois são filhas de foliões e foram incentivadas a criar o grupo por Alaor Machado Parreira, mais conhecido como Dedé, folião e catireiro. Foram,

também, treinadas por Wemerson, neto do Sr. Alexandre. O treinamento só acontecia perto da época da festa porque algumas meninas não moravam no povoado. O grupo, todavia, só permaneceu realmente ativo por três anos, porque algumas namoraram, se casaram e tiveram filhos. Foi ficando difícil para o grupo continuar, mas, se elas forem chamadas para bater um catira, garantiram que ainda se lembram de todos os passos. Está tudo registrado na memória, assim como a história do grupo.

É nítida a preocupação com a preservação desse festejo por todos os participantes do grupo, apesar de não haver preocupação com o registro desse bem imaterial. Na verdade, talvez isso não seja interesse do grupo. Não há um acervo de fotos, nada escrito por integrantes do grupo sobre sua história. Tudo está guardado na memória de seus integrantes, e muita coisa já se perdeu. Os materiais de comunicação são descartados, assim como os balancetes de prestação de conta. À medida que os detentores desses saberes falecem, seus saberes e os saberes do grupo morrem junto com eles.

Como não há registros históricos do grupo por escrito, tudo fica na memória dos integrantes. Por exemplo, não consegui com nenhum folião o caderno de versos que alguns chamam de “linha da Folia de Reis”. Os materiais como cartazes e lenços são descartados. Não há uma pessoa específica para cuidar desses materiais e montar um acervo. Nem mesmo o próprio grupo, que faz parte do Conselho da Folia e cuida dos bens materiais do grupo, se atentou para preservar a história através destes materiais de comunicação e identificação do grupo. Consegui uma informação que há uma gráfica que faz os cartazes do grupo há mais de 10 anos, mas não consegui ter acesso ao material. Faltam medidas de salvaguarda que viabilizem as condições de sua produção e reprodução, tais como a documentação do bem, com vistas a preservar sua memória.

2.3 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E REVERÊNCIA AOS ANTEPASSADOS

Com o advento da globalização desencadeado a partir da segunda metade do século XX, as mudanças sociais se tornaram mais constantes, mais rápidas e permanentes, e isso afetou diretamente os processos de identificação por meio dos quais os sujeitos projetam suas identidades culturais. Esses processos se tornaram mais provisórios, mais instáveis e mais problemáticos. Com a globalização, os

sistemas de significação e representação cultural se multiplicam e são confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis. Neste processo, vários grupos sociais começaram a pensar em formas de preservação de sua identidade, criando estratégias de resistência à cultura de massa, que passou a ser difundida com a globalização. Passaram então, a se preocupar em preservar sua cultura local, o que inclui os rituais religiosos e os festejos populares, como a Folia de Reis.

Segundo Roberto Cardoso de Oliveira,

[...] a identidade social surge como a atualização do processo de identificação e envolve a noção de grupo, particularmente a de grupo social. Porém, a identidade social não se descarta da identidade pessoal, pois esta também de algum modo é um reflexo daquela (OLIVEIRA, 2003, p.119).

O autor ressalta que a identidade pessoal e a identidade social são parte das definições e dos interesses de outras pessoas ou grupos em relação ao indivíduo ou grupo cuja identidade está em questão. Esses conceitos possuem “um conteúdo marcadamente reflexivo ou comunicativo”, porque supõem-se relações sociais tanto quanto um código de categorias destinado a orientar o desenvolvimento dessas relações (OLIVEIRA, 2003).

Diz-se, ainda que, a identidade é marcada pela diferença. Enquanto sujeito ou enquanto grupo, sua identidade é reforçada quando comparada a outros sujeitos ou a outros grupos. Como exemplo temos a comparação entre os dois grupos de folia que existiam na região de Uruceres, o grupo dos Martins Pereira e o grupo dos Lopes. Mesmo com a extinção do grupo dos Lopes, ainda hoje os foliões falam dos dois grupos e ressaltam as diferenças existentes entre eles. Um dos exemplos é que o grupo dos Martins Pereira gira à noite, e o grupo dos Lopes girava durante o dia para fazer festa/forró à noite. O grupo dos Lopes era mais festivo, tinha mais bebida e dança, enquanto o grupo dos Martins Pereira prezava pelos rituais religiosos, o que também serve para justificar a permanência do grupo dos Martins Pereira, que acabou incorporando alguns integrantes do grupo dos Lopes depois que o grupo encerrou suas atividades.

Nesse sentido, segue o conceito de identidade contrastiva, apresentada por Oliveira (2003):

A identidade contrastiva parece se constituir na essência da identidade étnica, i.e., à base da qual esta se define. Implica a afirmação do nós

diante dos outros. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente. (OLIVEIRA, 2003, p. 120).

Outro fato interessante para ressaltar aqui é como o grupo de folia de Uruceres se identifica e se diferencia dos demais grupos de folia existentes na região por meio da composição do grupo de cantores. Eles se intitulam como grupo de folia goiana, no qual dois embaixadores cantam, e dois foliões respondem. Já na folia baiana, que gira nas proximidades da cidade de Uruana, a diferença é que há um embaixador cantando, e dois foliões respondendo. Um outro exemplo de diferenciação relatado por alguns foliões é sobre a folia mineira, que eles também conhecem e giram em outras cidades próximas a Jaraguá. A quantidade de cantores, de acordo com eles, é de sete vozes, e não quatro, como na folia goiana; o ritmo também é diferente.

Além disso, a partir da abordagem geográfica de lugar, que estabelece uma relação entre espaço, memória e identidade, pode se considerar que as identidades são construídas por meio de espaços de representação. Estes, como estão arraigados na experiência imediata do espaço vivido no cotidiano, compartilhado localmente e nas relações de sociabilização dos saberes e da memória, essas identidades são fortalecidas e se impõem na sociedade, criando mecanismos de resistência. Isso também explica o fato de os foliões voltarem para Uruceres para participar do grupo de folia, mesmo existindo outros grupos nas cidades em que eles moram atualmente.

Observei esse processo por meio das minhas análises sobre o grupo de foliões de Uruceres. Num processo de resistência, eles se agarram ao lugar e às experiências vividas pelo grupo para manterem o festejo e a tradição na região. Tanto que, atualmente, não querem mais ser reconhecidos como grupo de folia dos Martins Pereira, e sim como “Tradicional Folia de Reis de Uruceres-GO”. Essa é a nova identificação do grupo que está estampada em todo material de comunicação e divulgação da festa, e que o coordenador do grupo, Wemerson Lemes, faz questão de ressaltar, apesar de não ser o grupo mais antigo da região. Conforme relato dos próprios foliões, na região, o grupo de folia mais antigo é o de Monte Castelo que, de acordo com um cartaz estampado numa das casas de pouso, tem 88 anos de existência.

Figura 15 – Cartaz de divulgação da Folia de Reis de Uruceres.

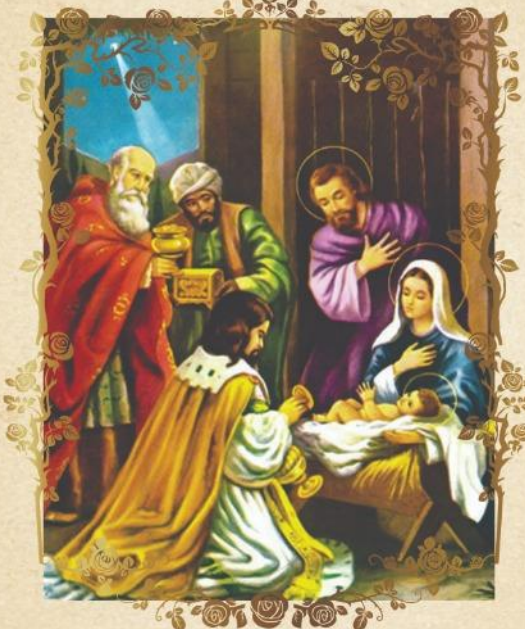
TRADICIONAL

Folia de Reis

URUCERES-GO

O companheiro da folia João Pedro Sartin Parreira e a comunidade de Uruceres e região sentem-se honrados em convidar todos os foliões e os familiares devotos dos três Reis do Oriente para a Tradicional Folia de Uruceres que se realizará nos dias

31/12/2018 a 06/01/2019



JANEIRO

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

18-Nov-21-Cia 1. Dia Mundial da Paz
19-Cres-27-Mig. Santa Mãe de Deus
4. Missa dos Associações

JULHO

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

18-Nov-21-Cia 4. Missa dos Associações
19-Cres-27-Mig.

FEVEREIRO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28		

18-Nov-21-Cia 4. Missa dos Associações
19-Cres-27-Mig. Criação da Prefeitura
Catequismo do Brasil Central

AGOSTO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

18-Nov-21-Cia 2. 50 Anos dos Reis do Oriente
19-Cres-27-Mig. Paróquia de São
15-Cia 10. Festa da Família
17. Santa Clara de Assis - Dia do Pai

MARÇO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

18-Nov-21-Cia 4. Missa dos Associações
19-Cres-27-Mig. 5. Criação da Prefeitura
15-Cia 25. Aniversário do Senhor

SETEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

18-Nov-21-Cia 4. Missa dos Associações
19-Cres-27-Mig. 7. Independência do Brasil
14-Cia 10. Festa da Família
15-Cia 20. Festa da Família
26. St. Miguel, Rafael e Gabriel

ABRIL

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

18-Nov-21-Cia 4. Missa dos Associações
19-Cres-27-Mig. 14. Domingo da Quaresma
15-Cia 20. Festa da Família
21. Páscoa

OUTUBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

18-Nov-21-Cia 4. Missa dos Associações
19-Cres-27-Mig. 13. Nossa Senhora da Conceição
20. Dedicação do Espírito Santo

MAIO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

18-Nov-21-Cia 2. Dia do Trabalho
19-Cres-27-Mig. 12. Dia do Senhor
13. Nossa Senhora da Conceição
24. Dedicação do Espírito Santo

NOVEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

18-Nov-21-Cia 4. Missa dos Associações
19-Cres-27-Mig. 2. Páscoa
13. Nossa Senhora da Conceição
25. Festa de Santa da Ordem Franciscana

JUNHO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

18-Nov-21-Cia 4. Missa dos Associações
19-Cres-27-Mig. 20. Campo e Sangue do Coração

DEZEMBRO

D	S	T	Q	Q	S	S
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

18-Nov-21-Cia 4. Missa dos Associações
19-Cres-27-Mig. 17. Nossa Senhora da Conceição
20. Dedicação do Espírito Santo

31 / 12 / 2018

Sakia - João Moraes e
Stacy
Fazenda Bocão

01 / 01 / 2019

1º Pouso - Negrinha
e Família
Fazenda Grajati - Urucema

02 / 01 / 2019

2º Pouso - Irmãos,
Pauze e Família
Fazenda Sícum

03 / 01 / 2019

3º Pouso - Negrinha
e Família Cruzaria

04 / 01 / 2019

4º Pouso - José Gomes Dvina
Fazenda Alegrete

05 / 01 / 2019

5º Pouso - Família Alexandre
Lemes - Fazenda Sucuri

06 / 01 / 2019

Recolhida - Dito Cardoso
e Cristina
Uruceres - GO

BINGO:
06.01.2019 - 10:30 h - Uruceres

Conselho da Folia de Reis de Uruceres

Patrocinadores:



Fonte: Wemerson Lemes (coordenador do grupo de foila).

Enquanto grupo, quer se diferenciar dos demais grupos de folia da região, faz questão de ressaltar isso e se baseia na memória do grupo e no respeito aos antepassados para manter viva a tradição. Em vários momentos fica clara a responsabilidade de dar continuidade ao festejo em respeito aos antepassados que começaram com o grupo de folia na região, principalmente entre os integrantes das famílias dos precursores.

Em todos os momentos rituais do giro, os antepassados são lembrados e reverenciados, tanto pelos foliões quanto pelos devotos, que continuam a oferecer suas casas para pouso, muitas vezes sem ter voto ou promessa para cumprir. Como exemplo, temos os irmãos Pureza: em memória de seus pais já falecidos, todos os anos eles oferecem sua fazenda para um pouso, onde há três anos é rezado o terço dos homens. Durante o terço deste ano foi feita uma homenagem ao folião Salomão, que tocava pandeiro e faleceu ano passado. Seu pandeiro foi doado ao grupo de foliões e ficará sob a guarda de Ademar, responsável por cuidar do pandeiro e, de certa forma, da memória de Salomão.

Ainda falando dos antepassados, seguem uns versos escritos por Fernando Parreira Pinto, que se chama: “O giro da folia lá no céu”. Neste, Fernando, que é primo de Wemerson e pai de João Pedro, folião deste ano, relembra vários foliões que já faleceram e presta uma grande homenagem aos antepassados do grupo que merece ser registrada.

O giro de folia lá no céu
Autor: Fernando Parreira Pinto

Cheguei em casa um pouco cansado,
mas com muita alegria
Sempre animado
pra girar numa folia

Era véspera de Ano Novo,
muitos foliões e muitas brincadeira
Lá na serra,
na casa de Martim Pereira

Folia foi girando
na casa de Antônio Matias,
homem de devoção
Fez uma parada lá na casa do Grigorão

Saiu do Cruzeirão e foi girando,

mesmo assim, chegou no João Gundim
Era muita chuva, muito sacrifício,
era o último morador,
Geraldo Natalício

Folia chegou no Tóvi,
naquela hora verdadeira,
ele arrecebeu a bandeira

Já era de madrugada,
já tinha cantado na porta
Naquele momento,
cantou o nascimento
e pediu pousada

O dia amanheceu,
muita fartura no pouso
e muita dedicação
Eita pouso que tava bão!

Folia foi girando sempre pra frente,
Não passou no Tonhão
porque lá tinha cachorro valente

Folia cantou bonito,
naquele momento silencioso
Firme Lemos e Crison
organizava mais um pouso

Lorenço Félix embaixava,
vovô Alexandre respondia
Já era bem cedo,
quase amanhecendo o dia

O pouso foi animado,
todos com grande alegria
Folia saiu pro giro,
que companheirada tão bacana
Primeiro moradô foi a dona Sebastiana

Arrecebeu a bandeira
com grande devução
Lá achei foi bão,
tinha chá de canela
com pão com requeijão

No próximo pouso,
na casa do senhor Alexandre Pereira
Era grande a arrumação,
Wilian, Paulo César ali trabalhando
junto com o Alixandão

Folia cantou na porta do fazendeiro,
Onerico tocava sanfona,
Salomão tocava o pandeiro

Viva o Menino Jesus,
São José e Nossa Senhora!
Viva os aqui de dentro,
viva todos aí de fora!

Nesse pouso tinha muitos fulião:
João da Arieta, Joaquim Pereira, José Tavares,
Antônio Francisco, Sebastião Bonifácio,
Antônio Bonifácio, Malaquias, Inacim,

Também tava o Simião,
sentado ali,
fazendo uma reunião
E também chegou o Romarim,
cumprimentando o povão

No agradecimento do pouso
foi grande a emoção,
Cocó batia caixa,
o Dito o violão

Diolino Parreira gritou,
vamos fazer rastro!
O arfer pegou a bandeira,
era Pedro Bonifácio!

O primeiro morador
era o João Dorácio,
agradeceu os fulião
e achou muito bão

O próximo morador foi Mané Lalão,
lá dançou um catira,
só pra fazê uma brincadeira
O outro moradô foi meu tio Fá Parreira

Fulia chegou no pouso,
não podia tê improvisado,
era casa do Madeus Carrijo

Lá tinha lindo presépio, Dito Borge,
Gumercino e Abobrinha
fizeram a saudação
Ele ficou feliz com os fulião

No pouso tinha muita gente,
tinha até uns parente meu
Zeca Parreira, Antônio Parreira,
Maria Parreira, João Parreira,
Zico Parreira e Iron Parreira

Teve tanto catira
que os pés ficaram dormente
Assim relatou João delegado,
que era o servente

Folia saiu pro giro,
no João Lopes ela chegou
Foi lá que eu vi
Abenoir e o Zé Alaor

Folia foi girando a pé,
bem devagarim,
Passou no Divino Alves e no Oripim
O Getúlio, a fulia tava seguindo
Vou girar até no Cheiro e no Osvaldo Fortino

Cantou no Tim e no Rordão
e eles acharam bão
A folia foi girando,
o pouso era bem ali
na casa do seu Sebastião Apolinário
e dona Maria, depois do rio Sucuri

Já era de madrugada,
vovó Celina e vovó Margarida
vieram para a chegada

O pouso foi bonito, muita chuva
e o povo foi chegando
Rafael Casiano, Luciano, tia Joana,
Manoel Leite também tava nos visitando

Folia foi pro giro,
tudo mesmo uma beleza,
foi chegando na fazenda
do senhor Joaquim da Pureza

Lá cantou no presépio,
rezou o terço com os fulião
Depois teve requeijão,
farofa, pão com carne,
vejam só que farturão!

Folia chegou na recolhida,
casa do senhor Né Parreira
Foi entrando lá pra dentro,
visitando as cozinheira

Vi minha mãe sorrindo,
logo veio me abraçando
Nessa hora eu acordei
com travesseiro molhado
e vi que tava sonhando

Esse foi o jeito de agradecer essas pessoas
que a gente tem que tirar o chapéu
Amigos e parentes
que foram morar no céu.

Outra forma que o grupo utiliza para preservar sua identidade e se diferenciar está relacionada à vestimenta. De maneira geral, todos os foliões, durante o giro, utilizam camisa, calça jeans, bota e chapéu. Eles também fizeram dois modelos de camisa com bordados para identificar o grupo, que eram usadas pelos foliões e que estavam escalados para cantar e tocar durante o festejo. Como o grupo de foliões é grande, montaram-se dois grupos de tocadores e cantores que se revezavam durante os dias de giro. Além disso, fizeram-se duas cores de lenço para serem usados pelos foliões, um azul para os homens e outro magenta para as mulheres. Assim, eles eram identificados no meio do povo que acompanha a folia.

O grupo do terço dos homens de Uruceres também fez uma camiseta específica que foi usada no dia do terço dos homens na fazenda dos irmãos Pureza. Esses adereços servem para identificar e, ao mesmo tempo, diferenciar os foliões entre as demais pessoas que acompanham o festejo.

2.4 OS SÍMBOLOS DA FOLIA E SUA IMPORTÂNCIA NOS RITUAIS

A Folia de Reis é um campo de produção simbólica alimentado por processos complexos ao longo de sua história e se estabelece num sistema de relações entre os foliões, os devotos, os festeiros, os moradores visitados e os santos. Também se apoiam em símbolos para perpetuar o ritual.

Um grupo religioso, mais que qualquer outro, tem a necessidade de se apoiar sobre um objeto, sobre alguma realidade que dure, porque ele próprio pretende não mudar, ainda que em torno dele as instituições e os costumes se transformem e que ideias e experiências se renovem (HALBWACHS, 1990, p. 156).

Cada grupo tem suas próprias estratégias para preservação da memória. Os grupos religiosos são aqueles que mais resistem e conseguem se “proteger” das mudanças impostas pelo meio social, até certo ponto. Em grande parte, isso se deve aos símbolos aos quais se rodeiam, sobretudo a religião católica, que funciona como âncora da memória.

Um dos símbolos mais importantes do grupo de folia é a bandeira que, para os foliões, “é o estandarte da fé”. Vai sempre à frente do grupo carregada pelo alferes ou pelo folião do ano, sendo reverenciada por todos que a acolhem em suas casas. A

bandeira é a personificação dos Santos Reis, como se os próprios santos estivessem peregrinando com o grupo e adentrando as casas durante o giro. Ela sempre tem um lugar de destaque, mesmo quando o grupo está no pouso, e está presente em todos os momentos rituais. Durante os rituais de chegada no pouso, a bandeira é entregue aos donos da casa, e todos se dirigem para o local onde está montado o presépio. Inicia-se, então, uma cantoria que pode durar mais de uma hora, dependendo da quantidade de pessoas que querem segurar a bandeira e fazer suas doações. Depois desse ritual, a bandeira é colocada junto ao presépio e só sai novamente com o cortejo de agradecimento da mesa, após serem servidas as refeições, tanto no almoço quanto na janta.

A bandeira do grupo de foliões de Uruceres é feita em tecido de cetim azul, decorada com a imagem dos Santos Reis, de Maria, José e do menino Jesus, na manjedoura. Segue sempre o mesmo padrão quando há a necessidade de ser substituída. Neste ano de 2019, carregava algumas fotos de crianças para pagar promessas e votos que foram feitos por seus responsáveis. Também algumas notas de dinheiro são colocadas em cumprimento de promessas e votos feitos pelos devotos. Todos os dias o dinheiro doado é recolhido pelo alferes e guardado em sua capanga, para ser entregue ao festeiro que fará a festa de recolhida da folia, no dia 6 de janeiro.

Figura 16 – Foto da bandeira



Bandeira de Santos Reis sendo carregada pelo Wemerson P. Lemes no rito de agradecimento da mesa após janta.
Foto Rosana F. M. Bitencourt

Outro símbolo importante para a Folia de Reis é o presépio. Toda casa que recebe a folia para o pouso tem um presépio, que também é um símbolo dessa peregrinação, pois representa a imagem vista pelos reis magos quando encontraram o menino Jesus, recém-nascido, numa manjedoura, junto a seus pais e a alguns animais, num estábulo onde ele teria nascido. Cantar em frente ao presépio é uma obrigação para os foliões do grupo Martins Pereira. Há cantos específicos para esse momento, como o canto da Anunciação, do Nascimento e da Viagem dos Reis Magos. Halbwachs (1990, p. 157) ressalta que “a religião se expressa portanto sob formas simbólicas que se desenrolam e se aproximam no espaço: é sob essa condição somente que asseguramos que ela sobreviva”. O presépio retrata e relembra o nascimento do Menino Jesus.

Figura 17 – Fotos dos presépios.



Presépio fazenda Bocião, dia da saída da folia, 31/12/18.
Foto Rosana F. M. Bitencourt



Presépio fazenda Grajaú - Uruíta,
1º pouso da folia, 01/01/19.
Foto Rosana F. M. Bitencourt

Figura 18 – Fotos dos presépios.



Presépio Uruceres, dia da recolhida da folia, 06/01/19.
Foto Rosana F. M. Bitencourt



Presépio Uruceres, dia da recolhida da folia, 06/01/19.
Foto Rosana F. M. Bitencourt

Outro símbolo da Folia de Reis encontrado em Uruceres é o arco, geralmente colocado na entrada da casa como decoração do presépio. Os foliões têm por obrigação cantar músicas em louvor aos Reis e ao Menino Jesus, em frente ao arco, principalmente o arco que fica na entrada das casas. Segue-se afala de Martins Pereira Neto sobre esse símbolo:

Rosana: porque vocês usam o arco aqui? Tem algumas folias que não tem o arco. A folia de Uruceres tem arco em toda casa.

Martins: essa questão do arco vem de muito tempo, essa tradição aí eu acho que é um louvor a Santos Reis, eu acho. Um presente pra ele, a gente chega e canta. Toda casa tem o arco e o presépio, talvez tem o cruzeiro, mas eu acho que não é certo o cruzeiro, porque é nascimento e cruzeiro representa a morte. Na do Divino Espírito Santo tem cruzeiro, mas no nascimento de Jesus não tem cruzeiro, não tem cruz, é nascimento (Martins Pereira Neto, embaixador, 5/01/19).

Na sua fala, Martins Pereira Neto remete ao termo “tradição”, provavelmente uma tradição criada pelos primeiros moradores que recebiam o grupo de foliões. Como não há registro de sua existência, os donos das casas de pouso continuam seguindo a regra de montar o arco sem questionar. Não existe qualquer menção ao arco na passagem bíblica sobre a visita dos Reis Magos a Jesus, passagem que serve como inspiração para a Folia de Reis. Apesar disso, conforme Sebastião Rios, “se a folia de Reis dependesse do que consta na Bíblia, não existiria.”

Pessoa (2007) complementa a fala de Rios: a referência bíblica fundamental da Folia de Reis é a Viagem dos Reis Magos em busca do menino Jesus, mas cantares

populares conhecidos em Portugal (reisadas, cantar dos Reis, pedir os Reis, janeiras) também foram importantes na formatação da folia como a conhecemos.

Muitos dos símbolos incorporados nos festejos populares, como a folia, foram criados pelos próprios grupos nesse processo de colonização e resistência. Não só os símbolos, mas os ritmos, a música, a festa, a comida, as cores e tudo mais que confere identidade a estes festejos. Isso vai além dos registros bíblicos quando chega na rua, ultrapassando os muros das igrejas. O legado recebido por toda a Europa, em sua fecundidade religiosa, literária, artística, enfim, cultural, foi processado aqui nas terras brasileiras, misturando-se também a elementos culturais dos povos da África e dos povos aqui existentes, criando novas formas de culto e novos símbolos para os sustentarem.

Martins Pereira Neto, um dos foliões que entrevistei, fala também de outro símbolo, o cruzeiro que faz parte da tradição da folia do Divino Espírito Santo, existente em Pirenópolis, onde ele já cantou algumas vezes. Ainda em seu relato ele fala que um morador de Uruceres, o Sr. Amadeus, tentou implantar o símbolo do cruzeiro nesta folia. Colocava na casa dele, mas não foi aceito pelo grupo porque, segundo o folião, o cruzeiro representa a morte de Jesus, e a folia de Reis representa o seu nascimento.

Segundo Cardoso (2015, p. 33), “sem um sujeito capaz de atribuir significado, o objeto não quer dizer nada; ele apenas é”, e a experiência é um dos fatores mais determinantes do significado. Para entendermos a força dos símbolos da Folia de Reis de Uruceres, devemos conhecer os foliões e entender qual a importância do rito e dos símbolos para eles. Só conhecendo sua história e sua trajetória, sua experiência vivida com esses símbolos, adentrando em sua memória enquanto grupo, conseguiremos entender e explicar como essa tradição permanece viva até hoje.

Um ponto interessante da Folia dos Martins Pereira é que não há presença dos palhaços como em outras folias de Reis da região e em outras regiões do país. Segundo explicação do Sr. Alexandre e das pesquisadoras Raquel Veloso e Maria Aparecida Fernandes, em 2005, a folia deste grupo não tem palhaço porque ela segue as escrituras bíblicas. No relato da viagem dos Reis Magos, em busca do menino Jesus, não há a figura do palhaço. Isso foi confirmado novamente durante o giro que acompanhei em 2019. Na verdade, essa é uma interpretação do grupo sobre a passagem bíblica que relata a viagem dos Magos. Outros grupos de foliões a

interpretam de outra maneira e enxergam no palhaço os soldados de Herodes, ou até mesmo o próprio Herodes, que foi enganado pelos Magos, fazendo papel de palhaço. Esse fato é interpretado por alguns grupos de foliões com base nos versículos de 13 a 16, do capítulo 2, do evangelho de Mateus.

Nesse sentido, salienta Pessoa (2007) que o que não vale quando se fala em cultura popular é a ideia de “certo” ou “errado”. O interessante é como ocorre em cada lugar, e isso é o que importa em termos de cultura popular. Não há regra sobre ter ou não ter palhaço no grupo, nem se é certo ou errado. Cada grupo tem o seu costume, e isso não invalida a execução e a validade do ritual.

Mais um símbolo que acompanha os ritos da folia são as músicas, porque é por meio delas que os foliões descrevem toda a trajetória percorrida pelos três Reis Magos em busca do menino Jesus. Para cada momento específico existe uma música própria que deve ser cantada e tocada com muito respeito pelos foliões. Há músicas para: a saída da folia, músicas; para serem cantadas na chegada das casas; para serem cantadas em frente ao presépio; agradecer os donativos; agradecer a refeição oferecida aos foliões e às demais pessoas que acompanham o giro; a recolhida da folia, sem contar as músicas do catira, apresentada pelo grupo. Geralmente os grupos de folia têm cadernos de versos que os auxiliam na tarefa de ensinar os foliões mais novos. Sobre o caderno de versos, conversei com alguns foliões, mas, como não consegui encontrar nenhuma cópia, não vou me prender a esse assunto.

Alguns dos foliões também dizem que aprendem as músicas “de ouvido” e vão gravando na memória ao longo dos anos. A tradição da folia é passada de geração a geração por meio da oralidade e, na Folia de Reis de Uruceres, não é diferente. Ela faz parte da tradição desse povo, de seu imaginário coletivo e de sua memória enquanto grupo e individualmente. Todos os foliões relatam que começaram a acompanhar a folia desde crianças, aprenderam os ritos da folia com seus avós, pais, tios e padrinhos e, à medida que foram crescendo, se encaixaram em suas funções dentro do grupo, de acordo com suas habilidades.

A maioria das experiências que temos ao nosso dispor não é acessada a qualquer momento pelos sentidos, mas por meio da memória. A capacidade de lembrar o que já se viveu ou aprendeu e relacionar isso com a situação presente é o mais importante mecanismo de constituição e preservação da identidade de cada um (CARDOSO, 2015, p. 39).

Por isso a Folia de Reis é um lugar de memória coletiva enquanto grupo. Este passa de geração a geração a importância da fé e da devoção ao menino Jesus e aos Três Reis Magos, ensinando aos mais novos todos os processos do rito por meio da oralidade e da memória. Esta memória é individual, porque o rito transforma individualmente cada participante, que guarda em sua memória os momentos mais marcantes. Isso contribui para a manutenção da tradição e da resistência dos grupos de Folia de Reis, como o grupo de Uruceres.

Cardoso (2015) nos diz ainda que:

A memória é mais construída do que acessada, e sempre impressiona a capacidade humana de lembrar o que quer e de esquecer o que não quer. Há controvérsias quanto às memórias, especialmente quando elas são coletivas e não individuais. Não é de surpreender, portanto, que as pessoas recorram aos objetos como suportes de memória (CARDOSO, 2015, p. 40).

Com o suporte dos símbolos, como a bandeira com a imagem dos Santos Reis, o arco e o presépio, os foliões reconstroem a memória da peregrinação dos Reis Magos narrada na Bíblia Sagrada até encontrarem o menino Jesus. Os símbolos se personificam no momento do rito e, para os devotos mais fervorosos, é como se os três Reis Magos estivessem adentrando suas casas e as abençoando. O presépio reconstrói o momento do nascimento do menino Jesus, e o arco reforça a aliança firmada por Deus com os homens. Os Três Reis ganham o poder de “curar”.

A música entra para narrar as passagens bíblicas para um grupo de pessoas que, em alguns momentos da história do catolicismo brasileiro, não participavam dos rituais dentro das igrejas católicas e que, em sua maioria, era analfabeta. Com o auxílio das músicas da Folia de Reis, os foliões ensinavam o Evangelho e ajudavam a popularizar e a disseminar a religião católica pelo território brasileiro.

A música também é uma forma de se lembrar dos antepassados do grupo, que são reverenciados e homenageados durante os ritos da Folia de Reis.

A rede estabelecida durante o cantório de Reis extrapola ainda a existência individual de foliões e devotos. Quando o arsenal de versos e de toadas da Folia de Reis é acessado, outros foliões e embaixadores, vivos ou falecidos, se fazem presentes. Da mesma forma, ao receber uma bandeira, um morador pode estar acompanhado de seus ancestrais; que também fazem parte daquela comunidade (RIOS, 2017, p. 199).

Ainda segundo Rios (2017, p. 192), o giro da Folia de Reis também comporta “uma extensa rede de reciprocidades, de obrigações mútuas em que são trocados serviços religiosos, gentilezas, refeições, dinheiro, bênçãos, entretenimento”. Esta rede de reciprocidade envolve trocas em, pelo menos, dois planos: “entre o grupo de Folia de Reis e os devotos visitados; e trocas entre estes (grupo de folia e devotos visitados) e as divindades” (RIOS, 2017, p. 192).

Trata-se das trocas simbólicas, conceito apresentado por Pierre Bourdieu (2003) para discorrer sobre o poder da fé no cumprimento do “voto” (da promessa feita) na Folia de Reis. A cada ano o caminho percorrido pelos foliões, “o giro” da Folia, como é conhecido, depende do cumprimento das promessas dos foliões e das demais pessoas do grupo ou do agradecimento das graças recebidas por estas que, em troca, oferecem os “pousos” e donativos para a festa. Ou até, dependendo da sua condição financeira, oferecem seus “serviços” durante o giro e, ainda, em homenagem a seus antepassados, se comprometem a acompanhar e a manter viva essa tradição enquanto vida tiverem. Estabelecem, assim, uma obrigação com o festejo e com os Santos Reis.

É assim que a Folia de Reis, um ritual do catolicismo popular brasileiro, secularmente recriado a cada ciclo do Natal, fora da esfera da presença da Igreja, se apresenta como um dos modos populares de representação coletiva da fé. Desta maneira, consegue resistir até hoje em regiões do centro-sul do país, como no povoado de Uruceres, no estado de Goiás.

Segundo Peirano (2006, p. 10), “o ritual, como fenômeno peculiar, específico, diferente, nos fornece o instrumental para acessar visões de mundo, cosmologias”. É por isso que, ao analisar os rituais da Folia de Reis de Uruceres, vejo mais que a execução de rituais e maneiras de ensinar e aprender, mas um modo de vida e um evento que se sustenta também na certeza do reencontro de amigos e familiares, na reverência aos antepassados do grupo, no respeito pelos foliões mais velhos, alimentado pela fé e devoção aos Santos Reis.

3 MODOS DE ENSINAR, APRENDER E PERFORMAR NA FOLIA DE REIS

O objetivo deste capítulo é compreender a relação entre os modos de ensinar, aprender e performar que se estabelece nos festejos populares e na própria disseminação da cultura popular. Para me auxiliar neste percurso, me apoiei nos autores Carlos Brandão (2006), Jadir Pessoa (2018), Joana Abreu (2012), Sebastião Rios (2006), Cássia Frade (2000), entre outros.

Para Brandão (2006), durante toda a história social da humanidade, a prática pedagógica sempre existiu, mas imersa em outras práticas sociais anteriores, no trabalho, no ritual, na transmissão da cultura. Assim como a comunicação, a transmissão de conhecimento é uma atividade nata da sociedade e faz parte do seu cotidiano, mesmo que em alguns momentos não a percebamos tão claramente.

No entendimento do autor, o lugar da educação é o cotidiano, é a cultura. É nesse terreno fértil, a cultura, que faz sentido pensar a educação, os modos de ensinar e aprender e, conseqüentemente, performar. Neste sentido, complementa Pessoa (2018, p. 102), “a cultura cria a educação que a reinventa na dinâmica da produção e das trocas de saberes constitutivos da relação entre pessoas”.

Esse é um ponto importante das manifestações da cultura popular: em todos os momentos, alguém ensina e alguém aprende, seja na preparação do ritual ou durante sua execução, durante a performance. Essa dinâmica é essencial para a preservação dessas manifestações culturais como a Folia de Reis, que é nosso tema de estudo.

Em todas essas manifestações, longe da grande mídia, prevalece uma forma de ensinar e aprender, geralmente no âmbito da família ou da vizinhança; o gesto de quem sabe e faz, diante de quem olha com sede de aprender (PESSOA, 2018, p. 123).

Outro ponto precisa ser ressaltado: só aprende quem tem vontade de aprender, quem se interessa pelo ritual ou é encantado por ele. Para exemplificar isso, Pessoa cita Pierre Bourdieu (1989), que caracteriza o aprendizado de um ofício por meio de alguns aspectos importantes. Gostaria de ressaltar aqui que um desses aspectos é que “um ofício se transmite de prática a prática”, ou seja, “diretamente da prática de quem sabe e faz para a prática de quem quer aprender, observa e faz”. Isso é visto claramente nos rituais da Folia de Reis (PESSOA, 2018, p. 140).

Por meio da performance, as pessoas ensinam e aprendem durante o ritual. A performance é uma conduta na qual o sujeito assume a responsabilidade de aprender a desempenhar uma função, um papel. e é um comportamento que pode ser repetitivo sem ser redundante, semelhantemente ao que Schechner (1988) define como “comportamento restaurado” (HARTMANN; LANGDON, 2020, p. 6). Com esse comportamento repetido, várias vezes os foliões ensinam e aprendem enquanto performam.

Muitos foliões não se referem apenas a esse processo de aprendizado. Eles falam que é um dom que recebem de Deus, ou dos próprios Reis Magos, para aprender a tocar um instrumento, cantar, improvisar, dançar catira. Por que, como diz Cássia Frade:

O saber da folia é uma arte. [...] Saber tocar, cantar, declamar, dançar são requisitos exigidos e classificadores dos integrantes do grupo. Cada posto é definido por uma expressão artística, cada uma delas necessária à composição da performance, que revela atividades simbólicas estéticas plenas de significação, e com uma finalidade legítima que reúne, numa mesma instituição, homens e deuses, festa e devoção, folia e oração, soldados, reis e palhaços (FRADE, 2000, p. 159).

É preciso aprender também a performar, a representar papéis que são fundamentais no desenvolvimento do ritual. Para que um festejo, como a Folia de Reis, aconteça e sobreviva, é preciso haver pessoas com habilidades musicais, que se interessem em aprender a tocar os instrumentos utilizados durante o rito e que tenham habilidades para cantar, dançar e coordenar o ritual. E, ainda, que tenham interesse, acima de tudo, em fazer parte desse ritual, desse grupo, e assimilar os conhecimentos em sua totalidade, porque, de acordo com Pessoa, quando analisa Bourdieu:

Outro ponto importante ressaltado pelo autor é que nas culturas populares os modos de transmissão dos conhecimentos necessários à sua reprodução pelos grupos sociais são “totais”. O trabalho, a religiosidade, os valores, as festas, o gosto, a comida, a sociabilidade da família e da vizinhança, ao mesmo tempo em que formam um todo, interagem sem pesos diferenciados. O sagrado não forma mais do que o profano; o trabalho não forma mais do que a festa. Esses componentes ou esses momentos vivenciais partilhados realizam-se como produção dos meios de vida e acontecem também,

interativamente, como formação das novas gerações (PESSOA, 2018, p. 140).

É no decorrer dos festejos que os foliões mais experientes começam a observar e a selecionar as crianças e os jovens que demonstram interesse em aprender sobre o ritual. Geralmente a porta de entrada para o grupo de foliões se dá pelo aprendizado da caixa, do pandeiro ou do catira. Aqui, mostro alguns exemplos dos foliões que entrevistei em Uruceres:

Eu comecei tocando caixa ainda pequeno, toquei caixa por muitos anos, aí depois aprendi a cantar. Aí com certa idade eu já comecei a organizar, tirar folia, dar pouso (Fernando Parreira Pinto).

Eu comecei ainda menino, assim, tava pré-adolescente. Aí veio seu Inacim, um dia ele vendo eu acompanhando a folia, eles me chamaram pra dançar um carita. Eu sempre participava lá atrás, fala a rabada. Um dia ele me chamou: Dimar, vem cá ajudar eu a tirar palma aqui. E eu fui... (Ademar Alves da Silva).

Desde a idade de 8 anos eu acompanho a folia. Eu não tocava sanfona, só batia um pandeiro, uma caixa. Eu aprendi tocar sanfona, assim, a gente tem que ter esforço e tem que ter dom praquilo também. O sonho era aprender a tocar sanfona. Aí o João da Arieta, que faleceu, era sanfoneiro dessa folia dos Martins. Ele me deu umas explicações, danava comigo, foi me ensinando e eu fui aprendendo e tô aqui até hoje, graças a Deus (Orcelino Ferreira de Aquino - SORÓ).

Mesmo que alguma criança ou algum adolescente não tenha habilidades para tocar ou cantar ou mesmo dançar catira, mas demonstra interesse no ritual da folia, o grupo acaba arrumando uma função para ela ou ele. Esse foi o caso do Sr. Benedito Pereira de Souza, de 78 anos, alferes do grupo. Ele acompanha a folia desde criança, mas, como não tem habilidade para tocar instrumento, assumiu a função de regente e de alferes do grupo. Segundo ele, há mais de 40 anos ele é o regente do grupo. Ele assumiu o lugar do pai quando este já não tinha mais forças para continuar por causa da idade.

3.1 OS RITUAIS DA ORGANIZAÇÃO DA FESTA DA FOLIA DE REIS EM URUCERES

O grupo de foliões não é composto apenas pelos cantores e instrumentistas que detêm o conhecimento das toadas e dos versos da folia, bem como de todo o ritual do festejo. Há uma equipe de suporte que é muito importante em todo o processo. Até

porque, não se organiza um pouso de folia da noite para o dia. Atualmente, um dos pontos que mais preocupa o grupo e que dá mais trabalho é a definição das casas de pouso, que interferem diretamente no giro da folia.

Sobre isso conversei com João Jair de Andrade, que é tesoureiro do grupo:

Essa organização dos pousos começa com muitas promessas, nós temos cinco pousos durante o giro e hoje nós temos promessa de oito para o próximo ano. Só que são só promessas, não tem nada definido ainda. A gente só vai definir em julho ou agosto. É o serviço que eu faço, a confirmação de quem vai dar o pouso. Aí eu venho, pego o folião que vai ser o folião do ano. Quando nosso coordenador pode vir, ele nos acompanha. Aí a gente vai na casa de cada um e confirma. Se ele fala que realmente vai dar o pouso, a gente anota o nome e o endereço pra ser lançado no nosso cartaz da folia que é feito sobre a minha responsabilidade (Entrevista em 5/01/2020 com João Jair de Andrade).

Fernando Parreira também se preocupa muito com o custo da folia, de um pouso, porque interfere diretamente na definição das casas do giro, e o desenho do giro é muito importante no festejo da folia:

Hoje tem a questão de custo da folia. Já melhorou muito porque as pessoas ajudam muito, tem muita doação, porque não é fácil dar um pouso de folia. Quando você fala em pouso de folia você tem que refletir sobre o gasto. As vezes na sua casa você tem muita coisa pra arrumar, porque a gente é assim, a gente não arruma a casa da gente, mas quando vai visita a gente organiza porque vai receber visita. Então quando é um pouso de folia a gente também organiza a casa. Então você não gasta só com alimentação, com a ornamentação da folia, gasta também com sua casa. Hoje nós estamos num pouso que o cara reformou a casa para a folia, pra dar o pouso (Entrevista em 05/01/2020 com Fernando Parreira Pinto).

Outro folião do grupo que também fala sobre a organização dos pousos da folia é Alaor Machado Parreira (Dedé Parreira). Ele ressalta pontos importantes que não foram abordados pelos foliões mais jovens e relembra como o processo era feito antigamente, no tempo do seu pai, seu Diolindo Parreira, fundador do povoado de Uruceres e também folião.

Nós estamos planejando fazer uma reunião pra nós fazermos os pousos só no almoço, pra não ter janta porque as cozinheiras não estão aguentando mais trabalhar o dia inteiro. Sendo só o almoço, vai comendo o dia inteiro até as quatro horas da tarde, agradece o pouso e seis horas da tarde a folia sai para o giro. Porque essa folia nossa tá

com um defeito. Ela não tá girando. Ela fica no pouso até meia noite. A folia de Reis, escureceu, tem que sair para o giro. No tempo do meu pai, ele dava pouso de folia, mas quatro horas da tarde a janta tava na mesa. Dava seis horas da tarde ele falava: “Vocêsvão embora!Folia de Reis, de noite,é no giro, não é no pouso não.” Mas a juventude de hoje quer farra. Vai mudando. Mas judia com o folião porque fica a noite inteira pra girar e fica até de manhã no outro dia e não tem jeito deles dormir e cansa demais. Se a gente preparar pra ser só o almoço, pode comer o dia inteiro e sair mais cedo. O pessoal fica reclamando: “Vocês não passaram lá em casa, a folia não passou lá!” Aí eu falo: “não sou eu, é a organização da folia que não está bem organizada!” Então tem que organizar, se quiser agradar todo mundo tem que organizar isso aí! Muita gente fica esperando, já prepara um cafezinho, uns biscoitos e a folia não passa e perde tudo. Então a gente fica com vergonha e eles acham que a gente é culpado porque não passou lá, mas não é. Atualmente a janta não sai antes das nove horas da noite, aí quando a folia vai sair de lá é mais de onze horas.... (Entrevista em 5/01/2020 com Alaor Machado Parreira - Dedé).

A fala do Dedé (Alaor Parreira) é muito pertinente. Os pontos que ele ressaltou são importantes e interferem no processo do ritual. Como os pousos atualmente estão acontecendo em locais mais distantes do povoado de Uruceres, realmente há dificuldade de se arrumar cozinheiras e acaba ficando muito trabalho para poucas pessoas. Quando falo em muito trabalho, temos que lembrar que são três refeições num único pouso: café da manhã, almoço e janta. Neste processo, a janta acaba saindo muito tarde porque, depois do almoço, servem-se os doces e só então é feito o agradecimento da mesa, com todas as panelas ainda sobre a mesa. Depois disso a equipe da cozinha, que é composta por homens (geralmente são os serventes) e mulheres (as cozinheiras), tem que retirar as panelas da mesa, lavar tudo e começar a cozinhar novamente para a janta. Aí o processo se repete: a janta é servida, em seguida os doces, e o grupo de foliões faz o agradecimento da mesa. Há a cantoria em frente ao presépio, que geralmente demora porque sempre há uma fila de pessoas que querem segurar a bandeira e fazer sua doação. Logo após, há os cantos de agradecimento aos donos da casa e a partida do grupo para o giro.

Enquanto o ritual após a janta acontece, a equipe da cozinha tem que recolher toda a comida que sobrou, guardar tudo, lavar os utensílios, e uma equipe de apoio fica responsável por transportar estes utensílios para a próxima casa de pouso. O grupo tem panelas, talheres, mesas, forros e cadeiras que são emprestadas para as

peessoas que oferecem os pousos. Todo esse material fica na responsabilidade do Conselho da folia.

Também ouvi de outros foliões que o giro é muito cansativo porque termina tarde, geralmente entre 4 e 5 horas da manhã. Muitos mal conseguem dormir porque, antes de voltarem para o giro da folia, novamente precisam ir pra casa cuidar dos afazeres, porque eles têm animais (galinhas, porcos e vacas) que precisam de cuidados diários. Atualmente são poucas as pessoas que dormem nas casas dos pousos, e a grande maioria volta para suas casas ou casas de parentes que moram na região.

Segue a fala do folião Ademar Alves da Silva sobre essa questão:

Nós estávamos conversando sobre isso ali agora, eu mais o Dalvino e outro amigo meu. A gente sofre, sofre hoje e amanhã você tá doidinho pra ir de novo. É porque é puxado... Nessa madrugada nós chegamos em casa, quando deitei na cama faltava vinte minutos para as seis horas da manhã. É, folia cansa! É longe, eu dormi 3 horas, sabe como é... levantei e já estou aqui de novo e agora é girar até no outro pouso. Aí que eu vou em casa novamente. Mas pra mim folia é tudo de bom. Eu tenho fé demais nos Santos Reis (Entrevista em 04/01/2019 com Ademar Alves da Silva).

Os processos de organização da folia vão muito além dos rituais executados pelos foliões durante o giro. Há uma quantidade grande de pessoas que dão suporte e também estabelecem seus rituais de apoio na organização das casas que receberão o pouso, na preparação da comida, na limpeza de tudo depois que o grupo passa, ou no transporte dos utensílios utilizados durante a festa. É como numa orquestra: para o espetáculo acontecer, há um trabalho árduo realizado por personagens muitas vezes invisíveis ao público.

De maneira geral não há uma proibição da participação das mulheres nos rituais da folia em Uruceres, mas, por costume, há uma certa divisão de papéis por gênero no grupo. Isso é visto como natural pelos integrantes do grupo, mas, no atual processo de renovação da tradição, observamos a participação das meninas em tarefas geralmente conduzidas e incentivadas pelos homens, foliões responsáveis pelo grupo e por sua manutenção.

Aos homens cabem as tarefas de organizar o giro e conduzir os rituais, assumindo os postos principais no ritual (embaixador, alferes, demais músicos instrumentistas e cantadores), além de dançadores de catira. Muitos também ajudam

na organização da festa e ficam responsáveis por abater os animais que serão servidos nas refeições (vacas, porcos, galinhas). Alguns até ajudam na preparação das refeições, e outros trabalham como serventes, abastecendo as mesas durante as refeições. Ajudam também na construção de coberturas de palha, na montagem das tendas e no transporte dos utensílios utilizados durante o festejo.

Às mulheres cabem os papéis de organização e decoração da casa e do presépio e a preparação das refeições que começam dias antes da festa, pois são feitos doces e quitandas com antecedência. Também são responsáveis por organizar os terços e conduzi-los durante os festejos. Em alguns casos, organizam também as missas e celebrações, como acontece com o grupo de Uruceres.

Entre os anos de 2012 a 2014, foi criado um grupo de catira feminino em Uruceres. Suas integrantes acompanhavam a folia desde pequenas, porque são filhas, netas e sobrinhas dos foliões. Mas, infelizmente, o grupo acabou, devido ao fato de as meninas não morarem na mesma cidade e terem dificuldade de se encontrar para ensaiar, além de algumas terem casado e engravidado. Tive a oportunidade de conversar com algumas delas em 2019. O grupo era composto por seis meninas: Taiane Alves Pereira (filha do Martins Pereira Neto), Daniele Aparecida Parreira, Ana Paula Machado Parreira, Juliana Parreira (filhas do Valdemar Parreira), Ângela Pereira Matos (filha do Ângelo Pereira) e Laís, amiga das meninas que moravam em Uruana.

De acordo com as meninas, quem teve a ideia de criar o grupo de catira feminino foi o folião Dedé (Alaor Machado Parreira), tio de três delas. Elas gostaram da ideia e começaram a aprender com Wemerson Lemes, neto do Sr. Alexandre Lemes. O Dedé também treinava as meninas, mas elas só tinham como ensaiar na época da folia porque a Taiane mora no Mato Grosso, e o Wemerson em Anápolis, Goiás. Elas garantem que catira é assim: aprendeu, nunca mais esquece. Às vezes, só conseguiam ensaiar minutos antes de se apresentarem. O grupo ganhou um nome, “As catireiras de Santos Reis”, escolhido pelo Sr. Alexandre Lemes, padrinho do grupo. Elas fizeram tanto sucesso que foram convidadas a participar por dois anos de um Encontro de Folias em Nova Glória.

Conversando com o Dedé (Alaor Machado Parreira), perguntei sobre a participação das mulheres na folia de Uruceres. Ele me falou do grupo de catira

feminino e também de uma mulher que, há alguns anos, cantava com o grupo. “Tinha uma mulher que as vezes ajudava a cantar também, mas elas ficam mais é na organização mesmo. Nessa folia nossa, os foliões mesmo são os homens”. Mas ele lembrou também que, neste ano de 2020, as filhas de Wemerson, Bruna e Bianca, agradeceram à mesa, junto com os foliões, depois da janta do sábado. Elas gostam de cantar e são incentivadas pelo pai. Além disso, já conhecem grande parte do repertório da folia, e Bruna está aprendendo a tocar violão. Elas também ajudam a mãe e outras mulheres na reza do terço e, quando tem pouso na fazenda da família, elas ajudam na organização da casa.

Além dessas participações femininas, ainda conheci Kacielle, que toca pandeiro com o grupo há quatro anos. Em 2019, ela acompanhou o grupo durante todo o giro. Já em 2020, ela não pôde participar por causa do trabalho, uma vez que mora em Goiânia e não conseguiu folga para ir participar da folia em Uruceres.

Ainda como parte do processo de renovação da tradição, o grupo tem os foliões mirins, filhos e netos dos foliões, que são colocados no papel de foliões, assumindo principalmente o papel de carregar a bandeira de Santos Reis durante todo o giro. Sempre tem um grupo de adultos que dá suporte às crianças, principalmente no giro da madrugada. Assim, as crianças começam a aprender o que é ser folião e, como diz Peirano (2006, p. 10): “o domínio dos rituais pertence à esfera da ação social”, e é por meio das ações sociais que os rituais são transmitidos, ensinados e se perpetuam.

O festejo da Folia de Reis é um evento que em Uruceres acontece anualmente. Dentro desse evento são executados vários rituais que dão sentido ao festejo e à vida das pessoas que participam dele. Ouvi de um folião, o tesoureiro do grupo, João Jair de Andrade, que atualmente a vida dele gira em torno da folia. Ele é aposentado e durante todo o ano trabalha para que a festa aconteça em janeiro. Os moradores de Uruceres também ficam aguardando a folia, principalmente os foliões que ainda moram no povoado ou em fazendas vizinhas. Esse é um acontecimento que faz parte do cotidiano das pessoas da região.

Neste sentido, segue a explicação de Pessoa (2018):

A festa popular sem as amarras da mercantilização em grandes eventos é uma continuidade do cotidiano de vida e de trabalho dos

grupos de pessoas. Não é algo estranho à vida do grupo. Diferencia-se dela apenas na necessidade de interrupção da rotina, sem que lhe sejam impostas novas formas de organização de novos conteúdos. Assim, o cotidiano é o lugar da festa, o lugar da cultura popular (PESSOA, 2018, p. 27-28).

Os foliões aguardam a festa da folia, a fim de sair de sua rotina, reencontrar os amigos que moram em outras cidades e compartilhar sua fé e devoção aos Santos Reis. Os foliões de Reis podem, “em meio aos muitos aprendizados disponibilizados pela manifestação popular de que fazem parte, recriando histórias constitutivas milenares, recriarem suas próprias histórias” (PESSOA, 2018, p. 95).

Pelo que pude observar, a história do grupo se confunde com a história individual de cada folião e integrante do grupo. Faz parte da história de muitas famílias e da história do próprio povoado de Uruceres, dando-lhes um sentido de identidade e de pertencimento. Por isso, mesmo morando fora do povoado, muitos foliões organizam suas vidas, negociam seus trabalhos para estarem todos os anos juntos, cumprindo seu ofício para com os Santos Reis, em nome de seus antepassados.

De uma maneira geral, todos os foliões com quem conversei se preocupam com a preservação da tradição da Folia de Reis e, especialmente, com a continuidade desse grupo. Todos os conflitos observados por mim giram em torno da manutenção do festejo nos moldes tradicionais. Conversei sobre isso com Fernando Parreira Pinto, de 39 anos, que começou pequeno, tocando caixa, e logo aprendeu a cantar. Depois, a partir de certa idade, começou a organizar a folia e a dar pouso para o grupo. Ele é membro da família Parreira e faz parte da quarta geração de foliões da família. Seu tio, Diolindo Parreira, foi o responsável por criar o povoado de Uruceres, doando as terras para construção do povoado, e também era folião.

Fernando Parreira ficou na coordenação da folia por 20 anos. Tinha umas ideias para melhorar a folia, por isso criou o Conselho da Folia de Uruceres.

Rosana: E o conselho, foi você quem fundou?

Fernando: É, eu fundei o Conselho baseado no Conselho da Diocese de Anápolis. Eu participei muito tempo do Conselho da Diocese, por isso usei como modelo. Até então o Conselho foi criado para dividir as tarefas, ter responsáveis por cada área e também fazer a transparência. A gente tem um tesoureiro, um vice-tesoureiro, um coordenador, além de outros cargos, porque onde se mexe com dinheiro é complicado. As pessoas ficam com aquela dúvida, será que gastou tudo que arrecadou? Uns tem uma visão que arrecada muito,

outros acham que não arrecada nada. Então o Conselho surgiu para dar mais transparência, onde três pessoas assinam pela conta e tudo que tem que comprar e gastar deve ser discutido pelas doze pessoas integrantes do Conselho (Entrevista em 5/01/2020 com Fernando Parreira Pinto).

Ainda em nossa conversa. Fernando relatou que o Conselho “deu uma baqueada” neste último ano, porque algumas pessoas têm resistência em relação ao Conselho que foi fundado há quatro anos, ou mesmo aos seus membros. Mas, disse ainda, que o folião do ano de 2021 quer voltar a reunir essa equipe organizadora para que toda a organização da festa seja definida junto com a comissão, até mesmo para acabar com as fofocas e intrigas.

Conversei também com o João Jair de Andrade, que é o tesoureiro do Conselho e, nesse ano de 2020, também desempenhou a função de alferes, porque o Sr. Benedito Pereira está doente e não teve condições de atuar. Ele nasceu em Uruana, mas mora em Anápolis há 45 anos. Participa da folia desde criança, ajuda na organização da folia porque gosta e ama a folia, mas diz que o trabalho do tesoureiro é muito difícil, muito árduo, recebe muitas críticas e raramente um elogio.

O Conselho abriu uma conta na Caixa Econômica Federal e ele faz balancetes que ficam guardados por três anos. Sobre isso, João Jair afirma:

A gente tem uma conta, da Caixa Econômica Federal, a conta pra nós é da folia, mas está em meu nome. Não está no nome da folia porque que ela não é registrada, ela não tem CNPJ e por isso não tem como abrir uma conta no nome da folia. É sempre feita a prestação de conta. Há balancetes que ficam guardados (Entrevista em 05/01/2020 com João Jair de Andrade).

Ele também cuida das doações e dos patrocínios. Durante a festa da folia, as pessoas oferecem comida e prendas para o bingo do ano seguinte (bezerro, porco, galinha etc...). Aí o Conselho anota o nome das pessoas e a prenda. Isso porque, quando está terminando uma festa de folia, já está se pensando na festa do ano seguinte e na sua organização. Ele ainda cuida da confecção dos cartazes, dos lenços dos foliões e das lembrancinhas. Nesse ano de 2020, eles fizeram adesivos para carros.

Rosana: Como é essa questão dos patrocínios? Vocês vão atrás das pessoas, das empresas?

João Jair: Olha, esse patrocínio que a gente tem hoje, graças a Deus é um patrocínio permanente, raramente alguém deixa de nos ajudar. Esse ano mesmo nós tivemos 42 patrocinadores, fora o bingo que sempre tem quem colabora com ele sem a gente pedir (Entrevista em 05/01/2020 com João Jair de Andrade).

Ainda sobre os patrocínios, Fernando Parreira explica o seguinte: “o grupo estabeleceu uma cota fixa de cem reais por patrocinador, a pessoa pode dar mais. Quem dá quinhentos reais fica mais pra cima no cartaz”. Atualmente eles têm tantos patrocinadores que não cabem na folhinha, que é o cartaz. Eles procuram ficar com os patrocinadores mais tradicionais, que todo ano ajudam. Há empresas que são parceiras desde as primeiras folhinhas. Antigamente eles faziam o cartaz de divulgação da festa sem calendário. De uns cinco anos para cá, eles começaram a fazer o cartaz com o calendário (a folhinha, como eles chamam). Este cartaz com o calendário fica na casa da pessoa o ano inteiro, exposto, fazendo propaganda dos patrocinadores. Por isso eles conseguiram muitos parceiros para patrocinar o material da festa da folia. São feitas 2.000 folhinhas, que são espalhadas por várias regiões (Anápolis, Jaraguá, Uruana, Uruceres, Rianápolis, Goiânia, Mato Grosso).

Rosana: E como é feita a divulgação da folia?

Fernando: Então, a questão da divulgação começou assim: eu comecei a fazer a divulgação porque eu estive no Conselho da Paróquia São Sebastião em Anápolis por doze anos. Como lá a gente tem muitas parcerias, muitas empresas que gostam de ajudar, a gente trouxe o modelo para a folia. Começou com a Isoeste, empresa do meu compadre. Na época eles pagavam toda a divulgação da folia pra mim. Nós fazíamos cartaz e camisetas. Depois outras pessoas foram vendo e também quiseram ajudar. Como no cartaz tem o calendário, o patrocinador fica exposto fazendo sua propaganda o ano inteiro nas casas das pessoas. As parcerias aumentaram porque as pessoas querem divulgar o seu nome ou o nome da empresa e perceberam que é uma coisa séria (Entrevista em 05/01/2020 com Fernando Parreira Pinto).

O grupo ganha patrocínios de outras formas também. Ainda de acordo com Fernando, eles já ganharam várias vezes o patrocínio das tendas, tanto da prefeitura de Uruana quanto da prefeitura de Jaraguá. Acrescentou, entretanto, que os políticos só ajudam por interesse. Quando é véspera de eleição, eles querem ajudar. Ele falou ainda sobre a verba que as prefeituras têm para a cultura, que é anual, mas as

prefeituras só doam em anos eleitorais. Nesse ano de 2020 foram dois vereadores que doaram as tendas por meio da Câmara.

Todos os anos o grupo tenta conseguir verba para ajudar com as despesas da festa. Fernando Parreira ainda conta que houve um ano em que ele conversou com Hamilton Carneiro, apresentador do Programa Frutos da Terra, compositor goiano, escritor e publicitário. Ele até conseguiu uma proposta de verba da Secretaria de Cultura do Governo do Estado de Goiás e uma empresa que doaria o ICMS para o grupo, mas, como o grupo de folia não tinha a documentação toda e não quis arcar com o custo para arrumar a documentação, perdeu-se a verba.

Todavia, Fernando Parreira, o Conselho e outros foliões não se preocupam apenas com as verbas, os patrocínios e com a divulgação da festa. Eles pensam também no futuro do grupo e na perpetuação do festejo. Uma iniciativa interessante do grupo é colocar as crianças como foliões, os foliões mirins. Assim, elas vão aprendendo todo o ritual junto com sua família e amigos foliões. No ano de 2019, o folião foi João Pedro Parreira, de 10 anos, filho de Fernando Parreira e de sua irmã caçula, que tem 5 anos e já está na lista para os próximos anos. Outras crianças, filhas e netas de outros integrantes do grupo também devem ser escolhidas para esta função.

Outra iniciativa interessante é a de Wemerson, que está ensinando suas filhas Bruna e Bianca a cantar as músicas da folia. Nesse ano de 2020, elas entoaram o canto de agradecimento da mesa junto com os foliões, num dos jantares de um dos pousos. Elas também ajudam a rezar terços e acompanham todo o processo ritual da festa. Em outra situação, observei Ademar Alves da Silva ensinando seus netinhos a dançar catira. É assim que as crianças começam a fazer parte do ritual. Cada uma, de acordo com seu interesse, vai sendo conduzida pelos foliões mais velhos no processo ritual da folia, seja na música, aprendendo a tocar um instrumento ou na dança do catira.

E por falar em catira, Fernando Parreira teve a ideia de um projeto que consiste em criar uma escolinha de música e catira em Uruceres para ensinar as crianças a cantar, tocar instrumentos e dançar catira. Segue sua fala:

Tem um projetinho também, em 2012 eu pensei nesse projeto, mas ainda não deu certo. Em 2018 a gente tentou fazer, mas ainda não funcionou, que é criar uma escolinha em Uruceres de catira e de música. Mas assim, precisa ter mais gente pra ajudar, mais gente pra

comprar a ideia. Mas eu acho que seria fantástico. Se a gente fizesse uma escolinha por três anos a gente mantinha a folia por mais cinquenta anos. Eu tenho algumas ideias, por exemplo fazer as aulas a cada dois finais de semana. Como a gente não mora em Uruceres e tem algumas pessoas que podem ser professores em Jaraguá e em Uruceres. E também tem o Wemerson em Anápolis que daria muito certo pra ser professor também. A gente poderia fazer as aulas a cada dois finais de semana ou montava grupos por região. Assim não ficaria tão difícil para as pessoas. Eu acho que seria um projeto muito bom e não precisa ser só de meninos, pode ser de meninas também. A folia de antigamente tinha mulheres que cantavam também, só que hoje não tem mais. Tem espaço pra todo mundo, só não pode deixar a tradição morrer (Entrevista em 05/01/2020 com Fernando Parreira Pinto).

Para manter a tradição é preciso inovar as estratégias de preservação. Essa ideia do Fernando é bem interessante, pois, criando formas de ensinar meninos e meninas a tocar os instrumentos e a cantar as músicas da folia, o grupo permanecerá ativo por muitos anos.

Ainda a respeito das estratégias para a manutenção do grupo, numa conversa com João Jair, ele disse que o grupo está com algumas pendências que precisam ser organizadas, e que existem vários projetos, mas que, para acontecerem, tem que haver algumas mudanças. Depois do término da folia de 2020, o Conselho irá se reunir para tratar dessas mudanças, que não podem ser divulgadas no momento.

O que pude observar é que há muitas pessoas preocupadas com a continuação do grupo de foliões de Uruceres e com a manutenção do festejo no povoado. Todos estão preocupados em preservar a tradição da folia na região e em disseminar os saberes do grupo para as novas gerações.

Eles entendem que, enquanto comunidade, são os melhores guardiões de seu patrimônio, e compreendem também a importância do festejo como elemento de construção da identidade do grupo, reverenciando os antepassados, respeitando os foliões mais velhos e os vendo como detentores dos saberes do grupo. Preocupam-se, também, com a transmissão de conhecimento para os mais jovens.

3.2 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO RITUAL DA FOLIA DE REIS

Na Folia de Reis, todo o ritual é ensinado de alguma forma, assim como o modo de vida do folião. Até porque, conforme diz Peirano, “como o repertório sócio-cultural de uma determinada sociedade é relativamente estável, rituais não se separam de outros comportamentos sociais de forma absoluta” (PEIRANO, 2006, p. 10).

Isso acontece de forma natural, principalmente por observação e repetição. Por meio da oralidade, os foliões mais velhos, detentores do saber, vão transmitindo aos mais novos o que é ser folião, a reverência aos antepassados, o respeito aos símbolos da folia, como se portar diante da bandeira e do altar, como se portar na chegada às casas durante o giro e nas casas do pouso. Existem regras bem definidas que são transmitidas por várias gerações e devem ser respeitadas por todos. Sobre isso, segue a fala de Pessoa (2018):

Enquanto cumprem obrigações da devoção, enquanto expressam determinações do trabalho e da folga, enquanto buscam caminhos próprios para a saúde do corpo e do espírito, ou enquanto revelam a criatividade dos sujeitos em todas essas circunstâncias, as culturas populares são também construções de saberes que são vividos em gestos de partilha entre iguais antes de serem trocados e comunicados (PESSOA, 2018, p. 53).

Certamente que, quando falamos em cultura e transmissão de saber, nada é estático. Existe um processo de renovação da tradição, mas, mesmo nesse processo, existem regras que são invioláveis. Outras já começam a ser quebradas a contragosto dos foliões mais velhos. Atualmente os foliões reclamam muito da falta de respeito das pessoas na chegada das casas, uma vez que o barulho atrapalha a execução do ritual da chegada, que é muito importante tanto para os foliões quanto para os donos da casa que vão receber o grupo. De acordo com a tradição do grupo de foliões de Uruceres, os donos da casa devem ser acordados com o som dos instrumentos e da música da folia, e não com barulho do som dos carros e de conversas paralelas.

O grupo também reserva um tempo para ensaiar as músicas da folia e o catira e se preocupa com a execução dos ritos e com todas as práticas tradicionais aprendidas com o grupo e com seus antepassados. É importante para os foliões que eles estejam afinados e prontos para cumprir com suas obrigações durante o festejo. Sempre que chega a uma casa, o grupo se reúne e se posiciona de acordo com o

modelo definido por seus antepassados, mas com certeza precisam se adequar ao espaço reservado para o ritual.

Esses momentos de ensaio também são momentos de descontração e sociabilização. Conversando com Wemerson e com Martins Pereira Neto, eles me disseram que costumam chegar no mínimo uns 15 dias antes do início do festejo para encontrar com o grupo, conversar sobre a festa, ensaiar as músicas e, quando necessário, ajudar a matar vacas e porcos que serão usados nas refeições.

Esses momentos de ensaio e preparação da comida da festa também são momentos de ensinar e aprender. Em meio a brincadeiras, muita música e descontração, o grupo compartilha conhecimento, ajuda quem precisa e se diverte.

Joana Abreu (2012), em seu livro *Teatro e Culturas Populares: Diálogos para a Formação do Ator*, apresenta os rituais dos festejos populares como formas de brincar, reverencia a sabedoria dos mestres populares colocada em ação, observa seu conjunto de práticas e analisa alguns festejos como uma tradição que se adere a um presente que se renova nele mesmo, que se dança, que se brinca.

A autora confirma o elo entre os modos de ensinar, aprender e performar e sua importância no processo de aprendizagem dos rituais. Ela ressalta que, nas brincadeiras populares, “é muito comum que o brincante aprenda a desempenhar diversas funções” (ABREU, 2012, p. 54). Assim, não vai se formando um brincante especializado, mas completo, no que tange a dominar todas as habilidades necessárias ao conjunto da brincadeira (cantar, dançar, tocar, atuar etc.).

A autora confirma também, em outras palavras, o que já foi dito por Pierre Bourdieu (1989), Carlos Brandão (2006), Jadir Pessoa (2018) e pelos demais autores que estudam o tema nos festejos populares e na cultura popular. A transmissão de saberes acontece de forma natural, na prática, por meio da oralidade, da observação e da repetição no convívio com o grupo.

Parte do processo de transmissão entre gerações é aquilo que chamamos de educação, que se refere ao ato deliberado de ensinar os mais jovens. [...] Nas culturas orais, o aprendizado é inevitavelmente um processo mais contextualizado, que ocorre “no próprio fazer”, e não em uma instância específica (ABREU, 2010, p. 54).

A transmissão da brincadeira implica necessariamente na transmissão de suas regras. Na cultura popular, essa transmissão não se dá de maneira formal, mas na convivência comunitária do próprio fazer da brincadeira. Aprende-se a fazer, observando aqueles que fazem e fazendo junto com eles, em um processo característico das situações de transmissão oral dos saberes de uma cultura (ABREU, 2012, p. 51).

Como podemos observar, o processo de aprendizagem nos festejos populares é contínuo, complexo e, muitas vezes, se disfarça entre brincadeiras, contação de causos e histórias dos antepassados. É repleto de regras e normas que são apreendidas desde criança no convívio com o grupo e acabam se tornando um modo de vida particular ao grupo. Este se mantém unido em prol de uma tradição e da manutenção dessa tradição, tomando tradição como o conjunto de ritos e saberes transmitidos por nossos antepassados. Isso confere identidade ao grupo e o torna mais coeso, ensinando o respeito às diferenças em prol de um objetivo maior, que é a manutenção da tradição.

Abreu (2012) ainda fala sobre as escolhas dos papéis que estão ligados ao domínio das regras, que também estão relacionadas às habilidades que cada membro do grupo desenvolve ou, como os próprios foliões falam, dos dons que recebem para cumprir com sua obrigação, com seu ofício no festejo.

A escolha de papéis de destaque está muito mais relacionada, tanto na brincadeira como no jogo, com o domínio das regras e conhecimento dos símbolos que conduzem a situação. A própria participação na brincadeira está condicionada a esse saber. Mesmo que, para aprender a brincadeira, as crianças e jovens da comunidade precisem vivenciá-la, tal vivência se inicia com a observação, com o acompanhamento das tarefas que precedem o ato de brincar (organização de objetos e figurinos, afinação dos instrumentos etc). Assim, à medida que cada um vai ganhando intimidade com aquela tarefa, vai tornando-se apto a participar de outra mais elaborada, criando inclusive uma cadeia de transmissão das regras e códigos. Nessa cadeia, aquele que conhece menos aprende com outro que conhece um pouco mais, que aprende com aquele que conhece mais ainda e assim por diante. A experiência é que está em jogo no processo de transmissão. A partilha do saber construído na prática (ABREU, 2012, p. 53).

O mais importante nesse processo de aprendizagem é entender que o saber é construído na prática e vai muito além de tocar um instrumento ou aprender as letras das músicas utilizadas no ritual. Pessoa (2018, p. 140) nos lembra que “o aprendizado de um ofício supõe vínculo duradouro na relação que se estabelece entre ensinantes

e aprendentes”. E ainda ressalta que “um ofício faz parte da construção da identidade de um grupo. Não é conhecimento particular, individualizado, é do grupo” (PESSOA, 2018, p. 141).

Nesse processo de aprendizagem, assim como o presépio, temos a função pedagógica da música na folia. O presépio, por meio das imagens que simbolicamente representam a passagem bíblica que narra a visita dos Reis Magos ao menino Jesus, é uma forma de ensinar as pessoas de maneira lúdica e performática, o Evangelho.

A música também desempenha esse papel pedagógico, pois, por meio de suas letras, são relembradas as passagens bíblicas que se referem a vários momentos importantes do catolicismo. O Evangelho é cantado porque a leitura costuma ser pouca nos grupos de foliões, e o acesso à igreja e às missas também é limitado. As passagens do Evangelho que contam a história do nascimento de Jesus desde a sua concepção com a visita do anjo à Maria, a viagem para Belém, a visita dos Magos, sua volta por outro caminho, entre outras passagens, estão todas nas músicas que fazem parte do repertório da Folia.

Conforme ressalta Sebastião Rios,

A atuação dos foliões se faz pela música. Ela é essencial nos rituais da Folia de Reis. Ao se aproximar de uma casa a ser visitada ou onde se dará o pouso, o grupo forma duas fileiras e já se aproxima tocando uma marcha e, depois, entoando os cantos. Não se trata, entretanto, de música que tenha validade e importância em si mesma, que se esgote no prazer de ouvir e cantar, tocar e dançar. Não há, em outros termos, autonomia estética. Trata-se, antes, de uma função religiosa conduzida pela música. Os foliões são, normalmente, bons músicos - alguns excepcionais -, mas, ao apresentar os cantos estão, antes de tudo, expressando sua devoção, não raro, cumprindo uma promessa (RIOS, 2006, p. 89).

A música também define os momentos rituais e estabelece a lógica do festejo da Folia de Reis. Assim como em outros festejos populares, Joana Abreu diz que:

Essa presença da música como fator organizador é clara nos folguedos e brincadeiras populares. Neles, a música atua, muitas vezes, como o elemento que costura o todo e, em outras, é também geradora de movimento, de encenação e de relação (ABREU, 2010, p. 91).

Mesmo que um folião não saiba cantar e tocar, para que ele participe do ritual desempenhando sua função ele precisa conhecer as letras das canções, pois elas

estabelecem a conexão entre o ritual e os performers – os foliões, os donos das casas, as pessoas que seguram a bandeira e fazem suas doações –, que precisam estar atentos ao que é cantado para cumprirem seu papel no ritual. O processo do ritual se estabelece pela música, e cada etapa, desde a chegada em uma casa até a partida do grupo, é definida pela música. O ritmo está no espaço, na relação com as pessoas, no corpo, na fala.

De acordo com Ruth Finnegan (2008, p. 15), “há algo especial em palavras cantadas”. Elas se destacam como arte e performance por onde passam e onde se estabelecem. E mesmo a canção aparentemente mais simples é maravilhosamente complexa, com texto, música e performance acontecendo simultaneamente”.

Para os foliões que, no decorrer de sua caminhada, aprendem a cantar as músicas da folia e a tocar um ou vários instrumentos e vão assumido seus postos, conforme suas habilidades dentro do ritual, fica ainda mais clara a importância das três dimensões da canção: texto, música e performance. Tudo é ensinado e aprendido de forma total no contexto do ritual e precisa ser executado integralmente pelos foliões.

Sobre isso, Abreu explica:

O aprendizado e a execução da brincadeira não se dão com a separação das áreas e técnicas que estão envolvidas no fazer do brincante. Em primeiro lugar, não se aprende ritmo, melodia, canto ou condicionamento físico como disciplinas separadas. Aprende-se o todo da brincadeira: um pouco mais a cada dia, a cada experiência vivida brincando. Em segundo lugar, grande parte dos brincantes e mestres de brincadeira desempenha funções múltiplas. Tocam um ou vários instrumentos, cantam, dançam e representam os personagens da encenação. Em alguns casos, participam de mais de um tipo de folguedo, o que ajuda a desenvolver habilidades variadas. Soma-se a isso, o fato de o brincante, muitas vezes, ter a necessidade de executar atividades simultâneas, como tocar, cantar, dançar, relacionar-se com o espaço, com o outro brincante, com o público, tudo ao mesmo tempo. Essa simultaneidade exige presença e concentração totais para que tudo isso possa funcionar harmonicamente (ABREU, 2010, p. 114).

Isso acontece também na dança do catira. Para dançar, o catireiro precisa conhecer as letras das músicas, seu ritmo, saber se posicionar no espaço reservado para o ritual e se conectar com os demais integrantes durante a dança. Ele precisa de tempo de aprendizado, concentração, responsabilidade na execução do seu papel

e conexão com os demais integrantes. “A brincadeira popular pressupõe sempre a relação entre os brincantes, seja na dança, na encenação ou no jogo entre bailante e tocador” (ABREU, 2010, p.120).

Na folia ainda existe um agravante: há o improviso de versos, principalmente quando as pessoas seguram a bandeira, fazem suas doações e pedem bençãos. Para cada pessoa é cantado um verso, que pode variar se a pessoa é jovem ou mais idosa, se há uma promessa para se cumprir ou se pegou a bandeira só para agradecer. Os versos mudam também segundo a doação feita por cada pessoa. Nesses improvisos, “os cantadores devem improvisar seus versos dentro de uma métrica definida e, muitas vezes, de um mote preestabelecido” (ABREU, 2010, p. 123).

Martins Pereira Neto fala sobre esse improviso na cantoria da folia:

É que no verso da folia é o seguinte, as vezes você tem que fazer verso da sua cabeça, não é o que você sabe ler não, conforme muda você tem que cantar da sua cabeça, tem que mudar. As vezes se está pedindo esmola ou se chega num altar e tem alguma coisa diferente e você tem que fazer diferente, num arco no caso (Martins Pereira Neto, 05/01/2019).

Nesse processo de improvisação há uma necessidade de interação entre o grupo de cantores e instrumentistas. Sem essa interação, não se consegue desenvolver o ritual e cumprir com sua obrigação de folião. Os foliões também precisam ter certa experiência e conhecimento do processo ritual estabelecido no momento da cantoria, por isso o processo de aprendizagem deve ser total e em comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chego ao fim deste trabalho com a sensação de que ainda há muito que aprender e ensinar sobre a Folia de Reis e os demais festejos populares brasileiros. Há uma riqueza imensa no saber fazer desses grupos, que não medem esforços para realizarem o ritual, cumprindo sua obrigação, seja com os Santos Reis, com os foliões já falecidos ou mesmo com as pessoas que precisam cumprir um voto.

Acho que, ao final desta pesquisa, respondi, primeiramente, meus questionamentos internos, porque sempre tive curiosidade em saber por que aquele festejo ainda existia na região de Uruceres e o que motivava as pessoas daquela comunidade a trabalhar tanto para que a festa aconteça todos os anos. No fim, tudo se resume em fé, devoção, senso de obrigação e respeito para com os antepassados, regado por um sentimento de pertencimento ao grupo que extrapola todas as dificuldades que aquelas pessoas possam enfrentar, sem contar a satisfação de se reencontrar os amigos.

Durante a construção do projeto e o desenvolvimento da pesquisa, outras questões foram levantadas: como a memória auxilia a manutenção da tradição e a formação da identidade do grupo? Como se estabelece o processo ritual da Folia de Reis? Quais fatores contribuem para a resistência dessa tradição no povoado? Como se estabelece o processo de transmissão de saberes entre os integrantes do grupo? O que o grupo tem feito como estratégia para manutenção da tradição?

Nosso esforço para responder essas perguntas mostra que a memória é fundamental para a continuação deste festejo, porque ela liga o presente ao passado e estabelece um elo entre os atores que executam o ritual nos dois tempos, mantendo a tradição. Sem socialização, não existe memória, base para os festejos populares. Memória e socialização se retroalimentam, e a memória existe a partir da vida social, do contato, dos testemunhos, do espaço e do contexto.

A memória também auxilia o processo ritual, vai muito além das etapas rituais dos dias do giro e engloba uma grande quantidade de atores que trabalham arduamente para que a festa aconteça. O processo é contínuo: termina-se a festa de um ano e, na sequência, se inicia a preparação da próxima. O principal fator de resistência desse grupo é o sentimento de pertencimento, que está diretamente ligado ao modo de vida que é ensinado no festejo, por meio da fé, da devoção e do convívio

social. A transmissão de conhecimento se dá na prática, de forma total, nos momentos rituais, nos quais quem sabe ensina para quem quer aprender. Muitas vezes é um processo intuitivo, dos dois lados, de quem ensina e de quem aprende. Nos rituais, como os da Folia de Reis, nem sempre o ensinar se verifica de forma explícita. Muito se deve, nesses casos, a ver, ouvir, observar e tentar reproduzir o que vai acontecendo junto com o desenvolvimento das várias funções do giro.

Por fim, os foliões de Santos Reis, em meio aos muitos aprendizados disponibilizados pela manifestação popular da qual fazem parte, recriam histórias milenares. Nesse processo, reformulam-se suas próprias histórias de vida na intenção de manter viva a tradição, que precisa ser reinventada continuamente para se perpetuar. Isso fica claro nas estratégias pensadas pelo grupo para a manutenção da tradição do festejo no povoado de Uruceres.

Ainda há muito a ser discutido e pesquisado sobre a Folia de Reis e o próprio grupo de foliões de Uruceres, bem como sobre os demais grupos que atuam nas cidades próximas, na região conhecida como Vale de São Patrício. Há, ainda, muita coisa a ser analisada pelo prisma das performances culturais. Espero ter contribuído para despertar a curiosidade dos próximos pesquisadores que se interessam por esses temas tão importantes e latentes nessa aldeia global.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Joana. **Teatro e Culturas Populares**: Diálogos para a formação de ator. Brasília: ed. Teatro Caleidoscópio/Dulcina Editora. Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal, 2012.
- BARROS, Antônio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A elaboração do projeto de pesquisa. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011. p. 32.
- BATISTA, Marileny Moraes. **Sociologia da Educação**: conhecendo Uruana. Departamento de Ensino (Curso Técnico em Magistério). Colégio Estadual José Alves Toledo Uruana – Goiás ,1991.
- BAUMAN, Richard. Fundamentos da Performance. **Revista Sociedade e Estado** (UnB), Brasília, v. 29. n.3, p. 727-746, set./dez. 2014.
- BÍBLIA SAGRADA. 203. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2014.
- BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- BOSI, Alfredo. Cultura brasileira, culturas brasileiras. *In*: BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p.308.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do Sagrado**: Estudos de Religião e Ritual. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e folia, festa e romaria**. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia das letras, 1990.
- CAMARGO, Robson Corrêa de. Milton Singer e as Performances Culturais: Um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise. **Revista Karpa** (Califórnia State University), Los Angeles, v. 6, 2013. Disponível em: <http://web.calstatela.edu/misc/karpa/KARPA6.1/Site%20Folder/KARPA6.1.html>. Acesso em: 05 out. 2017.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Trad. CNBB. São Paulo: Loyola, 1999.

CÉSAR, Waldo. **O catolicismo popular**. Petrópolis: Vozes, 1976.

COSTA, Waldney de Souza Rodrigues. Religião na perspectiva sociológica clássica: considerações sobre Durkheim, Marx e Weber. **Revista Sacrilegens**, Juiz de Fora, v.14, n. 2, p. 03-24, jul./dez. 2017.

DAWSEY, John. C. Antropologia em performance: entrevista com Richard Schechner. **GIS — Gesto, Imagem, Som**, v. 3, n. 1, p. 379-439, 2018.

DURKHEIM, Émile, **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERNANDES, Maria Aparecida Silva; VELOSO, Raquel Cristina. **“Da Saída a Recuía”: um olhar sobre a Folia de Reis de Uruceres (1928 – 2005)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) de Licenciatura Plena em História, UEG – Unidade Universitária de Itapuranga, Itapuranga, 2005.

FINNEGAN, Ruth. O que vem primeiro: o texto, a música ou a performance. *In*: MATOS, Cláudia N.; TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, Fernanda T. (Orgs.). **Palavra cantada**: ensaios sobre poesia, música e voz. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008. p. 15-45.

FRADE, Cássia. O saber viver – Reflexões sobre o conhecimento popular. *In*: CNF/CGF. **Anais do IX Congresso Brasileiro de Folclore**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. [reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOULART, Rafaela Sales. Entre o tradicional e o moderno: a folia de reis e as novas configurações nos espaços urbanos. *In*: **Anais de XIX Encontro Regional de História**. Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <https://www.encontro2014.mg.anpuh.org/site/anais/complementares>. Acesso em: 16 jan. 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARTMANN, Luciana.; LANGDON, Esther. J. Tem um corpo nessa alma: encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil. **BIB**, São Paulo, n. 91, 2020.

HOBBSAWN, Eric.; RANGER, Terence (Org). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 17 jan. 2017.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus e os bois**. 2. ed. Brasília, dezembro de 2010.

IZQUIERDO, Iván; BEVLLAQUA, Lia; CAMMAROTA, Martín. A Arte de esquecer. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 58. USP, 2006.

LANGDON, Esther Jean. **Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico**: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs. Florianópolis: Núcleo de Publicação de Periódicos, Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

LIGIÉRO, Zeca (Org.). **Performance e antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Editora MAUAD, 2012.

MOREYRA, Yara. Memórias de Folias. **Separata da Revista Goiana de Artes**, Goiânia, v. 5, n. 1, jan.jun./1984. p. 43-111.

MULLER, Jean Harvé. **Religião Popular no Paraguai**. Zurique: Orientierung, 1979.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Catolicismo Popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Brocha, 1970.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Identidade étnica, identificação e manipulação. **Sociedade e Cultura**, v. 6, n. 2, jul./dez. 2003, p. 117-131.

PEIRANO, Mariza. Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. **Revista de Antropologia**, Campos, v. 7, n. 2, p. 9-16, 2006.

PESAVENTO, Sandra J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, nº16, 1995, p. 279-290.

PESSOA, Jadir de Moraes; FÉLIX, Madeleine. **As viagens dos Reis Magos**. Goiânia: ed. UCG, 2007.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Cultura Popular** – Gestos de ensinar e aprender. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

RIOS, Sebastião. Os cantos da festa do reinado da Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis. **Sociedade e Cultura**, jan./jun., ano/volume 09, número 001, Universidade Federal de Goiás: Goiânia: 2006.

RIOS, Sebastião. Cultura popular: práticas e representações. **Sociedade e Estado**, set./dez., ano/volume 29, número 03, UNB, Brasília-DF: 2014.

RIOS, Sebastião; VIANA, Talita; SOUZA, Marcos. **Toadas de Santos Reis em Inhumas/GO**: tradição, circulação e criação individual. Goiânia: Faculdade de Ciências Sociais, UFG, 2015.

RIOS, Sebastião; VIANA, Talita; NEVES, Rogério. Criação de toadas nas Folias de Reis em Inhumas (GO). **Dossiê Cultura Popular, Patrimônio e Performance**, Goiânia, vol. 4, n. 7, p. 187-209, jan./jul.2017.

SAMUEL, Raphael. Teatro de Memória. *In*: **Projeto História**. São Paulo, n. 14, fevereiro/1997 (Cultura e Representação), p. 41-45.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, set. 89/fev. 90. v. 9, n.19, p. 219-243.

SCHECHNER, Richard. Podemos ser o (novo) Terceiro Mundo?**Revista Sociedade e Estado** (UnB), Brasília, v. 29. n. 3, p. 711-726, set./dez. 2014.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual**: estrutura e anti-estrutura. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

TURNER, Victor W. **Do ritual ao teatro**: a seriedade humana de brincar. Tradução de Michele Markowitz e Juliana Romeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

APÊNDICE

Documentos Comitê de Ética

TRADICIONAL FOLIA DE REIS DE URUCERES – GOIÁS

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

O Conselho da Tradicional Folia de Reis de Uruceres está de acordo com a participação na pesquisa intitulada “**Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO**”, desenvolvida pela pesquisadora Rosana de Freitas Mesquita Bitencourt, sob orientação do professor Dr. Sebastião Rios Corrêa Júnior, da Universidade Federal de Goiás.

O Conselho da Tradicional Folia de Reis de Uruceres assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização de coleta de dados durante o período de 01/01/2019 a 08/01/2020.

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa, e requeremos o compromisso da pesquisadora responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados.

Goiânia, 02 de novembro de 2018.

Wemerson Vieira Lemes

Coordenador do Conselho da Folia de Reis de Uruceres-GO

|

TERMO DE COMPROMISSO

Declaro que cumprirei os requisitos da *Resolução CNS n.º 466/12* e/ou da *Resolução CNS n.º 510/16*, bem com suas complementares, como pesquisador(a) responsável e/ou pesquisador participante do projeto intitulado “**Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO**”. Comprometo-me a utilizar os materiais e os dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo da pesquisa acima referido e, ainda, a publicar os resultados, sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto, considerando a relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração de todos os interesses envolvidos.

Data: 29 / 10 / 2018

<i>Nome do(a) Pesquisador(a)</i>	<i>Assinatura Manuscrita ou Digital</i>
1. Rosana de Freitas Mesquita Bitencourt	
2. Sebastião Rios Corrêa Junior (Orientador)	

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais - Mestrado

INSTRUMENTO DE PESQUISA

Pesquisa: Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO

Pesquisador: *Profa. Rosana de Freitas Mesquita Bitencourt*

Orientador: *Prof. Dr. Sebastião Rios Corrêa Junior*

Questionário de entrevistas⁸

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Qual a sua vinculação religiosa, caso haja?
- 4) Onde você nasceu?
- 5) Onde mora atualmente?
- 6) Qual o seu tempo de participação na Folia de Reis?
- 7) Qual a sua função desempenhada neste grupo de Folia de Reis?
- 8) Como são definidas as funções neste grupo de Folia de Reis?
- 9) Você conhece a história da Folia de Reis?
- 10) Quanto tempo tem esse grupo de Folia de Reis?
- 11) Você conhece o processo de organização e estruturação da festa da Folia de Reis desse grupo?
- 12) Como você explicaria a festa da Folia de Reis para alguém que não conhece?
- 13) O que a Folia de Reis representa para você?
- 14) Por que você participa desse grupo de Folia de Reis?
- 15) Você participa de outros grupos de Folia de Reis? Quais? De onde?

⁸As perguntas serão apresentadas aos participantes da pesquisa com as adequações necessárias, conforme a idade e nível de escolaridade do(a) entrevistado(a).

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
(pais ou responsáveis)

Seu filho/sua filha _____ está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **“Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO”**. Meu nome é **Rosana de Freitas Mesquita Bitencourt**, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Performances Culturais e Comunicação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar que seu filho/sua filha faça parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de sua recusa na participação do seu filho/sua filha, ele/ela não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail rosanambitencourt@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62)98444-7699/(62)3247-2368. Ao persistirem as dúvidas *sobre os direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215. O CEP-UFG é uma entidade independente, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, no âmbito de suas atribuições, criado para proteger o bem estar dos/das participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O nome desta pesquisa é **“Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO”**, e pretende estudar a tradição da Folia de Reis em Uruceres-GO. A intenção da pesquisa é entender o processo de transmissão das tradições culturais da Folia de Reis de Uruceres – GO, como os foliões atuais aprenderam e como eles repassam. Nosso foco é compreender como a memória auxilia na manutenção da tradição cultural e na formação da identidade desse grupo. Os objetivos da pesquisa são: Analisar a relação entre memória individual e coletiva do grupo de foliões e como essa relação fortalece a noção de pertencimento ao grupo e ao espaço da festa – o povoado de Uruceres; Analisar quais fatores contribuem para a resistência da tradição cultural da Folia de Reis no povoado de Uruceres e como ela é disseminada através das gerações; Descrever o processo ritual da festa da Folia de Reis; Analisar as referências de religiosidade, saberes e tradições vivenciadas pelos foliões durante o giro da Folia de Reis. Será realizada pesquisa exploratória, com abordagem direta através de pesquisa de campo, com questionários semi-estruturados e também, entrevistas com alguns de seus participantes. Também serão feitas fotografias, gravação de vídeos e das vozes dos participantes, caso haja consentimento do(a) participante. Ao final da pesquisa queremos ajudar na valorização da cultura e espiritualidade brasileira, registrando e divulgando a festa da Folia de Reis de Uruceres. Os riscos e desconfortos emocionais aos(as) participantes da pesquisa são pequenos e todas as informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente para fins escolares, além de precisar da autorização dos participantes, podendo ser negado em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma aos(as) participantes, bastando apenas ligar a cobrar para o número (62) 98444-7699. A participação na pesquisa não

acarretará qualquer gasto financeiro. O nome do seu filho/filha poderá ser divulgado na pesquisa caso você autorize. A participação do seu filho/filha na pesquisa é livre, ele/ela participa se quiser. Seu filho/filha pode se recusar a responder questões que não queira nas entrevistas que forem aplicadas na pesquisa. Os resultados da pesquisa serão divulgados, sejam eles favoráveis ou não. Ao final da pesquisa os resultados serão divulgados através da disponibilização da dissertação de mestrado no banco de dados da biblioteca digital da UFG e no Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações (TEDE), caso haja consentimento para a disponibilização dos dados fornecidos para pesquisas futuras. O seu filho/A sua filha possui o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes da participação dele/dela na pesquisa.

- ☐ Permito a divulgação da imagem/voz/opinião do meu filho/da minha filha nos resultados publicados da pesquisa;
- ☐ Não permito a publicação da imagem/voz/opinião do meu filho/da minha filha nos resultados publicados da pesquisa.
- ☐ Permito a identificação através de uso do nome do meu filho/da minha filha nos resultados publicados da pesquisa;
- ☐ Não permito a identificação através de uso do nome do meu filho/da minha filha nos resultados publicados da pesquisa.
- ☐ Declaro ciência de que os dados coletados do meu filho/da minha filha podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;
- ☐ Declaro ciência de que os dados coletados do meu filho/da minha filha podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, inscrito(a) sob o RG/ CPF....., abaixo assinado, concordo com a participação do meu filho/da minha filha no estudo intitulado **“Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO”**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação do meu filho/da minha filha nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável **Rosana de Freitas Mesquita Bitencourt** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação do meu filho/da minha filha no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a participação de meu filho/da minha filha no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) responsável pelo participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO**”. Meu nome é **Rosana de Freitas Mesquita Bitencourt**, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Performances Culturais e Comunicação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail rosanambitencourt@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62)98444-7699/(62)3247-2368. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215. O CEP-UFG é uma entidade independente, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, no âmbito de suas atribuições, criado para proteger o bem estar dos/das participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O nome desta pesquisa é “**Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO**”, e pretende estudar a tradição da Folia de Reis em Uruceres-GO. A intenção da pesquisa é entender o processo de transmissão das tradições culturais da Folia de Reis de Uruceres – GO, como os foliões atuais aprenderam e como eles repassam. Nosso foco é compreender como a memória auxilia na manutenção da tradição cultural e na formação da identidade desse grupo. Os objetivos da pesquisa são: Analisar a relação entre memória individual e coletiva do grupo de foliões e como essa relação fortalece a noção de pertencimento ao grupo e ao espaço da festa – o povoado de Uruceres; Analisar quais fatores contribuem para a resistência da tradição cultural da Folia de Reis no povoado de Uruceres e como ela é disseminada através das gerações; Descrever o processo ritual da festa da Folia de Reis; Analisar as referências de religiosidade, saberes e tradições vivenciadas pelos foliões durante o giro da Folia de Reis. Será realizada pesquisa exploratória, com abordagem direta através de pesquisa de campo, com questionários semi-estruturados e também, entrevistas com alguns de seus participantes. Também serão feitas fotografias, gravação de vídeos e das vozes dos participantes, caso haja consentimento do(a) participante. Ao final da pesquisa queremos ajudar na valorização da cultura e espiritualidade brasileira, registrando e divulgando a festa da Folia de Reis de Uruceres. Os riscos e desconfortos emocionais aos(às) participantes da pesquisa são pequenos e todas as informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente para fins escolares, além de precisar da autorização dos participantes, podendo ser negado em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma aos(as) participantes, bastando apenas ligar a cobrar para o número (62) 98444-7699. A participação na pesquisa não acarretará qualquer gasto financeiro. O seu nome poderá ser divulgado na pesquisa caso você autorize. A sua participação na pesquisa é livre, você participa se quiser. Você pode se recusar a responder questões que você não queira nas entrevistas que forem aplicadas na pesquisa. Os resultados da pesquisa serão divulgados, sejam eles

favoráveis ou não. Ao final da pesquisa os resultados serão divulgados através da disponibilização da dissertação de mestrado no banco de dados da biblioteca digital da UFG e no Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações (TEDE), caso haja consentimento para a disponibilização dos dados fornecidos para pesquisas futuras. Você possui o direito de pleitear indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, decorrentes da sua participação na pesquisa.

() Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

() Permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, inscrito(a) sob o RG/ CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “**Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO**”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável **Rosana de Freitas Mesquita Bitencourt** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **“Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO”**. Meu nome é **Rosana de Freitas Mesquita Bitencourt**, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Performances Culturais e Comunicação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail rosanambitencourt@gmail.com e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62) 98444-7699/(62) 32472368. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215. O CEP-UFG é uma entidade independente, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, no âmbito de suas atribuições, criado para proteger o bem estar dos/das participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O nome desta pesquisa é **“Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO”**, e pretende estudar a tradição da Folia de Reis em Uruceres-GO. A intenção da pesquisa é entender o processo de transmissão das tradições culturais da Folia de Reis de Uruceres – GO, como os foliões atuais aprenderam e como eles repassam. Nosso foco é compreender como a memória auxilia na manutenção da tradição cultural e na formação da identidade desse grupo. Os objetivos da pesquisa são: Analisar a relação entre memória individual e coletiva do grupo de foliões e como essa relação fortalece a noção de pertencimento ao grupo e ao espaço da festa – o povoado de Uruceres; Analisar quais fatores contribuem para a resistência da tradição cultural da Folia de Reis no povoado de Uruceres e como ela é disseminada através das gerações; Descrever o processo ritual da festa da Folia de Reis de Uruceres; Analisar as referências de religiosidade, saberes e tradições vivenciadas pelos foliões durante o giro da Folia de Reis. Será realizada pesquisa exploratória, com abordagem direta através de pesquisa de campo, com questionários semi-estruturados e também, entrevistas com alguns de seus participantes. Também serão feitas fotografias, gravação de vídeos e das vozes dos participantes, caso haja consentimento do(a) participante. Ao final da pesquisa queremos ajudar na valorização da cultura e espiritualidade brasileira, registrando e divulgando a festa da Folia de Reis de Uruceres. Os riscos e desconfortos emocionais aos(às) participantes(as) da pesquisa são pequenos e todas as informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente para fins escolares, além de precisar da autorização dos participantes, podendo ser negado em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma aos(as) participantes(as), bastando apenas ligar a cobrar para o número (62) 98444-7699. A participação na pesquisa não acarretará qualquer gasto financeiro. O seu nome poderá ser divulgado na pesquisa caso você autorize. A sua participação na pesquisa é livre, você participa se quiser. Você pode se recusar a responder questões que você não queira nas entrevistas que forem aplicadas na pesquisa. Os resultados da pesquisa serão divulgados, sejam eles favoráveis ou não. Ao final da pesquisa os

resultados serão divulgados através da disponibilização da dissertação de mestrado no banco de dados da biblioteca digital da UFG e no Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações (TEDE), caso seja autorizado por você para a disponibilização dos dados fornecidos para pesquisas futuras. Caso você queira, você pode solicitar indenização (reparação a danos imediatos ou futuros), garantida em lei, por causa da sua participação na pesquisa.

() Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

() Permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;

() Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados;

1.2 Assentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, inscrito(a) sob o RG/ CPF....., abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “**Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO**”. Informo ter menos de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador(a) responsável Rosana de Freitas Mesquita Bitencourt sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do responsável pelo(a) participante

* RG/CPF do responsável: _____

* Grau de parentesco do responsável: _____

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a)



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO

Pesquisador: ROSANA DE FREITAS MESQUITA BITENCOURT

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 02681318.4.0000.5083

Instituição Proponente: Universidade Federal de Goiás - UFG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.154.159

Apresentação do Projeto:

Título da Pesquisa: Memória e práticas tradicionais na Folia de Reis de Uruceres-GO. **Pesquisadora Responsável:** ROSANA DE FREITAS MESQUITA BITENCOURT. N.CAAE: 02681318.4.0000.5083. O protocolo se refere a uma pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais da UFG, sob a orientação do Prof. Sebastião Rios Corrêa Junior.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O foco é compreender como a memória auxilia na manutenção da tradição cultural e na formação da identidade do grupo Martins Pereira que realiza a Folia de Reis no povoado de Uruceres (GO). Outro ponto de interesse do projeto é entender como se estabelece o processo ritual da Folia de Reis desse grupo e por meio dele compreender quais fatores contribuem para a resistência dessa tradição no povoado.

Objetivos Secundários:

- Analisar a relação entre memória individual e coletiva do grupo de foliões dos Martins Pereira e como essa relação fortalece a noção de pertencimento ao grupo e ao espaço da festa – o povoado de Uruceres.
- Analisar quais fatores contribuem para a resistência da tradição cultural da Folia de Reis no povoado de Uruceres e como ela é disseminada através das gerações.

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.154.158

- Descrever o processo ritual da festa da Folia de Reis do grupo Martins Pereira.
- Analisar as referências de religiosidade, saberes e tradições vivenciadas pelos foliões durante o giro da Folia de Reis.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora afirma que há a possibilidade de riscos, ainda que pequenos, no decorrer da pesquisa, tais como desconfortos emocionais por parte das pessoas que serão observadas ou entrevistadas durante a coleta de dados. Diante disso, ela fornece aos participantes as garantias necessárias para lidar com esses riscos.

Entre os benefícios, a pesquisadora lista o registro, a divulgação e a preservação da festa de Folia de Reis do povoado de Uruceres (GO).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A fim de estudar as práticas do grupo Martins Pereira relacionadas à realização da Folia de Reis em Uruceres (GO), a proponente pretende empreender uma pesquisa de campo com a observação das atividades do grupo e a aplicação de questionários semiestruturados. Também serão feitas fotografias, gravação de vídeos e das vozes dos participantes, caso haja o consentimento deles. Está prevista a participação de 20 pessoas, incluindo jovens com menos de 18 anos. Na versão revisada do cronograma, e a coleta de dados deverá ocorrer de 31/12/2019 a 06/01/2020.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na primeira versão do protocolo, foram apresentados os seguintes documentos:

- Folha de Rosto
- Projeto Detalhado
- Roteiro para entrevistas semiestruturadas
- Termo de compromisso da pesquisadora e de seu orientador
- Termo de anuência da Tradicional Folia de Reis de Uruceres (GO)
- Informações Básicas do Projeto
- TCLE
- TALE

Na segunda versão, foram acrescentados os seguintes documentos:

- TCLE revisado (participantes)
- TCLE revisado (responsáveis)
- TALE revisado

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.154.158

Na terceira versão, foram acrescentados os seguintes documentos:

- Informações Básicas do Projeto revisadas
- TCLE revisado (participantes)
- TCLE revisado (responsáveis)
- TALE revisado

Os documentos acrescentados ao protocolo estão de acordo com as exigências do CEP e resolveram as pendências elencadas no parecer anterior.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Tendo em vista a documentação apresentada pela pesquisadora, sou de parecer favorável à aprovação do protocolo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1251462.pdf	06/02/2019 16:20:51		Aceito
Outros	CARTA_DE_ENCAMINHAMENTO_2.docx	06/02/2019 16:19:23	ROSANA DE FREITAS MESQUITA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_Revisado_2.doc	06/02/2019 16:19:01	ROSANA DE FREITAS MESQUITA BITENCOURT	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE_Revisado_2.doc	06/02/2019 16:18:45	ROSANA DE FREITAS MESQUITA	Aceito

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIÂNIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 3.154.159

Ausência	TCLE_Revisado_2.doc	06/02/2019 16:18:45	ROSANA DE FREITAS MESQUITA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Revisado_responsaveis.doc	06/02/2019 16:18:28	ROSANA DE FREITAS MESQUITA BITENCOURT	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_Rosana.docx	06/02/2019 16:18:07	ROSANA DE FREITAS MESQUITA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_assentimento_Folia_de_Reis.docx	14/12/2018 16:04:16	ROSANA DE FREITAS MESQUITA	Aceito
Outros	INSTRUMENTO_DE_COLETA_DE_DADOS.docx	09/11/2018 14:15:13	ROSANA DE FREITAS MESQUITA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_Compromisso_Rosana.docx	09/11/2018 13:57:32	ROSANA DE FREITAS MESQUITA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_pesquisa.docx	09/11/2018 13:56:01	ROSANA DE FREITAS MESQUITA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 19 de Fevereiro de 2019

Assinado por:
João Batista de Souza
(Coordenador(a))

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com

ANEXOS

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O FOLIÃO ADEMAR

Ademar Alves da Silva – 64 anos, mora em Uruceres

Data: 04/01/19

ROSANA: você conheceu essa folia dos Martins antes da folia dos Lopes?

ADEMAR: Antes, antes da folia dos Lopes. Eu sou da família dos Lopes, sabe, mas eu conheci essa aqui (a folia dos Martins) antes. Eu tinha em torno de uns 10 anos de idade quando eu conheci essa folia dos Martins. Aí depois eu mudei pra Uruceres, eu morava na roça. Eu mudei pra Uruceres, aí que veio essa outra folia, a dos Lopes. A gente era tudo parente, os embaixadores, inclusive o mais antigo que no meu tempo era o Bastião Henrique, casado com uma tia minha, embaixador. Aí ele gostava demais de mim e me chamou. Eu ainda menino, assim, tava pré adolescente. Aí veio seu Inacim, até o nome completo dele é Inácio Ferreira do Prado, eu nunca esqueci o nome dele. Aí um dia ele veio eu acompanhando a folia, e tal, aí eles chamaram pra dançar um catira. Eu sempre participava lá pra trás, fala a rabada, na rabada lá. Um dia, uma hora ele chamou eu: Dimar, vem cá ajudar eu a tirar “palma” aqui. Me deu uma friagem, “tremi nas bases”, mas eu fui, eu gosto demais. Ele era muito, mais muito humilde, sabe, assim não tinha tristeza, muito alegre, amigo e entendia muito de folia, bom embaixador. Aí foi indo, meu padrinho Bastião Henrique morreu. Fui com seu Inácio (Inacim), depois veio o Zé Alaor, meu primo. Nós dois somos primo-irmão, inclusive minha mãe deu até “mamã” pra ele quando ele era bebê.

Então eu cantava com eles também, nós cantávamos juntos na música da folia. Eu canto na música da folia também, mas o meu tema mais de folia é quando... eu tenho um cunhado que é sanfoneiro, você sabe? O Jânio, então, nós de primeiro, nós estávamos até nos cartazes, nós dois, tal hora, tal dia, tem cantoria de fulano de tal, Dimar e Jânio. Mais eu ajudo, faltou um ali, ô Dimar vem cá, tô pronto.

ROSANA: Qual instrumento você toca?

ADEMAR: pandeiro e a zabumba, a caixa. Eu sou apaixonado por sanfona, mas nunca aprendi a tocar, mas acho bonito demais. Você pegar uma música de folia, você

deitado na sua cama, quando eles batem na porta, aquele silêncio. É de Deus só, arre pia. É emocionante demais.

ROSANA: Eu estava observando lá, a Kacielle, ela começou a aprender com o Salomão, mas você ensina um pouco pra ela também, porque eu fico observando ela lá pertinho...

ADEMAR: Ensino, só de olhar pra ela assim... mais tranquilo, ontem mesmo ela estava empolgada lá, não sei se você viu... batendo meio alto... tal, tal, eu só fazia assim...(sinal com as mãos). Ela é muito educadinha. O dia que nós saímos com a folia, não sei se você percebeu, lá no "Fiim", ela chegou e olhou pra mim, eu batendo o pandeiro e ela perguntou se podia buscar o pandeiro, e ela foi... e ela gosta demais, tadinha. Inclusive até você pode ver que ela tá com uma faixinha no braço (punho), porque ela tá com muita dor no braço de tocar o pandeiro. O bracinho dela dói, porque ela é muito novinha. Eu acho que tem uns quatro anos que ela está na folia tocando pandeiro. Ela hoje está com 15 anos, mas ela é firme, hoje ela não veio aqui porque é longe demais. Eu fico até com dó dela porque girar a noite não é fácil! É difícil. Mas folia é bom demais!

ROSANA: O que significa participar da folia pra você?

ADEMAR: Nós estávamos conversando sobre isso ali agora, eu mais o Dalvino e outro amigo meu. A gente sofre, sofre hoje e amanhã "você está doidinho" pra ir de novo. É porque é puxado. A gente fica o ano inteiro contando os meses, faltam tantos dias, tantos meses. E esse ano de 2018 passou tão rápido com as coisas. Mas eu pra mim, eu sou um cara que folio, desde quando eu casei eu nunca mais bebi bebida alcoólica, sabe, mais gosto demais da folia e respeito. Você pode ver que eu sou brincalhão com todo mundo, mas sou respeitador, na hora das músicas, vamos, vamos. No que eu posso ser eu tô pronto. Pra você ver, ontem eu vim aqui, porque a menina não veio. O meu menino Maurício, gosta demais da conta de folia também. Aquele que tem os menininhos. Por ele gostar não precisava de nós dois estarmos aqui, mas por ele gostar eu vim com ele. Nós chegamos em casa, quando eu deitei na cama faltava 20 minutos pras 6h.

É, folia cansa. É longe, e eu dormi três horas, sabe como que é. Levantei já estou aqui de novo e agora só girar até no outro pouso, aí que eu vou em casa de novo. Mas pra

mim folia é tudo de bom. Eu tenho fé demais nos santos Reis, sabe até graças a Deus, assim, eu nunca fiz uma promessa pros santos Reis, sabe como é que é?

Mas um dia, eu nunca contei isso pra ninguém, numa folia lá no Cruzeiro eu cheguei lá na roça tinha uma vaca que tinha caído dentro de uma gruta. O menino foi lá pra mim, arrastou ela pra mim e pois no seco lá. Eu cheguei no outro dia e a vaca não tinha levantado, e eu precisava ir pra folia. Aí eu falei: santos Reis vai me ajudar que ela levanta porque até eu ir atrás de recurso pra mexer. Aí eu fui e voltei. Cheguei no outro dia a vaca tinha levantado e estava deitada em outro lugar. Santos Reis é muito, assim, a gente fala santos Reis, porque todos santos tem o contato com Deus!

Inclusive um dia um menino meu passou pra crente, falando pra mim pai, não tem esse negócio de santo não e tal. Aí eu falei, tem meu filho. No exército não tem o comandante que comanda todos os seus soldados? Os santos são os soldados de Deus. Se você pega com um santo, uma comparação vamos fazer uma comparação com santa Luzia, a protetora das vistas. Ela as vezes não tem aquele poder, mas Deus intercede. Chega lá, num chega?

Então, é assim sabe, eu gosto demais de folia. Eu não sou um cara embaixador, mas eu sei “tudinão”, se erra, se está certo ou errado, eu sei. Mais eu não sou um embaixador, e acho bonito demais.

Aquele dia a gente estava lá no Cruzeiro o Soró pegou a sanfona e nós fomos fazer um ritmo diferente que é da outra folia. E o povo acho muito bonito, sabe, o jeito que eu cantei lá, que é outro ritmo, a do Divino Pai Eterno, sabe. É bonito demais, eu aprendi, inclusive eu peguei na bandeira lá, estava eu e o Jânio, meu cunhado. Nós todos dois choramos por pegar na bandeira lá. Sabe, a gente, eu mesmo tenho um passado sofrido demais, com perda na família. Perdi minha filha e meu genro num acidente. O dia que fez 10 anos perdi minha esposa, depois meu pai.

Se eu for falar aqui a gente fica meia hora falando de gente. De folião inclusive que já foi. Inclusive o Salomão, (uma perda muito recente), a gente fica muito prestativo com a folia, eu defendo muito a folia, sabe porque eu gosto. Desde menino eu gosto, meus pais gostavam demais de folia. Nossa família é tudo emocionado com folia, quase todo mundo chora quando vai cantar em casa assim. Sabe porque você puxa a ficha lá de traz, você vai lembrando de um e de outro que não tá ali mais, então a gente se emociona.

ROSANA: Tem diferença entre essa folia e a folia dos Lopes?

ADEMAR: tem.

ROSANA: Tem muita diferença?

ADEMAR: Até que muito...tem umas três diferenças pra mim. Essa aqui só gira de noite, é a tradição dela, toda vida. Só sai de um pouso, vai pro giro de noite e chega, procura chegar antes de sair do sol no outro. E a outra folia nossa, uma diferença é que nós girávamos de dia de noite. Outra diferença, tinha palhaço. E mais outra diferença, nós almoçávamos num lugar e jantávamos no outro, igual foi ontem. Essas três diferenças tinham na folia. Agora sobre o cantorio, a música, tudo, é mais ou menos a mesma coisa. Na folia dos Lopes, como tinha pouco folião, vamos supor, três foliões cantores, aí um embaixava a folia baiana e dois respondiam, a folia baiana tem uma diferença também.

ROSANA: Essa é a goiana?

ADEMAR: É essa é a goiana, são duas vozes de um lado e duas do outro, duas vozes tirando e duas respondendo. Mais é muito boa também essa folia aqui, os cantores são bons, tem muito tocador. Você mesmo vê, nós estamos com dois grupos, A e B. Isso ajuda pra descansar. Ajuda muito, ajuda demais, porque, eu não falhei nenhum dia. Quando o menino não pode vir com a caixa eu vou, o Gabriel, e quando a menina não está com o pandeiro eu toco ele também. De qualquer forma eu tenho que estar cobrindo a vaga de um.

ROSANA: É porque você toca 2 instrumentos...

ADEMAR: É, inclusive todos dois ficam comigo lá em casa, a caixa e o pandeiro, é da folia. O pandeiro não, o pandeiro era do Salomão, é da folia, fica comigo, mas é da folia. Agora a caixa é da folia mesmo, inclusive é o segundo ano que nós estamos usando aquela caixa, nós tínhamos uma outra caixinha que era pequena que não prestava mais. Aí o pessoal comprou aquela, se tiver cuidado dura muitos anos.

ROSANA: E o terço dos homens, quando o terço dos homens entrou na folia? É uma coisa nova, não é?

ADEMAR: Na verdade o nosso terço dos homens fez sete anos agora em novembro, o terço de Uruceres, mas na folia esse ano já vai pra três anos. Inclusive lá no Tovi,

todo ano acontece lá. Sempre nós rezamos o terço lá, já põe no cartaz que é o terço dos homens. Eu faço parte do terço dos homens desde quando foi fundado, sabe...

ROSANA: Reza em várias casas ou num lugar só?

ADEMAR: Nós rezamos toda segunda-feira na igreja, mais se uma pessoa vai lá e fala: Oh, eu queria que fizesse uma oração lá em casa, aí nós deixamos a igreja e vamos na casa, na casa dessa pessoa que faz o pedido, sabe.

Inclusive no mês de março teve um acidente de um menino na fazenda lá perto de Uruceres, tombou uma máquina pá mecânica, ele morreu. Ele ia fazer 16 anos e os pais naquele desespero danado. Inclusive na hora que nós fomos sepultar ele a sorte é que eu já sou muito tarimbado com aquilo, eu vi o desespero que ele tava, eu acompanhei tudo. O velório e eu pensando que ele não ia no cemitério. E ele foi e na hora que a gente foi arrumar o caixão pra descer ele veio pra pular, por toda sorte que eu tava na frente e eu catei ele assim, pelo braço e gritei tira esse homem daqui, ele não resiste a esse tipo de coisa. É o trem mais triste que existe é você sepultar um filho. Eu passei por isso já, eu consegui ficar até o final, mas só Deus sabe na hora. Você perde o chão.

Mas, é isso aí, igual nós estávamos falando do terço, ele faleceu, nós sepultamos ele. Aí quando foi no dia de nós fazemos o terço na segunda-feira, nós combinamos que na terça ia rezar o terço na casa deles. Foi triste demais, não tem quem não chora, sabe. Principalmente quem já perdeu, é emoção demais. Nossa Senhora, e a gente esse trem é um trem que você não tem a palavra certa pra ele, você vai, ajuda. Você não tem a palavra, aqui é o remédio. Como se diz um velho ditado “é com o tempo que cura queijo”. Mas nós fomos lá duas vezes, eu acho que nós fizemos bem a nossa parte, de gente de terço, rezador, da igreja. A gente foi lá, demos conselho, pelejamos pra trazer ele pra igreja, o homem envelheceu...

Mas o terço dos homens é muito bom. Aqui em Uruceres tem o terço dos homens e o terço da família, que eles falam também. O terço da família é dia 18 de cada mês, dá o dia que der, tem reza na igreja, se der dia de missa...

ROSANA: Tem missa lá na igreja ainda?

ADEMAR: Tem

ROSANA: Mas vai padre celebrar?

ADEMAR: Vem, temos o ministro, o diácono, temos três diáconos o Divino Barba, o Zé Palito e o Edmilson. Mas tem dois padres também de Uruana, eles vêm toda segunda quinta-feira do mês.

ROSANA: Ficou um tempo sem ter missa, sem ter celebração lá na igreja?

ADEMAR: É ficou, mas a igreja, pelo menos de Uruceres, de uns tempos pra cá, ela melhorou. Eu não sei se o terço dos homens deu um empurrão, parece que deu, não participa todo dia não, mas nós temos uns 40 agora no terço dos homens. Não tem no vale São Patrício um maior que o nosso, pelo tamanzinho da Uruceres. E no dia que faz aniversário nós fazemos uma janta lá na igreja, toda segunda segunda-feira do mês é cantado o terço de viola e sanfona. Não é bonito? Então, toda segunda segunda-feira do mês é cantado, os meninos lá da Serra vai, o Benedito, o Marcos, o Demar, nós quatro que são os “cantadores”, mas tem mais gente que gosta também. As mulheres vão, tem o terço da comunidade, vai todo mundo. Tem muita mulher que tem vontade, já falou pra mim. Dimar eu acho bonito demais cantar mais, eu tenho vergonha. Mas não pode ter vergonha de rezar não. É igual o menino falou lá, o Dimar falou lá na casa dele, eu voltei à vida cantando. Eu ia pra roça chorando e voltava chorando, e chegava em casa e fazia de tudo pra não chorar perto da mulher, porque ela estava muito derrubada. Eu olhava ela daquele jeito, sabe, mas eu ia distraíndo com choro, outra hora com música.

Eu fiz uma música dela, da minha menina, é, inclusive eu nunca cantei ela e nem nunca gravei nada dela. Mas eu tem dia que eu não dou conta de cantar. Fala direitinho assim do jeito que aconteceu, que ela deixou um menino, pediu pra mim zelar pra ela. Que ela me falou duas semanas antes de acontecer. Pai, ele é “bonitinho demais”. Eu falei é. Ela falou: se eu morrer o senhor toma conta dele pra mim? Eu falei, oh minha filha não conversa isso não... tá aí comigo até hoje, já interou 18 anos. O nome da música é: Filho seu e filho meu.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O FOLIÃO BENEDITO

Benedito Pereira de Souza, 78 anos, (Alferes) irmão do Santana

Data: 05/01/19

Autalmente os dois irmãos moram em Jaraguá e vêm todo ano para Uruceres para participar da folia.

ROSANA: O senhor é o alferes da folia esse ano?

BENEDITO: Sim, alferes.

ROSANA: Qual é a função do alferes?

BENEDITO: A função do alferes é, na hora da cantoria, tem que estar no altar, estar junto, tem que estar carregando a bandeira. Mas aqui a gente quase não carrega a bandeira porque todo ano tem um cumprindo uma promessa e carregando a bandeira. Aí eu sou assim, as vezes estou meio mole, mas na hora necessária eu estoulá.

ROSANA: E o senhor acompanha a folia desde pequeno?

BENEDITO: Desde pequeno.

ROSANA: O senhor toca algum instrumento?

BENEDITO: Toco não, venho só pra comer mesmo. Eu ajudo, acompanho todo ano, já tem uns quarenta anos que eu sou regente na folia. Meu pai era regente, aí ele morreu e antes dele morrer ele falou pra mim, ó meu filho eu nãoestou aguentando mais e você vai entrar no meu lugar.

ROSANA: E o senhor vem todo ano?

BENEDITO: Todo ano, a festa que eu venho é nessa aqui e na do Monte Castelo só.

ROSANA: Vocês já deram muito pouso de folia também?

BENEDITO: Demais da conta, todo ano no tempo do papai nós dávamos pouso de folia.

ROSANA: Era muito diferente de antigamente e de hoje?

BENEDITO: A educação era mais diferente. Hoje o povo não tem educação, o povo não espera. De primeiro eram os foliões primeiro. Tem uma coisa, eu e o Santana

éramos “cantadoresretidos”, depois passou pro Geraldo, o Santana saiu, o Geraldo entrou. Nós nãoíamos na mesa não, ficávamos sentados lá do lado e na hora de comer um ia lá arrumava um pratinho e levava pra nós. O respeito era outro!

SANTANA: O papai estendia cama pra nós quando a gente estava pequeno debaixo do altar.

ROSANA: Vocês dormiam debaixo do altar?

SANTANA: Nós dormíamos debaixo do altar, né Dito? Debaixo do altar... acampava igual o pessoal acampa aqui.

ROSANA: Dormia onde dormia a bandeira?

SANTANA: É, dormia onde dormia a bandeira. A hora que a bandeira chegava, dormia no pouso, papai estendia a caminha pra nós. Naquele tempo girava tudo a cavalo, punha um “bacherinho” lá no chão, travesseiro, Deus me livre, cobria nós com uma cobertinha e largava lá, dormia lá...

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O FOLIÃO SANTANA

Joaquim Santana, 80 anos (embaixador)

Data: 05/01/19

O senhor Benedito Pereira de Souza, de 78 anos, (alferes) irmão do Santana também participou da entrevista. Autalmente os dois irmãos moram em Jaraguá e vêm todo ano para Uruceres para participar da folia.

ROSANA: Senhor Santana, o senhor tem quantos anos de folia?

SANTANA: Eu tenho 72 anos de folia. Eu entrei na folia com 8 anos, nunca falhei um ano também, todo ano eu venho pra folia. No começo, eu comecei na folia de Monte Castelo, lá, aí nós passamos pra essa daqui e nunca mais deixamos.

ROSANA: Quem começou essa folia aqui de Uruceres?

SANTANA: Aqui, ô minha filha, eu entrei nela com 8 anos, quem tirou ela naquele tempo foi o velho Adriano, seu Adriano, é meu tio, aí eu entrei nela cantando.

ROSANA: Já tinha um tempo que tinha ela?

SANTANA: Tinha, mas não tinha muito tempo não, essa folia aqui não tem mais de oitenta, oitenta e poucos anos.

ROSANA: A folia do Monte Castelo é mais antiga?

SANTANA: Mais velha, a do Monte Castelo tá com oitenta e nove anos este ano.

ROSANA: O senhor é embaixador na folia?

SANTANA: Daquele tempo pra cá eu comecei a cantar, menino. Fazia a terceira voz, eu, esse aqui também (o senhor Benedito, que estava do nosso lado). Aí o Alexandre, avô do Wemerson, que morava aqui, ó, era embaixador bom demais, aí chamou nós, foi lá em casa do papai, falou: “Martins vamos ajudar eu a tirar uma folia três anos”. Aí o papai falou, vou Alexandre, eu vou. O papai era alferes lá e passou pra cá. Aí nós viemos e nunca mais saímos dessa folia, nós não.

ROSANA: A família toda segue todo ano?

SANTANA: Todo ano. Aí a gente foi crescendo, aí eu já passei até a cantar até moda de viola, que eu canto.

ROSANA: E o senhor toca também? Qual instrumento o senhor toca?

SANTANA: Toco viola, minha viola está até dentro do carro ali. Aí nós passamos pra cá e nunca saímos, dessa folia aqui ó. Aí fui crescendo, interei uns 15 anos comecei a cantar moda de viola, e aí comecei também, aprendi embaixar folia e vim cantando até hoje. Aqui é capais que você vai escutar nós cantando, vai ter moda de viola, vai cantar no altar.

ROSANA: E o que que é a folia para o senhor?

SANTANA: Uai, minha filha, pra mim, folia pra mim é a festa do Divino Pai Eterno no Monte Castelo. De Trindade eu não vou, não dou conta. Eu pra mim abaixo da festa do Divino Pai Eterno, pra nós é a folia de Reis. Quando passa a festa lá, nós já estamos pensando na folia de cá.

ROSANA: O senhor acompanha lá, a festa de Monte Castelo? Que é em agosto?

SANTANA: Direto, até este ano é meu filho que vai fazer festa lá. Aí nós já estamos pensando na folia de lá.

ROSANA: Já começa a organizar a folia?

SANTANA: A organizar, recordar umas moda e pensar na folia. Depois da festa de Monte Castelo. Aí a gente até hoje, eu tenho mais de 70 anos que eu giro na folia e peço a Deus e o santo Reis pra mim ver se eu dou conta de girar mais uns vinte anos, mas capais que não chega lá.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O FOLIÃO MARTINS PEREIRA NETO

O Martins Pereira Neto tem 54 anos, é neto do Martins Pereira, um dos fundadores da folia de Uruceres

Data: 05/01/19

ROSANA: Então seu avô foi um dos fundadores da folia dos Martins Pereira?

MARTINS: Era um dos fundadores, na época.

ROSANA: Você sabe mais ou menos qual época que começou a folia?

MARTINS: No momento assim não estou lembrado, mas acho que dá uns setenta ou oitenta anos. Naquele tempo que eles giravam, sempre meu pai falava, quando eles giravam eles tinha um cara pra carregar a roupa deles. Roupa de cama, roupa de vestir, tinha um cara pra carregar, um cargueiro no caso.

ROSANA: É porque eles giravam a cavalo?

MARTINS: É, eles giravam a cavalo. Só porque o cara pegava, aí tinha um pouso aqui hoje e ia pra outro pouso tinha um cara pra levar as roupas. Só ia com a roupa do corpo ali, e tinha outro esperando lá, pra eles dormir e tal, pra poder tomar banho no dia, eles levavam. Sempre chovia muito naquela época, chovia bastante aqui.

ROSANA: E a folia sempre foi nesse período, do dia 31 ao dia 06?

MARTINS: É, a nossa folia sempre foi, teve vez que já saiu dia 30. Você lembra?

Mas na época do meu avô, meu pai fala, tinha folia de um mês, no caso, um mês. Mas só porque na época que eu comecei, estava com uns 12 anos, 13 anos já era assim dia 30 ou dia 31 saía e ia até dia 06.

ROSANA: Você nasceu aqui na região, em Uruceres e está morando onde hoje?

MARTINS: Sim. Hoje eu moro no Mato Grosso, Guarantã do Norte.

ROSANA: Tem muitos anos já?

MARTINS: Mudei pra lá em 1992.

ROSANA: E todo ano você vem pra folia?

MARTINS: Todo ano, nunca falhei um ano, não tenho intenção de falhar também não, é obrigação.

ROSANA: Você começou a girar com seu pai. Você já fez algum voto?

MARTINS: Não. É promessa por causa do meu filho que adoeceu. Minha mulher fez, minha menina fez, eu também faço minhas promessas pra Santos Reis ajudar que dá tudo certo.

ROSANA: E qual a sua função na folia?

MARTINS: Eu na folia sou o seguinte, eu, tanto faz, eu tirar a música ou responder a música, é a mesma função minha. O que o Wemerson faz ou faço também, eu sou embaixador. O que for preciso eu faço.

ROSANA: Você toca instrumentos também?

MARTINS: Toco viola. Se tiver que cantar de cá ou de lá eu canto, igual ao Wemerson. Ele aprendeu com o avô dele, eu aprendi com o avô dele também, mas ele é mais novo, pessoa mais nova é mais fácil de aprender as coisas.

ROSANA: E você dança catira também?

MARTINS: Danço. Umas modas de viola canto também.

ROSANA: A sua menina participou de um grupo de catira? Quanto tempo durou o grupo?

MARTINS: Sim, elas ficaram uns quatro anos, o grupo delas. Até hoje se for preciso ela bater catira ela bate aí com as meninas que estão aqui. Só que elas casaram tudo, as vezes os maridos não gostam.

ROSANA: Qual a diferença da folia de antigamente para a folia de hoje?

MARTINS: Eu acho o seguinte, tem muita diferença. A diferença que eu acho é que não tem os mais velhos mais junto. Meu tio João morreu, meu avô, Lino. No tempo do meu avô eu cantei, já cantei com meu avô já, só que eu não lembro dele girar. Lembro

dele, cantei pra ele, mais meu tio Alexandre. Meu tio Alexandre foi uma pessoa que me ensinou, que cativou muito. O tio Marcelo também, mas o tio Alexandre que deu mais apoio pra mim para eu aprender as coisas, na música. Me ensinou, sempre cantei com ele, cantava com ele, eu não tinha medo de chegar em qualquer lugar pra cantar, não tinha medo, não tinha. Cantei em Brasília com ele.

ROSANA: E como ele te ensinava? Ele sentava com você?

MARTINS: No caso, ele escreveu pra mim. Foi conversando, lendo e entendendo e fui aprendendo mais cantando. Que no verso da folia é o seguinte, as vezes você tem que fazer verso da sua cabeça, não é o que você sabe lernão, conforme muda você tem que cantar da sua cabeça, tem que mudar. As vezes se está pedindo esmola ou se chega num altar e tem alguma coisa diferente e você tem que fazer diferente, num arco no caso.

ROSANA: Porque que vocês usam o arco aqui? Tem algumas folias que não tem o arco, a folia de Uruceres tem em toda casa.

MARTINS: Essa questão do arco vem a muito tempo. Essa tradição aí, eu acho que é um louvor a santos Reis, eu acho, um presente pra ele, a gente chega e canta. Toda casa tem o arco e o presépio, talvez tem o cruzeiro, mas eu acho que não é certo o cruzeiro, porque é nascimento. E cruzeiro representa a morte. Na do Divino Espírito Santo tem cruzeiro, mas no nascimento de Jesus não tem cruzeiro, não tem cruz, é nascimento. Eu já cantei muito, já cantei muito aqui, aqui não, eu cantei no Amadeus.

ROSANA: Quando tem cruzeiro tem verso específico pra ele?

MARTINS: Tem. Lá em Pirenópolis eu cantei na folia de Pirenópolis, lá é a folia do Espírito Santo e tem cruzeiro, é um outro seguimento. Mas na folia de Reis eu não discordo, mas concordo também, é nascimento.

ROSANA: Além da folia de Uruceres você participa de outras folias também?

MARTINS: Quando eu morava aqui eu participava. Até em Pirenópolis eu já fui, umas quatro ou cinco vezes eu acho. Na folia do Divino Espírito Santo é diferente, mas a música é a mesma só muda o santo. É uma folia diferente, tem foguete, a gente chega de dia. Eles fazem umas luminárias, hoje põe vela, antigamente era candeeiro. A gente chega cantando, tem o arco, na porta tem outro arco, tem o presente pra você cantar pra ele. Tipo de uma brincadeira, cada região tem uma forma. Tem o alferes

pra cantar pra ele, tem o cruzeiro e depois entra para dentro da casa e canta na chegada.

Lá em Mato Grosso eu tirei umas quatro folias. Eu estava perto da comunidade lá e chegou um moreno perguntando quem é o Martim aqui? Eu fiquei até assustado, porque... mas disse sou eu. Aí ele falou: é porque minha mãe fez um voto e ela não quer morrer com esse voto, sem pagar esse voto, então eu vou tirar uma folia. Então eu disse, mas é difícil porque meus companheiros moram tudo em Goiás, eu disse pra ele, mas ele falou, mas me ajuda. Então eu disse: eu vou tentar. Aí tem mais dois irmãos meu lá, que cantam também, assim ajuda a cantar. Aí tinha uns caras aqui do Goiás também, de Iporá, que eram foliões também, aí a gente juntou lá e fez um grupinho. O Chico levantou a bandeira e girou dois dias e encerrou a folia. Foi legal, aí no outro ano já começou, “nós queremos esse ano de novo”, o pessoal aumentou mais, foi quatro dias, Quatro folias eu tirei.

ROSANA: Mais a folia de lá é igual a daqui? Tinha os pousos?

MARTINS: Tinha as mesmas coisas, igualzinho. Chegava cedo, de madrugada, tinha o pousa, a comida, o giro, tinha almoço e janta.

ROSANA: O Julião que é o seu pai? Qual o nome completo dele?

MARTINS: Julião Pereira de Sousa

ROSANA: Ele também é folião?

MARTINS: Ele cantava quando era menino. Ele fazia requinta. Sempre folião, ele não canta mais, mas entende tudo da folia, se cantar o verso errado ele sabe que cantou. Ele tem tudo na cabeça.

ROSANA: Mas ele ainda acompanha?

MARTINS: Acompanha, sempre acompanhou.

ROSANA: Além do que você me falou que falta os antigos, o que mais que tem de diferente hoje na folia?

MARTINS: Eu acho que é um pouco a educação o povo. Não conformo com o tipo do povo, esse ano tá até mais ou menos, tá bom, mas o povo tá meio... Antigamente, quando eu comecei a girar, você chegava numa casa dessa aqui não escutava

barulho de nada. Se nós chegássemos aqui, nós parávamos lá naquela porteira lá, descia a pé, de vagarzinho, afinadinho, só a música. A dona da casa acordava com a música da folia. Hoje se bestá o cara entra dentro da casa antes dela levantar. Isso não sei se é a criação de hoje, sei lá o quê, eu acho diferente isso aí, eu sinto mal por isso aí. Por que meu avô foi gerente de folia e se o cara fizesse bagunça ele mandava embora. Ele punha ordem, não tinha lugar de bagunça, depois que chegasse, tudo bem podia brincar e tal. Não tinha bagunça no giro. Pra chegar na casa tinha que ter silêncio pro cara acordar com a música. A fé do povo era acordar com a música.

Hoje tem pouso que você chega lá e tem som ligado, sonzão doido aí, ninguém merece isso aí. Não sei porque a criação mudou muito, e você não pode chamar a atenção de ninguém. Se eu pudesse eu mudaria muita coisa no giro, mesmo se contrariasse alguma pessoa, podia contrariar, mas eu ia fazer do meu jeito, do jeito que era. No pouso tá bem, tá legal, tem janta, tem cantoria, a mesma coisa, bom demais, mais sobre o giro se fosse por mim eu mudava muita coisa no giro.

ROSANA: O que eu percebi esse ano é que está tendo pouca casa pra girar a folia...

MARTINS: Pouca, as vezes o povo fica até meio com medo. Chega lá aquela bagunça, ao invés de agradar o cara vai ficar até contrariado. Chega na casa, aquele barulhão doido lá, e se não vai escutara música, ele fica contrariado, não é verdade? Mas eu tinha vontade de mudar esse lado aí, se um dia eu chegar a dar minha opinião...

ROSANA: E o que você faria se pudesse dar sua opinião?

MARTINS: Eu não ia impedir ninguém de girar. Podia girar, muita gente gira, é uma folia grande, tem que ter educação e respeito. O que eu queria fazer: arrumar um carro suficiente que coubesse a música no carro ou dois carros ou três. Aí vai ficar todo mundo aqui, só a música, vai vir só a música cantar na lá porta, depois que terminasse de cantar podia vir, mas com respeito, sem barulho, só o barulho do carro. Essa é minha opinião.

ROSANA: Pra terminar, quando a gente fala em folia, se você fosse explicar a folia pra alguém o que vocêalaria? O que é a folia pra você, o que ela representa?

MARTINS: Vou falar um negócio pra você, a folia representa muita coisa pra mim, primeiro a fé que eu tenho em Santos Reis, e lá você tem muito amigo, muita pessoa

que você não via. Você passa o ano inteiro sem ver aquela pessoa, e fica conhecendo outras pessoas também. Também eu gosto de ver as pessoas antigas, ainda tem muita gente antiga ainda. Tem muitas pessoas mais velhas que eu que eu tinha vontade de ver e vi. Eu fico um ano isolado pra lá, só com a família. O pessoal daqui em não vejo. Um ano que eu não vejo, é um tipo de matar a saudade, reviver o nascimento de Jesus e matar a saudade dos companheiros.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O FOLIÃO SORÓ

Nome: Ornelino Ferreira de Aquino (Soró), 54 anos, mora em Uruceres

Data: 03/01/2019

ROSANA: Como você começou a participar da folia?

SORÓ: Eu não tocava sanfona, batia um pandeiro, caixa e depois quando a folia dos Lopes acabou. Mas bem antes dela acabar eu passei pra essa daqui. Eu aprendi tocar sanfona, assim a gente tem que ter esforço e tem que ter um dom praquilo também. Toda vida eu gostava de folia. O sonho era aprender tocar sanfona, aí o João da Arieta, que faleceu era sanfoneiro dessa folia dos Martins. Ele que me deu umas explicações, danava comigo, foi me ensinando e eu fui aprendendo, aprendendo e tô até hoje, graças a Deus.

ROSANA: Desde pequeno?

SORÓ: Desde a idade de 8 anos eu acompanho a folia. Minha função é sanfoneiro na folia. Se precisar ajudar assim a cantar, se não tiver outro eu canto também, ajudo cantar, bato zabumba, caixa, pandeiro.

ROSANA: Você toca todos os instrumentos?

SORÓ: Só instrumento de corda que não. Violão, viola não toco não. Sanfona, pandeiro, caixa, triângulo, tudo eu faço um pouco.

ROSANA: O que é a folia para o senhor? Como o senhor explica?

SORÓ: Folia pra mim, eu acho que é devoção, é a mesma coisa de uma igreja, uma devoção. Tem a devoção e a ... como é que fala... é a devoção e a tradição. A tradição

e devoção, pra mim é a mesma coisa que uma religião. Eu considero como uma religião.

ROSANA: Além dessa folia o senhor participa de mais alguma?

SORÓ: Todo ano no mês de maio eu vou numa folia de Pirenópolis. Ajudo a tocar na folia de Pirenópolis. Outra toada que eu aprendi. Julho eu vou na folia de Cirilândia, ela sai lá da Vila Propício e a entrega dela é lá em Cirilândia. Já tem uns 20 anos que eu vou nessa folia de Cirilândia, ela é folia temporona, no mês de julho. São nove pousos, eu fico até o fim. Aí tem a folia do Saraiva, do Divino Banha, são cinco dias, cinco ou seis dias, no mês de setembro. Eu participo dela. Lá em Anápolis tem a folia de três dias, a folia do Corró, ela é três dias, esse ano quem tirou ela foi o genro do filho do Geraldo Biriba lá de Uruceres, ele mora lá em Rianápolis. Todo ano tem essa foliinha também em dezembro. Ela saiu dia 13 de dezembro e retornou dia 15, ela fica três dias. E aí participar assim dessas folias assim, sem compromisso, são muitas que eu vou. Dia 15 mesmo eu vou lá na Uruíta, a dona Negrinha vai dá um pouso lá. Aí eu vou com o Tião Barbosa tocar uns forrozinhos lá, ajudo a bater pandeiro na folia deles também. A folia deles lá é mineira, é outro ritmo, mas eu participo. Conheço os foliões tudo, todo mundo é amigo meu, nessa folia mineira de Uruana. O ano inteiro eu vou em folia.

ROSANA: Tem muita diferença dessa folia de lá e de cá?

SORÓ: Tem, tem diferença, porque essa aqui dois tiram e dois respondem. E lá são sete vozes, tem que fazer as sete vozes, tem primeira, segunda, terceira, quarta, até a sétima, o ritmo é outro.

ROSANA: Essa aqui eles chamam de folia goiana?

SORÓ: Folia goiana, a outra é mineira. Essa aqui é goiana, a outra é mineira. Aqui é a folia goiana aqui só tem essa nossa e a do Monte Castelo que eu conheço. As outras tudo é folia mineira, na região de Ceres, Rialma, Jardim Paulista, Rubiataba, Itaguaru. Em Itaguaru tem uma folia famosa demais da conta, folia mineira, a maioria é folia mineira. Eu conheço muitos foliões por aí da folia mineira, tudo amigo meu.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM AS INTEGRANTES DO EXTINTO GRUPO DE CATIRA FEMININO DE URUCERES

Data: 06.01.2019

Integrantes:

Taiane Alves Pereira (filha do Martins Pereira)

Daniele Aparecida Parreira (filha do Valdemar Parreira)

Ana Paula Machado Parreira (filha do Valdemar Parreira)

Ângela Pereira Matos (filha do Ângelo)

Juliana Parreira (filha do Valdemar parreira)

ROSANA: Quantas meninas faziam parte de grupo de catira?

TAIANE: Éramos seis – tem a Laís também que era uma menina de Uruana

ROSANA: Vocês moram onde hoje?

A gente mora aqui em Uruceres (a Ana Paula, a Ângela e a Juliana) a Daniele mora em Jaraguá e a Taiane mora no Mato Grosso, a Laís mora na Bahia.

ROSANA: Por quanto tempo o grupo dançou? Vocês lembram?

Por três anos, nós dançamos, nós apresentamos.

ROSANA: Vocês apresentavam só nessa folia ou em outras folias também?

A gente foi convidada a participar de Nova Glória, que era um Encontro de Folias que tinha do município, participamos de lá por dois anos, em Nova Glória.

ROSANA: Quem treinou vocês?

O Wemerson, o neto do senhor Alexandre, ele foi nosso professor.

ROSANA: Então ele dança catira também?

Dança e muito, ele é mestre na catira, na verdade acho que ele sabe fazer tudo. Ele canta, ele dança, ele coordena, é de tudo um pouco.

ROSANA: Essa ideia surgiu de quem? De montar o grupo?

Do Dedé, o Dedé que disse “essas meninas tá bom de dançar um catira”. Aí a gente pegou a ideia e foi. Na verdade, a gente acompanhava a folia, desde pequena todo mundo acompanhava a folia. Aí o tio Dedé teve a ideia da gente dançar catira e o Wemerson treinou a gente.

ROSANA: Vocês só ensaiavam perto da época da folia ou vocês conseguiam se reunir antes?

Só, era porque a Taiane era do Mato Grosso. Então assim, ela só vinha na época da folia e a gente se reunia na época da folia e treinava. E também catira é uma coisa assim, aprendeu nunca mais esquece. A gente só ensaiava com uns 15 minutos antes de apresentar os passos. Só dava uma passadinha, meio de leve, rola a adrenalina.

E assim, nosso grupo ganhou um nome, que era as Catireiras de Santos Reis, quem deu o nome foi o tio Alexandre, ele também era padrinho do nosso grupo, junto com o tio Valdemar também. Aí um dia num pouso que teve, eu não lembro qual era, qual o pouso que era, mais aí foi nosso batismo, o batismo do grupo. E aí depois desse dia nós ficamos uns dois anos, a gente continuou batendo catira e aí depois foram namorando, casando, tendo filho. Aí a Taiane já não veio no outro ano e dificultou, foi dificultando e aí a Ângela viajou... mas assim, mesmo assim a gente dançava mais que os homens.

Acho que foi em 2014 nosso último ano, a última catira. Na verdade, a sensação que a gente tem é que os homens nem fazem tanta questão. Porque assim, a gente gostava, na verdade a gente gostava muito de apresentar.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O FOLIÃO DEDÉ (ALAOR PARREIRA)

O Dedé Parreira, (Alaor Machado Parreira), de 77 anos nasceu e mora em Uruceres

Data: 05/01/2020

ROSANA: Quantos anos o senhor tem de folia?

DEDÉ: No mínimo uns setenta anos de folia.

ROSANA: De qual grupo?

DEDÉ: Dos Martins Pereira, da tradicional folia de Uruceres.

ROSANA: Quais funções o senhor já desempenhou na folia?

DEDÉ: Eu danço catira, canto uma moda de viola e vou mais pra comer na folia, eu toco viola também.

ROSANA: Qual a diferença da folia de hoje pra folia de antigamente?

DEDÉ: Tem bastante diferença. As coisas mudaram muito, antigamente na folia de Reis tinha mais respeito, tinha os regentes mais preparados, mais velhos, e o povo respeitava eles. Mas hoje se defende a mudança dos tempos. Naquele tempo também não tinha cerveja, era só uma pinguinha. Hoje não, a cerveja acaba com o ritmo da folia, é um tal de latinha, até que acaba com aquela demora muito as coisas. Eu sou contra esse negócio de latinha na folia. Mas o que a gente pode fazer, o povo aumentou e a gente tem que pegar o ritmo.

ROSANA: E como é ensinar para essa geração nova a catira?

DEDÉ: Olha eu tenho lá em casa o livro das músicas dos santos Reis, eu tenho tirado cópia pra muitos foliões. Esses foliões novos que estão cantando aí, tudo eu que dei cópia para eles para eles aprender a cantar a música da folia, e graças a Deus eu fico satisfeito com isso.

ROSANA: São aqueles cadernos de versos?

DEDÉ: É, eu fico satisfeito porque nós estamos ensinando a juventude a manter a tradição e preparar para a folia.

ROSANA: Teve um período que o senhor incentivou as meninas a dançar carita....

DEDÉ: É, eu tinha minhas sobrinhas, aí eu e um rapaz de Anápolis que era muito dedicado a isso, bom de viola demais, aí nós juntamos as meninas pra ensinar o catira, aí ficou um sucesso. Mas aí as meninas casaram tudo e sabe como é os maridos no meio... Aí acabou aquele grupo de catira. E os homens, tem uma rapaziadinha que dança catira, não é bom igual as meninas não, mas dança.

O caderno de verso é chamado de linha da folia de Reis. Foi tirada pelo seu Alexandre Lemes, folião velho. Então ele fez o caderno de linha da folia pra ensinar os mais novos, ela começa no levantamento da bandeira, tirar esmola, cantar no presépio, agradecer o pouso e vai até no final.

ROSANA: Além dessa folia de Uruceres, o senhor participa de outras?

DEDÉ: Olha, ultimamente eu só tenho participado dessa, as vezes eu vou lá em Pirenópolis, mas lá é folia do Divino Espírito Santo. Folia de Reis é só essa mesmo, todo ano a gente fica preparando pra ir nessa folia.

ROSANA: O que é a folia para o senhor?

DEDÉ: A folia pra mim é a mesma coisa de uma religião, a gente tem fé nos três Reis do Oriente. Parece que a gente faz aquele pedido pros três Reis do Oriente pra que a gente fique sadio pra ir pra folia, pra não adoecer. A gente pede “oh Três Reis do Oriente me ajuda nesse ponto”, e parece que não sei se é a fé que remove a montanha, a gente acredita que ele ajuda a gente.

Eu estava conversando com uma mulher lá em Uruceres, ela fez um voto pra Santos Reis pra conseguir aposentar. Ela não estava conseguindo aposentar, então ela fez um voto pra Santos Reis que se ela aposentasse ela daria um pouso de folia. Aí ela pediu para eu falar com o pessoal da folia que ela queria dar um pouso e eu falei: “pode deixar Aparecida, que nós vamos te ajudar a cumprir seu voto”, porque hoje é muito caro dar um pouso de folia.

Nós estamos planejando fazer uma reunião pra nós fazermos os pousos só com o almoço pra não ter janta porque as cozinheiras não estão aguentando mais trabalhar o dia inteiro. Sendo só o almoço, vai comendo o dia inteiro até às quatro horas da tarde, agradece o pouso e seis horas da tarde a folia sai pro giro. Porque essa folia nossa tá com um defeito, ela não tá girando, ela fica no pouso até meia noite, a folia de Reis escureceu tem que sair pro giro. No tempo do meu pai ele dava pouso de folia, mas quatro horas da tarde a janta estava na mesa, dava seis horas da tarde ele falava: ó vocês vão embora, folia de Reis de noite é no giro, não é no pouso não. Mas a juventude de hoje quer farra, vai mudando, mas judia com os foliões porque fica a noite inteira pra girar e fica até de manhã no outro dia e não tem jeito deles dormir e cansa demais. Se a gente preparar para ser só o almoço, pode comer o dia inteiro e sair mais cedo. O pessoal fica reclamando: você não passou lá em casa, a folia não passou lá, aí eu falo, não sou eu, é a organização da folia que não tá bem organizada, então tem que organizar. Se quiser agradar todo mundo tem que organizar isso aí. Muita gente fica esperando, já prepara um cafezinho, uns biscoitos e a folia não passa e perde tudo. Então a gente fica com vergonha e eles acham que a gente é o culpado

porque não passou lá, mas não é. Atualmente a janta não sai antes das nove horas da noite, aí quando a folia vai sair de lá é mais de onze horas... então tem que organizar...

ROSANA: Quanto tempo tem esse grupo de folia?

DEDÉ: Olha, essa folia nossa aqui ela tem mais de cem anos porque ela foi formada pelo velho Martins Pereira, o Antônio Matias lá do Cruzeiro. Essa folia deve ter uns 110 ou 120 anos porque eu era menino e meu pai já dava pouso de folia, meu pai morreu com 90 anos. Ela começou no Cruzeiro e depois que veio pra cá. Ela começou lá no Cruzeiro e depois foi lá pros Lemes e pra fazenda Sucuri. Antigamente ela girava pra lá, agora hoje que ela está estendendo mais pra cá pro município de Jaraguá.

ROSANA: Além daquele grupo feminino de catira alguma outra mulher já participou da folia cantando ou elas ficam mais na organização e na cozinha?

DEDÉ: Tem uma mulher que as vezes ajuda a cantar também, mas elas ficam mais é na organização mesmo. Essa folia nossa, os foliões mesmo são os homens. Num dos pousos desse ano as meninas do Wemerson agradeceram a mesa, eu achei bonito demais, vai incentivando...

O mais importante da folia é ter fé em Santos Reis e organizar a folia direitinho pra agradar todo mundo. Graças a Deus na folia nossa nunca teve uma “desavença”, nunca brigaram. A gente vê muita folia por aí onde a cachaça é demais e começa a brigar, a gente pede a Deus pra não ter nenhuma confusão e o grupo continuar com a folia.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O FOLIÃO FERNANDO PARREIRA PINTO

O Fernando mora em Anápolis e tem 39 anos

Data: 05/01/2020

ROSANA: A quanto tempo você participa da folia?

FERNANDO: 39 anos (risos) desde novinho eu vou pra folia (primeiros meses de vida). Meus avós eram foliões, meus pais não chegaram a ser foliões mas deram

muitos pousos de folia. Meus avós são: Sebastião Apolinário e Nem Parreira, meu bisavô era o Zeca Parreira, um dos fundadores da folia da família Parreira junto com meu tio Diolindo Parreira, pai do Dedé Parreira. Meu pai já deu muito pouso, já tirou folia por três anos, mas não cantava nem tocava instrumentos.

ROSANA: E você?

FERNANDO: Eu comecei tocando caixa ainda pequeno, toquei caixa por muitos anos, aí depois aprendi a cantar, aí com certa idade eu já comecei a organizar, tirar folia, dar pouso, aí já mudou um pouco mais porque tinha outras obrigações. Até hoje ainda canto, eu fiquei na coordenação por vinte anos. Eu tinha umas ideias de melhorar a folia, até de modernizar um pouco também porque assim, no começo era muito difícil, quase ninguém tinha carro. Há 20 anos, 25 anos atrás era muita dificuldade, a gente usava um caminhão que era do Dedé, onde ele fazia todo o transporte das pessoas. Eu mesmo girei muitas vezes de caminhão porque a gente não tinha carro. O Dedé lonava o caminhão, colocava banco no caminhão e a gente ia, girava trinta, quarenta pessoas dentro do caminhão. A gente dormia em rede, e aí foi modernizando, as pessoas foram crescendo, foi melhorando. As pessoas passaram a ter carro, aí foi melhorando, no começo foi muito difícil, então eu tinha essa ideia de melhorar, organizar mais a folia.

Hoje tem a questão de custo da folia, hoje já melhorou porque as pessoas ajudam muito, tem muita doação, porque não é fácil dar um pouso de folia. Quando você fala em pouso de folia você tem que refletir sobre o gasto, as vezes na sua casa você tem muita coisa pra arrumar, porque a gente é assim, a gente não arruma a casa da gente, mas quando vai visita a gente organiza a casa porque vai receber visita. Então quando é um pouso de folia a gente também organiza a casa, então você não gasta só com alimentação, com a ornamentação da folia, gasta também com a sua casa. Hoje nós estamos num pouso que o cara reformou a casa também pra folia, pra dar o pouso.

A gente tentou ganhar essa tenda, até já ganhamos várias vezes, tanto a prefeitura de Jaraguá quanto a prefeitura de Uruana não tem interesse. Só tem interesse quando é benefício pra eles, quando é véspera de política aí eles querem ajudar. Tem uma verba da prefeitura que é pra cultura, mas eles não interessam em doar um pouco dessa verba pra gente todos os anos. Só doam quando tem interesse, por exemplo esse ano a Câmara de Vereadores que doou as tendas, os vereadores Nei Canela e

o João Nicolau doaram as tendas, mas por interesse político. Ano passado foi a prefeitura de Uruana que doou as tendas.

A gente sempre tenta conseguir uma verba. O Hamilton Carneiro propôs doar uma verba da Secretaria de Cultura do Governo pra gente e eu arrumei a empresa que doaria o ICMS pra gente. Mas como a gente não tinha a documentação toda e o pessoal não quis arcar com o valor pra arrumar a documentação que ficava dez mil reais e não houve interesse do grupo a gente perdeu. A gente poderia estar recebendo uma verba de trinta ou quarenta mil todo ano pra folia. Mas pra isso a gente tem que ter uma sede, CNPJ, tem vistoria do governo, tem vistoria das empresas doadoras, corpo de bombeiro e toda a documentação que precisa pra legalizar. Como na época eu não podia arcar com tudo sozinho e a gente não tinha verba... mas assim, pode ser um projeto pro futuro ainda...

ROSANA: E o Conselho, foi você quem fundou?

FERNANDO: É eu fundei o conselho baseado no conselho da Diocese de Anápolis, eu participei muito tempo do Conselho, então eu fundei no sistema da Diocese. Até então o Conselho foi fundado pra serem divididas as tarefas, ter os responsáveis por cada área e também pra fazer a transparência. A gente tem um tesoureiro, um vice tesoureiro, um coordenador, porque onde se mexe com dinheiro é complicado, as pessoas ficam com aquela dúvida, será que gastou tudo que arrecadou? Uns tem uma visão que se arrecada muito, outros acham que não se arrecada nada. Então o Conselho surgiu pra dar mais transparência, onde três pessoas assinam pela conta e tudo que se tem que comprar e gastar seria discutido entre as 12 pessoas. O Conselho deu uma baqueada porque algumas pessoas tem uma resistência em relação ao Conselho. O Conselho tem quatro anos, mas agora o próximo folião de 2021 quer voltar com essa equipe organizadora pra que seja feita toda a organização com a discussão da comissão e fazer aquilo que a comissão concordar, até pra acabar um pouco com a fofoca, a intriga.

ROSANA: E como é a parte de divulgação da folia?

FERNANDO: Então, a questão da divulgação começou assim: em comecei a fazer divulgação porque eu estive no Conselho da Paróquia São Sebastião em Anápolis por 12 anos. Como lá a gente tem muitas parcerias, muitas empresas que gostam de ajudar, a gente começou com a Isoeste que é do meu compadre, na época eles

pagavam toda a divulgação pra mim da folia. Nós fazíamos cartaz e camisas. Depois as pessoas foram vendo e também quiseram ajudar, porque hoje a gente faz a folhinha, antigamente a gente só fazia o cartaz. De uns cinco ou seis anos pra cá a gente começou a fazer a folhinha porque a pessoa fica com a folhinha o ano inteiro na casa dela e o patrocinador fica exposto lá fazendo sua propaganda o ano inteiro. Aí a gente começou a arrumar muitos parceiros, hoje a gente tem tantos parceiros que não cabe na folhinha, a gente procura ficar com aqueles mais tradicionais, que todo ano ajuda. Tem empresas que ajudam todo ano, tem empresas que são parceiras desde as primeiras folhinhas. Hoje as parcerias aumentaram muito porque as pessoas querem divulgar o seu nome, a sua empresa lá. Perceberam que é uma coisa séria e que a gente faz duas mil folhinhas que são espalhadas em várias regiões (Anápolis, Jaraguá, Uruana, Uruceres, Rianápolis, Goiânia, Mato Grosso). De onde o povo vem eles levam a folhinha, a gente tem uma cota fixa de cem reais, a pessoa pode dar mais, mas o mínimo é cem reais, quem dá quinhentos reais tá na cota e fica mais pra cima.

ROSANA: Vocês têm esse material? Esses cartazes antigos?

FERNANDO: Alguns eu tenho, eu fiz uns descartes, mas alguns eu tenho. O primeiro cartaz que eu fiz foi em 1998. Tem também os lenços, tem muito lenço guardado. Tem 10 anos que a gente faz o material na mesma gráfica.

ROSANA: E o caderno de versos?

FERNANDO: Então, eu perdi minha cópia, mas eu vou conversar com o Dalvino para ver se eu consigo o dele. O Dedé também perdeu o dele. Eu tenho o caderno de versos que o Wemerson escreveu de A a Z da folia, de onde a folia sai até pra onde ela retorna. A gente tem todos os imprevistos, tem todo um histórico. O encontro de bandeiras antigamente, se fazia um desafio de encontro de bandeiras. Tinha duas folias na mesma região, elas se encontravam e faziam como nas cavalhadas onde os mouros e os cristãos se enfrentavam pra ver quem ganhava a batalha. Aqui na região por muito tempo teve duas folias que eram rivais, a dos Lopes e a dos Martins. Quem era dos Martins não ia na folia dos Lopes e vice-versa. Hoje a folia é uma só e tem muita gente dos Lopes que está aqui. Muitos foliões do grupo dos Lopes morreram e o grupo acabou e muitos foliões vieram pra cá como o Ademar.

ROSANA: E como você pensa na folia pro futuro?

FERNANDO: Eu penso numa folia organizada, numa folia com união, com participação, onde ninguém se prejudique pra dar um pouso de folia, que ninguém se descontele pra dar um pouso de folia. Hoje a gente tem muita ajuda, as vezes a gente tem que dispensar ajuda e deixar pro outro ano. Quando a gente faz uma folia com doação, com ajuda nunca vai faltar pouso, as pessoas vão ter o prazer em fazer, porque muita gente tem vontade, tem disponibilidade, tem prazer, mas não tem condições financeiras porque o gasto é muito alto. Então se a gente faz uma folia com muita doação como é hoje a gente vai ter folia pra muitos anos, pros nossos filhos, pros nossos netos. Porque vai chegar um tempo que a gente vai estar velho e não vai dar conta de fazer muita coisa e vai vir só pra participar como tem muita gente hoje que já fez muito mas hoje não consegue fazer nada, vem só pra participar e fica feliz com o que a gente está fazendo. Eu recebi muita reclamação por não estar vindo todos os dias esse ano porque as pessoas acreditam na gente, eu sei que é uma falha minha, vai chegar uma época que meus meninos vão vir e vão me trazer só pra ver a folia. É um período de reencontro onde a gente encontra com os amigos, com os familiares.

ROSANA: E como vocês estão fazendo com as novas gerações? Como vocês estão transmitindo o conhecimento pra eles?

Tem os foliões mirins (fala do João Pedro, filho do Fernando) que foi folião em 2019 e a irmã dele já está na fila pra ser foliã nos próximos anos.

Perguntei para o João Pedro o que ele já aprendeu e ele me disse que já aprendeu que tem que girar, que tem os pousos, que tem que ter ajuda das pessoas, da prefeitura. Perguntei o que ele gosta de fazer, se gosta de cantar ou tocar algum instrumento e ele disse que gosta só de vir e participar da folia.

FERNANDO: Tem um projetinho também, em 2012 eu pensei nesse projeto, mas não deu certo, em 2018 a gente tentou fazer, mas ainda não funcionou, que é criar uma escolinha em Uruceres de catira e de música. Mas, assim, precisa de ter mais gente para ajudar, mais gente pra comprar a ideia, mas eu acho que seria fantástico, se a gente fizesse uma escolinha por três anos a gente mantinha a folia por mais 50 anos.

ROSANA: Você já tem o projeto escrito?

FERNANDO: Não, mas eu tenho algumas ideias de fazer as aulas a cada dois finais de semana. Como a gente não mora em Uruceres e como a gente tem algumas pessoas que podem ser professores em Jaraguá e em Uruceres, tem o Wemerson de Anápolis que daria muito certo pra ser professor também. Então ou a gente faria as aulas a cada dois finais de semana ou estipular por região, quem está em Anápolis monta um grupo em Anápolis que está em Uruceres ou Jaraguá monta outro grupo por aqui em Uruceres pra não ficar tão difícil para as pessoas. Eu acho que seria um projeto muito bom, e não precisa ser só de rapazes, meninos, pode ser de meninas também. A folia de antigamente tinha mulheres que cantavam na folia também, só que hoje não tem mais. Agora como a igualdade chegou aí, o Wemerson hoje é um exemplo com as meninas dele, elas cantam quase tudo da folia, inclusive ontem elas agradeceram a mesa. Então a gente pode ter o incentivo de outras mulheres também. Teve um grupo de catira feminino, mas que não teve continuidade. Tem espaço pra todo mundo, o que não pode é deixar a tradição morrer.

ROSANA: E o que é a folia pra você?

FERNANDO: Folia pra mim é uma coisa que eu aprendi a gostar demais, tenho um amor muito grande, as vezes até passa esse amor, de tão grande que é. Eu casei em outra região, com uma pessoa totalmente diferente do ambiente que eu vivia, mas assim, eles aprenderam a gostar também. Pra mim é um momento de reencontrar os amigos, os familiares. As vezes a gente passa o ano inteirinho esperando pra encontrar os parentes e amigos na folia, as vezes até moram perto, numa cidade perto mas a gente não vai na casa deles, mas se encontra na folia. A gente nunca vai na casa dos amigos e parentes mas nos encontramos na folia. Lembra do passado, lembra daquelas pessoas que já partiram, de uma forma tranquila. Final de ano pra mim é folia.

Fala do João Pedro – que ficou o tempo todo perto do pai durante a entrevista e queria aparecer na televisão - A gente vai pra folia pra encontrar os amigos e rezar, agradecer pelo ano novo, a folia é perto de Reveion, que a gente comemora o ano novo e na folia a gente comemora o nascimento de Jesus e o ano novo, então os dois tem alguma coisa em comum.

FERNANDO: A folia hoje é pra nós, mas nós temos que pensar nela para as outras pessoas no futuro. Não pra nós, porque amanhã a gente pode não estar aqui mais,

mas outras pessoas vão necessitar disso aqui, então a gente tem que fazer pensando no futuro, pensando em outras pessoas, porque a folia se ela manter essa tradição... Lógico que mudou, antigamente o pessoal andava a cavalo, todo mundo molhando, com capa de chuva. Hoje não, todo mundo está de carro, é mais moderno, a cada ano um já procura comprar um carro pra vir pra folia. Mas assim, por mais que fica moderno a folia tem aquela raiz lá de quando começou, o jeito, o sistema, tudinho, a música...

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O FOLIÃO JOÃO JAIR DE ANDRADE (FIO)

O João Jair de Andrade tem 64 anos e é o tesoureiro do grupo de folia, nasceu em Uruana e mora em Anápolis a 45 anos

Data: 04/01/2020

ROSANA: A quanto tempo você participa da folia em Uruceres?

JOÃO JAIR: Participo da folia a mais de 50 anos, faço parte do Conselho da folia como tesoureiro e esse ano sou o Alferes (o Benedito Pereira está doente e não tem condições de atuar como alferes).

ROSANA: Como foi definido o Conselho e as funções dentro dele?

JOÃO JAIR: Há quatro anos nós tínhamos como coordenador o Fernando Parreira, o Conselho tem 10 pessoas, mas as funções mais atuantes são o coordenador, o subcoordenador e o tesoureiro. Hoje o coordenador é o Wemerson e o Fernando não está mais no conselho.

ROSANA: Você conhece a história do grupo da folia?

JOÃO JAIR: Essa história é longa, eu era criança com três ou quatro anos e já se falava desse grupo. Tem bastante tempo que eu estou na folia, graças a Deus e faço porque gosto, eu amo.

ROSANA: Como é o processo de organização da folia? Hoje vocês falaram aqui que já tem todos os pousos do próximo ano. Como começa a organização dos próximos pousos? Como começa a definição do giro?

JOÃO JAIR: Essa organização dos pousos começa com muitas promessas, nós temos cinco pousos e hoje nós temos promessa de oito para o próximo ano, só que são só promessas, não tem nada ainda definido. A gente só vai definir em julho ou agosto. É o serviço que eu faço, a confirmação de quem vai dar o pouso. Aí eu venho, pego o folião que vai ser o folião do ano, quando nosso coordenador pode vir ele nos acompanha. Aí a gente vai na casa de cada um, confirma, se ele fala que realmente vai dar, a gente anota o nome, o endereço, pra ser lançado no nosso cartaz da folia que é feito sobre a minha responsabilidade.

ROSANA: Há quanto tempo você faz esses cartazes?

JOÃO JAIR: A seis anos.

ROSANA: Vocês têm guardado esses cartazes?

JOÃO JAIR: Tem, alguns, até o ano passado a gente tem guardado o balancete da folia retrasada, mas aí nós resolvemos jogar algumas coisas fora pra não ficar muita coisa guardada. O trabalho do tesoureiro é muito difícil, é muito árduo, a gente recebe muitas críticas, raramente eu recebo um elogio.

ROSANA: Vocês tem uma conta para o grupo?

JOÃO JAIR: A gente tem uma conta, da Caixa Econômica Federal, a conta pra nós ela é da folia, mas está em meu nome, eu tenho um cartão específico da conta. Não está no nome da folia porque a folia não é registrada, ela não tem CNPJ e não tem como abrir uma conta em nome da folia. É sempre feita a prestação de conta, há balancetes que ficam guardados.

ROSANA: Como é essa questão dos patrocínios? Vocês vão atrás das pessoas, das empresas?

JOÃO JAIR: Olha, esse patrocínio que a gente tem hoje, graças a Deus é um patrocínio permanente, raramente a gente muda alguém, alguém deixa de nos ajudar. Esse ano mesmo nós temos 42 patrocinadores, fora o bingo que a nossa folia faz todo ano. Esse bingo tem os colaboradores dele que sem a gente pedir sempre fazem doação de prenda para o bingo. É um serviço que eu faço o ano todo. Durante a folia as pessoas oferecem para doar prendas para o ano seguinte, aí eu anoto o nome da pessoa, a prenda. Tá terminando uma folia no dia 6 e já está começando a do ano seguinte.

ROSANA: Quanto se gasta numa folia? Vocês têm uma noção?

JOÃO JAIR: Olha essa folia pra organizar os cartazes, alguma lembrancinha como as violinhas (esse ano foi feito adesivo de carro em forma de viola), tem os lenços pra identificar os foliões. Atualmente se gasta em média R\$ 3.500,00 a R\$ 3.800,00 por ano, sem contar o pouso que é por conta do dono da casa e não fica barato, infelizmente é um pouso caro, mas graças a Deus as pessoas ganham muita coisa, tem muita ajuda. Graças a Deus o povo ajuda demais, tem pessoa que gasta pouco do próprio bolso devido às doações, se não for assim fica muito pesado. Graças a Deus na nossa região a nossa folia é muito bem aceita e tem pouso que se junta mais de 500 ou 600 pessoas. Já pensou tratar de 600 pessoas sem ganhar um nada de doação?

ROSANA: Como você explicaria a festa da folia para uma pessoa que não conhece folia?

JOÃO JAIR: Olha, a primeira coisa que eu falo pra ela é: você tem tempo? Porque é uma longa história. Termina a folia no dia 06 de janeiro e já no dia 07 a gente começa a programação da próxima folia. Pra definir os pousos do ano seguinte as vezes a gente visita até três vezes a mesma pessoa até ela definir se realmente vai aceitar dar o pouso. Se não aceitar aí tem que começar o processo todo novamente com outra pessoa. Aí a gente vai, pede, aí a pessoa pede um tempo pra pensar, pra reunir a família e pedir ajuda e a gente tem que dar esse tempo, porque é muito gasto de dinheiro, de trabalho e de tempo. Pra quem vai dar um pouso de folia, é no mínimo quatro dias de preparação, preparação das comidas e da casa. Aí você tem que sair atrás das cozinheiras, dos serventes e de outras pessoas que se dispõe a te ajudar, direta ou indiretamente. A gente vê aqui as pessoas trabalhando na festa, mas antes da festa já tem muita gente trabalhando.

ROSANA: O que a folia representa pra você?

JOÃO JAIR: Olha, pra gente que gosta, representa tudo, tudo. Não sei nem como te definir assim, porque pra mim, a gente fica esperando essa data o ano inteiro, principalmente pra quem ajuda a organizar, então significa tudo. Atualmente minha vida acaba girando em torno da folia. Aí vem amor, dedicação, prosperidade e outras coisas que se a gente fosse definir tudo o tempo era pouco. Só numa entrevista eu não vou conseguir tudo, porque é um modo de vida, é um reencontro com os amigos,

todo ano a gente vê um monte de gente que você não vê a muito tempo e encontra só na folia.

Essa época é a época da gente reencontrar as pessoas queridas. Hoje mesmo eu encontrei um senhor aqui que era muito amigo do meu pai, ele me olhou e falou assim: “escuta, você é o filho do Divino Carrijo?” Eu falei sou. Ele disse: você me conhece? Eu falei: claro! Tinha 38 anos que eu não o via e ele mora na mesma cidade que eu moro e viemos nos encontrar aqui. (risos) Então é isso...

ROSANA: Você participa de outro grupo de folia ou só desse?

JOÃO JAIR: Só desse, sempre a gente é convidado a participar de outros pousos de folia, mas a gente vai como convidado mesmo. Pra trabalhar é só mesmo nessa folia.

ROSANA: Você mora em Anápolis e vem pra cá que dia?

JOÃO JAIR: Eu sempre venho logo após o natal, esse ano em vim dia 27 de dezembro e vou ficar até dia 08 de janeiro, porque quando terminar a gente já vai começar os preparativos para a próxima folia e nunca a gente consegue deixar tudo pronto. Sempre fica alguma pendência pra traz e a gente tem que correr atrás dessas pendências pra deixar tudo ok.

Tem que fazer recontagem dos materiais, fazer uma lista, passar pra pessoa responsável por esse material, que hoje é a Cintia e a mãe dela a dona Benedita, que moram em Uruceres. Todos os materiais ficam lá (Cadeiras, mesas, panelas, som, forros, etc)

Esses materiais não ficam disponíveis só pra nossa folia, tá! Caso alguém queira fazer uma festa e não tem mesa, não tem cadeira, não tem panela, não tem talheres, a gente tem lá. Só pra nossa região, está a inteira disposição, desde que haja um compromisso da pessoa vir buscar, cuidar e entregar a gente doa/ empresta, sem cobrar nada por isso. É da folia, é para comunidade, não é só pra folia.

O grupo está com algumas pendências que precisam ser organizadas, existem vários projetos, mas pra isso acontecer tem que haver algumas mudanças. Depois do término da folia o Conselho vai se reunir pra tratar dessas mudanças que não podem ser divulgadas agora.